

KAUTSY –siUmlaçKsāsSoutkyt(1k(

94)o“ensJo“)t4)nsdykcunsdyk”“tnsg)o“ríoc

Muitti oitsJde āti“Jtast ls n”,upairu,uars rslit”s.

hmnt«ia »sJtuit āti,i”lun “s”li”nt cJliJa n ,tnfn«m sa gstonlsa. xtn Jr n”,upairu,ne
íJi āti,i”lun “s”li”nt s ās-s cJlnu“s n Jr tiáuri l i ,tnfn«msa gstonlsa. êJ aiOne n
E,sāun ia,n-n nfit,n n ,slsaer i”sa nsa cJliJae íJi nāti“untunr Jr tiáuri li
,tnfn«msa gstonlsa.

osJua L«n”“.

KJáJa,i L«n”íJue kaJgtyáus J”u-itan« (n -u,1tun lsa OJliJa9. L«n”íJu uli”,ugu“n-n sa
OJliJa “sr n fItáJiaune íJi íJitun littJfnt -us«i”, nri”,i. K 4 li)iAirfts li wR?wU
v...those Jwatorwcmehpitdatmrnearpfmrnatgmswrwhtuogtoh úvkmthossepJmtorwcmehmit
mhntormt,vahmiToJdmtbyyyxtlMmhntiAwrnearwhpwwgmgdQanvh,vwigEtiMpcCrmfmrntgmht
uowsāN

MtsJlms”e s cJliJ (Jr gtnJJ«i”,s āntnaç,u“s i gnf tu“nlst. vmhntortmrnemfmnnmoeEt
naoTaohtsepogoimoXIppaphwnmEtLowtaICemEtmrtppspwemhEt,affmtmrnwEhlpEtipt
spSew,pnwarEtimtfpLowJrarrpālm

dkE“ctesāsxgoposr4s(kcō“4((“ōk(nsfk)k(t1kspo)kónfk)k(j1tukscōs“rktuk” .

kjn” idā«su,u”á ai“e n āisā«i sg «ii“miae n -stn“u sJa āntnau,i9. úvnaont,mtfargmtTowsEt
saefprntormthm,nmtmXliawnprnmEtortImolimthprJhomEtoimtlpephwnmtgdcaēpñ

kju”,i««uái”,e a“miru”āe náu«ie aāi“J«n,u”á ciba9

m)“□oc1s□“crksks9tōkslc1t(4□t1ksrksJ)kck

DlsIntl Kls«āmi)tJrs”,e Ost”n«ua,n i as“un«ua,n gtn”“éae ”n“us”n«ua,n

MJf«u“n on »tn”“i cJu-i ...wRR□□e Jr fia,ai««it s”íduái n aiátíanó□s lsa OJliJa . xr
wRR□e āJf«u“n s «u-ts on »tn”“i cJu-i ...cibuam »tn”“ē s”li n,n“n s āñāi« lsa cJliJa
ir »tn”ón i ntáJri”,n āi«n aJn id“«Ja□s ln as“uilnl i. ê «u-ts gsu fir n“s«muls i
-i”liJ w□□.□□□ “1āuna ”s aiJ āturiuts n”s li āJf«u“ nó□s.

»J”ln n K”,uairu,u“ oináJi sg »tn”“i ir wRR□ .

xr wR□4e gsu ,nrf(r gJ”lnlst i ilu,st ls on oufti M nts«ie Ost”n« n”,upOJlnu“s

de ouro”, que tem de ser persuadida da sua própria importância, relevância e direito ao poder, e é claro que isto funciona por meio de mitos elaborados para o propósito, “mentiras nobres”.

As subcastas no topo da managerial class.

No topo da managerial class, subcastas de pig fairy demons.

O topo da casta de “eunucos” / celibato dos funcionários, favorecido sob despotismo. No topo da managerial class, estes sistemas são sempre organizados, geridos e mantidos por irmandades de – não há outra forma de colocá-lo – pig fairy demons. E isto é válido quer estejamos a falar de sacerdotes, intelectuais de topo, gestores de topo, “irmãos” deste e daquele género, comissários, etc. São a casta de “eunucos” de topo, em essência. O estatuto de eunuco é depois generalizado ao longo de toda a estrutura managerial; em sistemas muito consolidados, toda a managerial class é composta de eunucos. Casar e ter filhos é algo que compete com a total e completa devoção ao serviço do estado, em nome dos proprietários da sociedade, que casam e têm filhos, muitos filhos.

Tipos essencial do pig fairy demon. O tipos essencial desta subcasta de topo é o homem de meia idade, gordo, macilento, uivante, espumante, uma criatura degenerada que rebola pelos cantos e se roça pelas paredes, devoluta ao mais profundo abismo existencial.

Pedofilia como norma ritual / destruição de beleza e de inocência. Aqui, pedofilia é sempre uma norma ritual, genuinamente sacralizada sob cultismo de irmandade, porque simboliza a destruição da beleza e da inocência. Destruição de beleza e inocência é o mote essencial de todo o sistema. Portanto, estes regimes têm sempre elaboradas redes de orfanatos e de tráfico de crianças, onde estes predadores podem ter os seus momentos infernais de evisceração da alma humana.

Mulheres odiadas, temidas, desprezadas / “women not allowed”, a este nível.

Depois, só fica degeneração. As mulheres são odiadas, temidas e desprezadas, pelo mesmo exacto motivo; beleza. E é um facto que, nestes níveis de topo, todos são ensinados a funcionar como eunucos. Women not allowed, o que significa que estes “eunucos” são submetidos a todo o tipo de processos e teatralizações para os fazer ganhar pavor e ódio a mulheres. Depois, estas pessoas podem satisfazer-se de outras formas, contando que sejam invariavelmente degeneradas. A profusão de degeneração porno na web, na teia, mostra, entre várias outras coisas, que este código está a ser generalizado para o resto da sociedade.

Ramos femininos, se existirem, são sempre laterais e acessórios.

Membras submetidas ao mesmo exacto tipo de desumanização.

Algumas serão usadas como prostitutas, para pessoas de topo. Nas sociedades em que os topos da managerial class incluem ramos femininos (nas ocasiões em que existem, são *sempre* laterais e acessórios) essas mulheres são submetidas ao mesmo tipo de processo que os homens; e isto inclui, nos níveis que o “justifiquem”, a descida ao mesmo género de degradação. Porém, é comum que algumas delas sejam depois usadas como prostitutas para pessoas que têm importância e que o podem pagar, na estrutura da sociedade. O e.g. do gineceu clássico, ou dos conventos de freiras que operavam como bordéis exclusivos para famílias aristocráticas europeias.

“Eunucos” no topo incorporam o papel do “deus”/“deusa”.

A imagem da deusa insana, a girar sobre si mesma para espalhar destruição. Ao longo da história, muitas sociedades totalitárias têm usado a imagem da deusa-mãe, como comentado atrás. Muitas destas sociedades (quase todas, na verdade) usam a imagem da deusa insana. A deusa dança a girar sobre si própria, o que significa que existe “desequilíbrio equilibrado”, com um ponto de equilíbrio no ego. A dança espalha destruição a toda a volta.

Autoritarismo, prepotência arbitrariedade – narcisismo extremo. É uma personagem autoritária, prepotente, arbitrária. Tem sede de sangue. Expressa narcisismo extremo por excelência.

Imagem “feminina” (caricatura de feminilidade) funciona como PR.

Mas também é fenómeno projectivo, para expressar subcasta degenerada no topo.

Doublebind, onde mulheres são objecto de ódio e devoção narcísica, projecção. Em boa parte, e como mencionado, isto é um windowdressing, uma operação de relações públicas que procura dar conotação feminina a um sistema baseado em saque, brutalidade, exploração. Mas é algo mais que isso. Em parte, é algo que reflecte um fenómeno projectivo muito importante que é cultivado nas subcastas de homens degenerados no topo da managerial class. As deusas insanas, caprichosas e uivantes, as mães sanguinárias e autoritárias, são *eles próprios*; homens macilentos, repulsivos, bêbados em poder. Pedófilos. É preciso ter consciência da degradação extrema que é cultivada a estes níveis para perceber como isso funciona. É um fenómeno incrivelmente perturbador e feio. A imagem da deusa insana é a imagem trademark do eunuco de topo. É a projecção do “what I ought to be”. As mulheres são per se odiadas e temidas, e o objecto de ódio e pavor extremo é também o objecto de devoção narcísica extrema. Compreenda-se esta pequena rule of thumb e compreende-se muito neste mundo.

“Deusa” também é o “deus” / hermafrodita / 1000 caras / Religião Perene, gnosticismo.

Expressa sempre o “eunuco” de topo, que incorpora esta personalidade. Agora, a “deusa” é sempre o “deus”. As culturas da “deusa-mãe” são sempre “governadas” por uma entidade ambígua, sexualmente ambivalente; um hermafrodita. Astarte é também Moloch. Afrodite é

também Dionísio. E assim sucessivamente. As duas contrapartes da mesma moeda hermafrodítica. Nalgumas situações, a divindade é masculina. Noutras é feminina. Na verdade, tem 1000 caras, uma para cada situação, uma para cada lugar, uma para cada público, para enganar e para iludir. Esta é a Religião Perene, a religião gnóstica, a religião das 1000 caras. A divindade é sempre a mesma criatura, um eidolon autoritário, arbitrário, sedento de sangue e de poder. No que releva a este tópico, isto é o “eunuco de topo”, apesar de significar algo mais que isto, significa a Serpente [ver notas sobre *Gnosticismo*]. O “eunuco de topo” incorpora este papel sobre a Terra. Para chegar a este ponto, é submetido a um tratamento muito severo de despersonalização e preenchimento com esta nova essência.

O “deus” é um choninhas macilento, e é também o distribuidor de violência e terror.

A “deusa” insana, um objecto de pavor, insegurança, devoção neurótica. Ao longo da história, o deus caprichoso, impertinente e vápido é também o distribuidor de violência e agressão irrestrita e uma fonte de terror; que ninguém contrariasse os sacerdotes de Moloch! A contraparte hermafrodítica disto, a deusa simultaneamente maternal, prepotente e insana tornava-se num objecto de devoção neurótica.

Moldar homens e mulheres para typos do “deus” e da “deusa”.

I.e. vapidez, superfluidade, narcisismo mesquinho / caricaturas.

Destrutividade / objectivo de tudo isto é absorver, destruir / depois, self-destruct.

Começa com eviscação da alma humana / interrompido por regeneração. Uma sociedade moldada sob este tipo de paradigma vai sempre tentar moldar os géneros à imagem do “deus”/“deusa”. A ideia é sempre a de transpor esta essência vápida e supérflua, este narcisismo mesquinho e destrutivo, para cada pessoa em existência. Como apontado atrás, o homem e a mulher têm de ser tornados caricaturas de si mesmos. Todos têm de ser igualmente patéticos, degradados, insípidos. Coqueluches para o sistema oligárquico; pequenos brinquedos, que se mantêm enquanto são úteis e divertidos, e se descartam quando deixam de o ser. Todos têm de ser destruídos e tornados destrutivos. A ideia, convém sempre reiterá-lo, é a de usar este tipo de sistema para lançar vagas de destrutividade por toda a Terra. Absorver, destruir, estourar. Depois, self-destruct. Tudo isso começa com a destruição da alma humana e é interrompido pela sua regeneração.

Pride and Prejudice – and Socialism

Possível storyline para script

*Complemento em notas sobre **Socialismo** / **Agenda 21** / **Comunitarismo** / **Feudalismo** / **Modernismo***

British East India Co., a grande potência imperial do seu tempo.

Ascensão de Razão e Liberdade torna imperialismo anacrónico.

East India Co. organiza reacção e lança bases para marxismo e neoliberalismo.

(1) Exploração extrema, comunas laborais, guarnições de Redcoats são... liberdade!

[* Um extra vital neste ponto: Exercício de soberania vs usurpação de poder.

(2) “Recursos limitados” exigem gestão autoritária, exploração.

(3) Colonizar mentes com nonsense é a melhor das insurance policies.

(4) Pride and prejudice – e darwinismo social.

(5) Thomas Malthus: Racismo de classe, pseudociência, previsões invariavelmente falhadas.

(6) Thomas Malthus: Medidas para reduzir a “surplus population” (pobres).

(7) Pillagem da Índia e Holocausto Irlandês, modelos de sustentabilidade populacional.

Mentalidade da economia política britânica ganha hegemonia no mainstream.

Scrooge, um velho impiedoso, devotado a comunitarismo e desenvolvimento sustentável.

Socialismo Inglês: Fabian Society, o epicentro de Socialismo Global.

Socialismo internacional – Meios dominados por aristocratas e elitistas de upper middle class.

O lobo em pele de cordeiro; neo-feudalismo e racismo de classe.

A Utopia socialista fabiana é...a Idade Média!

O amor fabiano por nazismo e sovietismo.

SIS / Cambridge Fabians / Chatham House e a rede de influência global da City.

Lord Milner era um socialista progressivo / apartheid.

John Ruskin, o pai ideológico da aliança finança/socialistas.

300 anos de reacção oligárquica contra avanços Modernistas (1).

300 anos de reacção oligárquica (2) – Colectivismo, i.e. Socialismo.

Socialismo pode ser de esquerda, mas também de direita.

As formas mais extremas de Socialismo são, claro, Comunismo e Fascismo.

Regimes oligárquicos são regimes usurpatórios por crime organizado.

300 anos de reacção oligárquica (3) – Nostalgia medieval e kool aid cults.

A romantização de aristocracia, subdesenvolvimento, desigualdade perpétua [Romantismo].

Alemanha, entre modernização e rusticismo völkish.

Prússia assume controlo sobre Alemanha e “sabe como lidar com Modernismo”.

Prússia: a dança das cadeiras entre socialismo de esquerda e socialismo de direita.

Prússia: viveiros de ideólogos a recibos verdes / Fichte e Hegel.

Rousseau: Schadenfreude, subdesenvolvimento e totalitarismo.

Restauracionistas Católicos: a Aldeia Global neofeudal, sob Imperador do Mundo e Papa.

Saint-Simon inspira-se nestes simoníacos católicos.

Saint-Simon elabora reacção geral contra Modernismo / Aldeia Global.

Comte, “essencial alienar proletários de classes médias para assegurar domínio oligárquico!”

Karl Marx aprende Socialismo com Saint-Simon e responde a apelo de Comte.

Karl Marx tem o perfil típico do provocador ideológico a contrato.

Marx: estandardização do mundo por blüt und feuer, para Socialismo global.

Marx e Engels exigem a assimilação coerciva do povo Judaico.

Marx, Marlo e Hegel / O jogo dialéctico entre Comunismo e Fascismo (síntese em []).

Karl Marx, um dandy provocateur em Londres.

Trabalhadores do mundo, uni-vos para exploração internacional irrestrita comunitária!

Engels e Eleanor Marx trabalham directamente com SIS e Old Aristocracy.

Processo standard: Destruição em escala abre portas a tirano e a regime oligárquico.

Escola Austríaca junta-se a “britânicos” para subverter e cooptar mercado livre.

Chicago School: crime organizado italo-americano e “anarco-capitalismo” global.

A estrada para comunitarismo managerial global (II).

A globalização da Índia Britânica / comunitarismo managerial (II) / Red Toryism.

James Burnham explica todo o gameplan em “The Managerial Revolution”.

INGSOC.

Apontamentos sobre Modernismo.

Liberdade, desenvolvimento, classes médias, Razão.

Estado-nação clássico / Constitucionalismo liberal.

Direitos individuais / Governo constitucional.

Mercado livre de classe média.

Mercado livre de classe média – a economia natural.

Liberdade significa desenvolvimento e prosperidade / mundo ocidental.

Até as doutrinas totalitárias têm de usar imagética da liberdade individual.

British East India Co., a grande potência imperial do seu tempo.

A “mãe de todas as multinacionais”: uma potência geopolítica, comercial, militar.

Conquista / monopólio / a comuna, para trabalho forçado / Redcoats. A British East India Co. é a “mãe de todas as multinacionais”, e encarna directamente o espírito de monopólio, gestão e agressão que caracteriza os impérios coloniais europeus. A East India Co. não era uma mera companhia; na prática, era o Império Britânico – a maior parte dele, pelo menos. Era a principal driving force institucional para o Império enquanto tal e o principal interesse mercantil no planeta. Tinha exércitos e frotas próprias (incluindo, corsários e piratas), domínio feudal sobre países inteiros, o que incluía a Índia britânica. Travava guerra aberta contra países, outras companhias mercantis, outros impérios. Era uma potência per se, a maior no planeta nesse tempo. Monopólio, escravidão e agressão militar privatizada eram the name of the game. Encontra-se um território com recursos. Conquista-se, pelos canhões ou por subversão; ou por ambos. Instala-se a comuna, a

plantação, para controlo social e trabalho forçado, com os Redcoats a assegurar que ninguém sai da linha. Os shareholders em Londres ficam satisfeitos.

East India Co. organiza Hayleybury College.

Planeamento imperial / centro de estudos e decision-making. A certa altura, a companhia criou a sua própria universidade imperial, o East India College, sucedido pelo Haileybury College. Hayleybury foi organizado para funcionar como o centro de planeamento estratégico para a companhia. Era uma universidade, mas era também um centro de estudos geopolíticos, comerciais, demográficos. Não era o centro a partir do qual o Império era gerido (esse papel é sempre ocupado por round tables em Londres e em centros senhoriais) mas estava bastante perto disso. Era o principal centro de documentação e de estudos para o decision-making do Império. Era também o pólo fulcral para acções de propaganda.

Ascensão de Razão e Liberdade torna imperialismo anacrónico.

Um pouco menos de pride and prejudice, um pouco mais de sense and sensibility. As práticas da East India Co. eram um anacronismo em pleno despertar Modernista. Durante os séculos 18 e 19 temos a ascensão de independência intelectual e das classes médias na Grã-Bretanha. Esse fenómeno criava um ambiente cada vez mais inimico a estas práticas. Escravatura, consolidação monopolista, corso imperial; todas estas coisas tinham algum interesse em antigas histórias sobre Francis Drake, mas eram algo que tinha deixado de fazer sentido na era da printing press democratizada. As terras de Sua Majestade não eram tão livres ou democráticas como alegavam ser (opositores reais ao establishment seriam identificados, presos e deportados para a Austrália, talvez até enforcados) mas havia que começar a fazer as coisas com um pouco menos de pride and prejudice e um pouco mais de sense and sensibility.

Despertar intelectual, auto-educação, iniciativa / classes médias.

“Liberdade”, “mercado livre”, “democracia”, “middle class”, direitos inalienáveis.

Revolução Americana já não é uma pleb rebellion, mas o exemplo a seguir. Esta é uma fase de despertar intelectual, educação clássica e iniciativa. Dos filhos da landed gentry e dos urban retailers era esperado que fossem à vida to succeed on their own. Para muitos, isto significava, claro, ir participar em iniciativas de pirataria imperial em terras distantes. Ao mesmo tempo, esta combinação de factores é algo que cria a mentalidade apropriada para um despertar de conceitos de liberdade; não difícil, num país que apesar de todas as más práticas, dava bastante lip service aos ideais da Magna Carta. “Liberdade”, “liberalismo”, “mercado livre”, “democracia”, “middle class”, tornam-se palavras *muito bonitas e muito apeteceíveis*. Esta é a era da classe média empreendedora e auto-educada, e esta classe começa a exigir direitos políticos e económicos correspondentes – afinal de contas, os direitos *inalienáveis* de qualquer homem e de qualquer mulher. A Revolução Americana, travada contra o autoritarismo imperial europeu, tende cada vez mais a ser vista como um modelo a seguir, uma vitória da liberdade e do espírito humano, e já não tanto como uma pleb rebellion, uma rebellion of the colonials. Esta é, per se, uma era extraordinariamente promissora.

East India Co. organiza reacção e lança bases para marxismo e neoliberalismo.

Usar academia para racionalizar práticas obscurantistas. É neste clima intelectual e político que o establishment britânico e a East India Co. vão tentar encontrar uma forma de legitimar e racionalizar as suas práticas anacrónicas e obscurantistas, e vão fazê-lo através da academia.

Distorcer conceitos a 180°, redefinir exploração e escravagismo como... liberalismo!

Hayleybury / Mills, Ricardo, etc. / reciclagem de spin doctoring Veneziano.

“Economia política britânica”.

A base de inspiração para neoliberalismo e marxismo. Hayleybury College, o centro daquilo que viria a ser conhecido como economia política britânica. É a partir daqui, o centro intelectual da East India Co. que o establishment vai encetar uma das suas drives essenciais de reacção contra o despertar de modernismo e de liberalismo. Fá-lo através de professores, intelectuais, decanos, cátedras. Toda a ideia era encontrar uma forma de reciclar conceitos de monopólio e escravagismo, mas fazê-lo de uma forma tal que fosse aceitável à média das pessoas; uma abordagem sensível, as opposed to wise (in the sense of *real* wisdom). O que sai daqui é a racionalização do velho mercantilismo imperial, usando as linhas académicas definidas séculos antes por outros spin doctors de exploração e escravatura, os Venezianos, mas agora vestindo tudo isto com linguagem modernista. Onde antes se lia saque e exploração, agora deveria ler-se... liberalismo!

Todo o esforço foi protagonizado por prostitutas intelectuais como David Ricardo, James Mill, John Stuart Mill, Jeremy Bentham, e outros. O resultado final é aquilo que veio a ser conhecido como economia política britânica, a base de inspiração para “neoliberalismo” e para marxismo, em igual medida.

(1) Exploração extrema, comunas laborais, guarnições de Redcoats são... liberdade!

“Liberdade de mercado” redefinido como ‘liberdade para exercer controlo absoluto’.

“Free trade”, o domínio irrestrito de mercados por megagrupos multinacionais.

Regime legal **tem de favorecer** grandes grupos, em preterimento de restante população.

Soberano dá total liberdade de governo sobre a franchise à corporação concessionada.

I.e. absolutismo, autoritarismo. Sob o reenquadramento semântico elaborado por estas pessoas, “liberdade de mercado” passava a ser a liberdade que um interesse mercantil (um cartel ou um monopólio), “deve ter” para fazer tudo aquilo que queira, em nome de coisas como “maximização de eficiência” ou “maximização de lucro”. O “mercado livre” torna-se aquilo que surge disto. O monopólio, o pool de escravos na comuna laboral, as guarnições militares em redor para assegurar que ninguém sai da linha. Desde que tudo isso esteja nas mãos de grandes concessões, e seja marketizável pelo Barclays e pelo Barings na Stock Exchange, então está tudo bem; é “liberdade”.

Mas “liberdade de mercado” é ainda mais que isso. É “free trade”! E free trade é a ideia de que um mercado *deve ser*, por opção e preferência, inteiramente controlado por grandes companhias mercantis (hoje, multinacionais) dotadas de concessões e privilégios que lhes permitem explorar irrestritamente as populações e os recursos sob a sua tutela. Essa é a parte “free” aqui; muito literalmente, you’re free to take away others’ freedom in the name of extreme profit. “*Um mercado deve ser, por opção e preferência, inteiramente controlado por grandes companhias mercantis*” – como foi dito. É defendido que este estado de controlo absoluto por multinacionais, este absolutismo de shareholders e capatazes de comuna, é *desejável* e tem de ser *promovido, acalentado*. Isto podia implicar que o soberano (hoje, o soberano “é” o povo, mas é representado pelos governos) tem de favorecer abertamente agentes de monopólio. O que isto regra geral significa é que o soberano vai dar o mais completo espaço de auto-regulação a estes agentes, i.e. eu faço o que quero sobre a franchise, o domínio que fui concessionado para explorar. Em troca, tenho de pagar um tributo ao rei, uma fair share of the loot*. Agora, why on Earth would such respectable bastions of academia promote such an advancement of tyranny on the face of this God forsaken Earth! Isto tem uma “boa explicação”, exposta já a seguir.

[* Um extra vital neste ponto: **Exercício de soberania vs usurpação de poder**.

Anterior codifica mercantilismo / e também comunismo, socialismo, fascismo.

Mercantilismo: corporação exerce governo absoluto sobre concessão, cedido por Soberano.

Regime autoritário: é uma corporação legal / exerce “concessão” de governo (totalitário).

Sob autoritarismo moderno, o Soberano (concessionário) é o Povo.

É claro que aqui a “concessão” (governo) é usurpada e autoritariamente imposta ao Soberano.

Porém, regimes usurpatórios listam sempre estes papéis legais / pretensa de legitimidade legal.

Tudo isto é lei mercantil, lei imperial, ainda em vigor.

Franchise sobre um domínio é exercida por entidade concessionada para efeito pelo Soberano.

A franchise de governo é cedida pelo Soberano (Povo) a um governo (servo; serviço público).
(“public service”, “public servant” / a expressão “função pública” já serve para ocultar e desvirtuar esta relação)

O Soberano (Povo – indivíduos e famílias) têm autoridade sobre o governo.

O governo ilegítimo, que assume poder autoritário sobre o Soberano, pode e deve ser destituído.

Liberalismo constitucional democrático.

É o modelo que estabelece equilíbrio nestas relações.

Soberanos (indivíduos e famílias) têm direitos inalienáveis, que ninguém pode usurpar.

Governo é concessionado para arbitrar relações livres entre indivíduos e famílias.

(Prestação de serviços no domínio de todos os Soberanos, o domínio público).

Tem de ser mantido constitucional, limitado, legítimo (dentro da legis/lei vs fora da lei).

(Governo autoritário é um governo ilegítimo, fora da lei, porque usurpa espaço dos Soberanos).

Essencial compreender isto para recuperar espaço usurpado por corporações (estatais e privadas).

* Agora, isto é mercantilismo, ou “anarcocapitalismo”, onde a companhia, a corporação, é o governo sobre o seu território de concessão. Mas isto também é comunismo, socialismo, fascismo. Nestes casos, é considerado que o soberano (povo) “concede” a uma entidade corporativa (“comissões”, “representantes do povo” e afins) *liberdade total* para praticar a franchise de governo sobre todo o território. Nestes casos, é evidente que a “concessão soberana” nunca é realmente concedida, mas sim *usurpada*, por meio de derivas autoritárias, golpes, etc.; e, depois, é levada a cabo por igual autoritarismo e tirania. Mas a presunção é legal é sempre cumprida judiciosamente, e é por isso que URSS, Itália Fascista, Alemanha nazi, China comunista, etc., são sempre estados onde o regime tem a entidade legal de uma *corporação* (depois, claro, estes estados organizam-se como estados corporativos a partir dessa premissa). Os juristas no topo sabem perfeitamente que têm de seguir esta regra; mesmo quando o regime é usurpatório, tem de apresentar uma face limpa em termos legais; tem de poder alegar que o seu direito legal de existência ascende de concessão soberana popular. *Sempre* que um qualquer domínio não está sob o exercício directo de poder do soberano [com “povo”, isto são os indivíduos e as famílias que constituem o “povo”], isso significa que *terá, por força de lei*, que estar sob o poder de uma *corporação* (um *concessionário*) legalmente designado para o efeito; e essa entidade só pode exercer poder na medida em que a tal for licenciada pelo soberano. Esse espírito, claro, só pode ser preservado sob liberalismo constitucional e democrático, onde indivíduos e famílias optam por equilibrar relações entre si através de mediação por governo legítimo, limitado, constitucional (ver também notas sobre o ***estado-nação moderno, democracia liberal***). Tudo isto se baseia em velha lei mercantil, a lei da marca medieval, depois transitada para os impérios marítimos. Mas é o paradigma legal que continua em vigor. Se o soberano assim o quiser, tem o *direito legal a renegar, destituir e expropriar a parte concessionada*. É por isso que este paradigma legal, que subjaz a tudo o que acontece em geopolítica, nunca é mencionado, nos dias que correm (durante os séculos 18 e 19 era de conhecimento comum, e é por isso que Rousseau, por ex., teve de fazer jogos sofisticados para deturpar o estatuto do “soberano” e tentar atribuir todo o poder de “soberania” ao estado totalitário). Este é um dos motivos essenciais pelos quais a pessoa comum tem de começar a pensar em si mesma (e a agir) como um indivíduo soberano com direitos correspondentes, inalienáveis pelo empregado que foi concessionado para o *servir* – prestação de serviços. Todos os indivíduos são *soberanos* aos olhos do Criador, e aos olhos deste tipo de lei humana, sob os actuais regimes políticos, que respondem legalmente ao soberano “Povo”.]

(2) “Recursos limitados” exigem gestão autoritária, exploração.

Limites ao crescimento / não existem recursos para todos / a vitória de um é a derrota de outro.

A visão do mundo como espaço de recursos limitados / nonsense anti-científico.

Sob escassez de recursos, criam-se novos recursos e melhores tecnologias.

Únicos limites são os que podem ser impostos à criatividade humana. O mundo é visto como um espaço de competição por recursos limitados. Simplesmente, não existem recursos suficientes para todos [*é claro que isto é mentira, como estes homens bem sabiam. Toda a história do progresso humano é baseada na invenção de novos recursos e novas tecnologias para encontrar formas de suprir possíveis limitações e possíveis estados de escassez. É assim que o Homem progride das cavernas para a agricultura moderna que os padrões destas pessoas andavam a praticar nas enclosures, neste tempo. E é assim que continua a progredir até à chegada à Lua, and beyond. O único real limite ao crescimento é aquele que pode existir na mente humana, especialmente nas noções morais de alguns, como era o caso com estes homens (sentido moral rastejante); estão a falar de si mesmos, têm mentes pequenas*].

“Limites” implicam “maximização de eficiência”, não por liberdade, mas por controlo estrito. (na verdade, e saindo do reino de quackademia e de delírio oligárquico, aquilo que realmente maximiza eficiência económica é descentralização e livre iniciativa por pequenos e médios empreendimentos, i.e. mercado livre de classe média)

Centralização de decision-making / gestão por “peritos”, i.e. representantes institucionais. Se o mundo é um espaço de limites, isso significa que a vitória de uns é a derrota dos restantes. Dessa forma, é necessário encontrar uma forma de maximizar a eficiência da exploração, da distribuição e do uso de recursos. Maximizar a eficiência de um espaço fechado e limitado é uma situação de racionamento *de facto*, mesmo que nunca seja chamado por esse nome. Isso exige centralização, e exige gestão por pessoas especializadas, peritos técnicos, na verdade, representantes de grandes instituições oligárquicas [*funcionários institucionais que têm de sobrepor o capricho dos oligarcas acima de si, os seus empregadores, a qualquer critério real de verdade científica. É isto que é tecnocracia, i.e. gestão por nerds e por iletrados funcionais com um grau académico, sob a direcção de caprichos oligárquicos*]. E é evidente que, sob este paradigma, os mais importantes de todos os “peritos” são aqueles regulam o espaço do qual todos os outros dependem, o económico: banqueiros e contabilistas financeiros.

Integração de mercado sob cartéis, monopólios directos (i.e. autoritarismo). O mercado tem de ser tornado integrado, sob a direcção desta gestão central especializada. Por outras palavras, monopólio. A forma favorita entre as oligarquias ocidentais é o exercício de monopólio por cartel. É algo que permite controlo autoritário partilhado sobre mercado (i.e. “assegura a gestão integrada do mercado”), ao mesmo tempo que preserva a ilusão de escolha, competitividade, diversidade.

Internacionalismo, sob a gestão de grandes organizações internacionais. Ao mesmo tempo, não é prático que haja diferentes países a competir e a fazer as coisas de forma diferente e descentralizada. That is unacceptable. É um desperdício de recursos e de meios técnicos. É perdulário, diz o establishment. Logo, tem de haver internacionalismo. Controlo mercantil transnacional, com os mesmos bancos e as mesmas companhias e fundações multinacionais no controlo de tudo. Império. Free trade regions, blocos, uniões regionais. Eventualmente, união global, o grande working project da City of London.

Preços elevados, consumo limitado, escassez artificial / custos de produção baixos / sustentabilidade.

Baixa qualidade de produtos / baixos custos laborais: trabalho precário e a **comuna**.

Se existe escassez de recursos e necessidade de maximizar a eficiência de cada esterlina que é investida, isso significa que é melhor que os preços sejam bastante elevados; assegurar sustentabilidade no aproveitamento de recursos implica que não pode haver muita gente a consumir muitos recursos. Escassez artificial e ambientes deflacionários sempre foram um dos favoritos of the Bank of England; e de todos os outros. Também exige que os custos de produção sejam baixos. Isso significa baixa qualidade de produtos, claro. Mas manter custos baixos significa, em especial, trabalho precário, indentured service e escravidão. O sítio de eleição para tudo isto: um no qual os trabalhadores estejam aglomerados sob as condições mais baratas e controladas que seja possível. A comuna laboral.

Monetarismo. O dinheiro não serve o homem, é o homem quem serve o dinheiro, e quem manda no dinheiro são homens que não o são, realmente.

(3) Colonizar mentes com nonsense é a melhor das insurance policies.

Exploração, imperialismo, a comuna e os Redcoats, um *dever civilizacional*. Exercer um monopólio, controlar um território, montar comunas/plantações de escravos, contratar guarnições de mercenários para os proteger, não é bárbaro e imoral – é um *dever civilizacional*. Só isso permite obter maximização de eficiência no uso de recursos e, conseqüentemente, no mercado como um todo integrado. How about that, heh?

Subverter e colonizar a mente com obscurantismo. É apenas natural que quem se dedique a colonizar, a subverter e a escravizar povos e terras procure fazer o mesmo com mentes. Preencher mentes com obscurantismo oligárquico é a melhor das insurance policies.

“Liberalismo”, “mercado livre”, sequestrados para rotular o oposto exacto destes ideais.

Disseminação de obscurantismo académico alimenta obscurantismo político.

Muitas pessoas bem intencionadas são desviadas para dead ends. Tudo isto é, muito naturalmente, o oposto exacto de liberalismo e de mercado livre. É a racionalização académica de barbarismo de estilo feudal; de saque, mesquinhez e exploração anti-humana. Mas foram esses os termos usados para rotular esta atrocidade por estes homens, por estes anjos da morte provindos de um qualquer prostíbulo infernal congelado. De repente, este tipo de lixo era “liberalismo”. E isso veio a induzir muita gente em erro; essa era a intenção, tapar bons termos e bons conceitos com camadas de lixo, para estragar e esconder. Para espalhar ignorância. É isso que este tipo de gente faz. É a única coisa que *sabe* fazer. Muitas almas bem intencionadas, que seriam liberais, acabam por desprezar o termo e nunca conhecer as ideias, por via das acções destes homens. Muitas caem no outro lado da dialéctica de obscurantismo – socialismo. E, outras almas bem intencionadas começam por aderir a liberalismo porque partem com as bases certas (compreendem as ideias de liberdade e pensam que é isso que vão encontrar) mas acabam por servir homens maus, que trabalham para este paradigma.

Muitas destas são, por questões de estudos e/ou de carreira, acabam por ser por ser imersas em obscurantismo académico e corporate, ao ponto tal em que são convertidas à força, ou tornadas desiludidas e não-envolvidas.

(4) Pride and prejudice – e darwinismo social.

O todo integrado é governado pelos “mais meritórios” / executivos financeiros e mercantis.

Globalização é a concretização, para o mundo, de todos os pontos descritos. Um último ponto, essencial, nas formulações deturpadas que surgem do East India College. Quem governa o todo integrado sócio/económico? É claro que esse todo deve ser organizado e gerido por aqueles que demonstraram *mérito* e *capacidade*. Este é um espaço de limites. Achievement meritocrático é o melhor dos critérios, nas estruturas de pirâmide que são construídas em espaços de limites, em cartéis e monopólios. Quais são os mais meritórios e os mais capazes? Bom, são aqueles que ascenderam ao topo da escala: os executivos mercantis. Os banker boys. Os banker boys têm de mandar em tudo. E em todos. Têm de ser os proprietários de tudo e de todos. E é isso que é globalização; a concretização de todos os pontos atrás apontados, nos nossos dias, para o todo do planeta.

Darwinismo social / vitória irrestrita dos “mais aptos”.

Todos os outros são reduzidos à comuna laboral, gestão, selecção eugénica.

Darwin, Galton e Spencer lançam bases para selecção eugénica Nazi e Comunista. Darwinismo social é um dos offshoots ideológicos de tudo isto, agora conduzido a partir do X Club na Royal Society, em Londres. A selecção dos mais fortes, dos mais “aptos”, no ambiente de recursos limitados. A redução de todos os restantes a gestão, a comuna, precariedade, indigência, selecção eugénica. Eventualmente, selecção eugénica culmina em extermínio, um axioma essencial em darwinismo social. O próprio Charles Darwin, a par de Francis Galton e Herbert Spencer foram essenciais para avançar tudo isto, no seu tempo; teriam herdeiros directos e apropriados na Alemanha e na Rússia Soviética. Eugenia para maximização monopolista de eficiência, seja ela feita com foco no sangue (Nazismo), ou com foco em variáveis ideológicas e de personalidade (Comunismo).

Thomas Malthus também vai servir de inspiração directa para Comunistas e Nazis.

(5) Thomas Malthus: Racismo de classe, pseudociência, previsões invariavelmente falhadas.

Em Hayleybury, Malthus expande doutrina do mundo de limites a variáveis demográficas.

“Existem demasiados pobres para recursos existentes” / cut down the “surplus population”.

Racismo de classe, misoginia, e obscurantismo pseudocientífico.

Outra fonte de inspiração directa para Nazis e Comunistas foi outro inglês, Thomas Malthus, outra luminária venenosa de Hayleybury College. Malthus era um charlatão e um linearista, em típica fidelidade à tradição oligárquica. Pequenez mental tem um premium, nestes meios. Malthus parte da supracitada teoria do mundo de recursos limitados (uma teoria deliberadamente corrupta, como os ideólogos de Hayleybury sabiam) para abranger população. Se o mundo é um espaço limitado, então maximização de eficiência deve ser expandida à variável demográfica. Dizer que existem poucos recursos, é similar a dizer que existem demasiadas pessoas a consumir recursos. Se existem demasiadas pessoas, a solução é simples. Faz-se com que existam menos pessoas. Limita-se drasticamente a reprodução e mata-se muita gente. É claro que isto não se aplica a *boas pessoas*. Aplica-se aos *pobres*. Existem *demasiados pobres*. Isso não é devido ao saque, à pilhagem e à monopolização da sociedade por oligarcas corruptos (esses são *boas pessoas*); é mesmo devido ao excesso de pobres per se. Criam-se e reproduzem-se como coelhos e, depois, são uma vista horrível e inquietante nos sunny green fields of England. A população (de pobres, mind you) cresce sempre mais rápido que a disponibilidade de comida, diz-nos Malthus (sem nunca comentar o facto de as classes aristocráticas estarem, na altura, a saquear terras a centenas de milhares de pequenos e médios agricultores, que se tornavam depois pobres).

Corrupção epistemológica: ausência de dados empíricos / particularismo, linearidade.

Sistemas complexos exigem estudo matricial e hipergeométrico.

Malthus desconta o factor de inovação tecnológica.

Falha **todas** as previsões que faz.

Seja como for, a relação linear população x comida que é proclamada por Malthus começa por ser um exemplo típico de empirismo radical, uma forma de autismo racionalizado, pela qual a realidade, um espaço complexo e multivariado é “reduzido” à proclamação de relações lineares ad hoc, tipicamente guiadas por motivos ideológicos (só ideólogos, por oposição a cientistas, poderiam querer impor relações lineares a realidades complexas, realidades que *têm* de ser estudadas de forma matricial e hipergeométrica). Depois, o nonsense de Malthus não é baseado em quaisquer factos científicos concretos (na edição original do seu Essay on the Principle of Population, Malthus limita-se a citar episódios anedóticos, observações pessoais, sobre esta e aquela povoação – nas versões posteriores, usa uns quantos dados soltos do censo feito à população britânica, para tentar dar uma roupagem algo mais credível a todo o seu nonsense). Por fim, é claro que Malthus falhou *todas* as previsões que fez. E.g. Malthus nunca contabilizou o factor da inovação tecnológica. Ao longo das décadas e do século seguinte, a introdução de nova tecnologia tornou a produção alimentar muito mais produtiva do que alguma vez o tinha sido, até aí.

(6) Thomas Malthus: Medidas para reduzir a “surplus population” (pobres).

Limitar drasticamente reprodução / cortar assistência social / comunas de trabalho forçado.

Criação deliberada de péssimas condições de vida / Disseminação propositada de doenças.

Muitas destas medidas são adoptadas na Grã-Bretanha, matando muitas, muitas pessoas.

Muito disto para o futuro próximo, no Ocidente.

Portanto, se existe pouca comida, e os pobres se multiplicam depressa demais, isso significa, como dito anteriormente, que os pobres têm de consumir menos, que a sua reprodução tem de ser submetida a controlo pelos seus mestres, a oligarquia de estilo hindu, e que tem de haver morte em massa de pobres. Malthus percorre todo o espectro, e faz as mais variadas sugestões para cada um destes domínios. Uma das suas propostas principais, mais tarde adoptada, é o fim da Poor Law, o fim da assistência social aos pobres. Deixá-los morrer à fome, literalmente. Foi na década que vem na sequência disso, pelos meados do século 19, que morrem 1 milhão de pessoas no espaço de uma década, por desnutrição e doença, na metrópole do império mais rico do planeta. Outra proposta essencial, reduzir os standards de vida na cidade média ao nível mais degradante que seja possível. Ainda, agregar os pobres em workhouses; comunas de trabalho forçado. Se queres uma sopa, trabalha para a companhia. Espalhar deliberadamente doenças nas comunas. Malthus deleita-se a sugerir formas de disseminar tifo entre os “hóspedes” destas instituições caritativas (muitas deste género para o mundo ocidental, nas décadas que aí vêm). Se as camas estiverem a esta distância específica, no dormitório, diz-nos Malthus, as doenças pegam-se mais rapidamente. E, construam-se estas poorhouses “by stagnant ponds”, assim é mais fácil. Os Comunistas e os Nazis foram buscar a larga maioria das suas ideias à Grã-Bretanha.

(7) Pilhagem da Índia e Holocausto Irlandês, modelos de sustentabilidade populacional.

Malthus coordena pilhagem económica da Índia no início do século 19 (mínimo de 1M de mortes). A ideologia de Malthus também serve, claro, para legitimar saque e exploração imperial em escala. Aliás, Malthus é um dos coordenadores, em Hayleybury, para aquilo que acontece na Índia britânica no início do século 19: a pilhagem económica do território pela East India Co., resultando na morte de mais de 1M de seres humanos.

Métodos de Malthus são usados na Irlanda (Holocausto Irlandês).

Blockade comercial / lei marcial, por Redcoats / expropriações e confiscações em massa.

Migrações de pânico / comunas, para trabalho forçado e eutanásia.

População da Irlanda decai em 6M.

Os métodos usados na Índia são depois usados em meados do século 19 contra a Irlanda; o Império faz uma literal blockade comercial à ilha, com o propósito *explícito* de reduzir drasticamente a população. Os redcoats colocam o território sob lei marcial, expropriam pequenos e médios agricultores em massa (toda a gente era PM agricultor) e confiscam comida, animais, ferramentas de trabalho, etc. Depois, proíbem o fluxo de ajuda humanitária da América. As opções são trabalhar na workhouse (até morrer de desnutrição ou tifo; estas workhouses eram centros de trabalho forçado, mas também casas de eutanásia) ou fugir do país, pagando sempre uma “fair share” aos shippers de Liverpool. Por fim, tudo isto é culpado numa inconsequente doença da

batata, algo que nem sequer era um alimento essencial dos irlandeses. O twist of sick humour no topo. E às vezes muito literal. E.g. na Grã-Bretanha, monstros como Carlyle (os proponentes de desenvolvimento sustentável à era) escrevem editoriais no Times e em outros sítios a celebrar a mortandade irlandesa. Ainda hoje não se sabe o número exacto de seres humanos que foram mortos durante os 6/7 anos em que isto durou, mas estimativas aproximadas com dados de censos sugerem que a população decaiu em 6 milhões de pessoas. Muitos destes fugiram para a América (a grande fase de influxo de irlandeses no país); mas milhões morreram. O Holocausto Irlandês, como é chamado hoje em dia.

Malthus: nulidade académica / benchmark para racionalização e perpetração de genocídio.

Inspiração essencial para Comunistas e para todos os restantes regimes de crime organizado.

Modelo usado sobre o Terceiro Mundo, para o tornar em tal.

Modelo para o planeta, sob Sustentabilidade Global. Os méritos académicos de Malthus são nulos, mas o seu sistema de racionalização e de perpetração de genocídio é o benchmark para todos os regimes criminosos dos últimos dois séculos. É o método que os Comunistas usam *sempre* contra as suas próprias populações e sobre territórios conquistados. É o modelo seguido por Nazis e Fascistas. É o modelo usado sobre África e sobre o Terceiro Mundo em geral, no espaço do último meio século. É o método que será utilizado, de modo igualmente deliberado, sobre todo o globo, através de Sustentabilidade Global, a corrida para o fundo de globalização mercantil.

Mentalidade da economia política britânica ganha hegemonia no mainstream. Ainda durante o século 19, com aceleração drástica a partir de meados do século 20, a mentalidade da economia política britânica ganha uma hegemonia extremamente perniciosa sobre o pensamento académico e político, para a larga generalidade dos millieus mainstream.

Scrooge, um velho impiedoso, devotado a comunitarismo e desenvolvimento sustentável.

Scrooge, o executivo neoliberal obcecado com comunitarismo e sustentabilidade monetária.

“Os pobres já têm a poor law, a workhouse e a prisão – ainda querem mais?”

“Let them die and reduce the surplus population”.

À direita, a postura geral que sai disto é aquela que Dickens tão bem retrata em “A Christmas Carol”. O rústico e auto-conceituado Scrooge fica genuinamente ofendido quando lhe perguntam se quer contribuir para melhorar o nível de vida dos pobres. Afinal de contas, responde, os pobres têm a poor law, a treadmill, a workhouse, e até a prisão. Estas pessoas ainda querem mais? Um atrevimento, para o respectable Scrooge. Os interlocutores tentam fazer-lhe ver que subsistir sob condições de escravatura é tão horrível que até a morte seria preferível. «Bom – então que morram e reduzam o excesso de população». E este é o ponto final do gélido Scrooge, o executivo neoliberal obcecado com sustentabilidade monetarista e com comunitarismo.

Falso “trabalho caritativo”, através das suas megafundações, ONGs, OSCs.

Generalizar death wish entre os commoners.

“Simplicidade”, “pobreza voluntária”, “acionamento energético”, “sustentabilidade”.

Se Dickens estivesse vivo nos nossos tempos, teria concebido um Scrooge bem mais sofisticado. Este velho impiedoso reservaria uma tranche dos seus rendimentos especulativos para “trabalho caritativo”, através das suas próprias megafundações e redes de ONGs e OSCs. Isso serviria para fazer alguma pequena caridade, ceder umas quantas migalhas daquele gigantesco pão que é saqueado, e isso é sempre uma boa tática. Tende a refrear ânimos e a adormecer consciências. Mas também serviria para persuadir a população a ansiar pela sua própria desgraça, com difusão de ideologias sintéticas, para romantizar “pobreza voluntária”, “a beleza da simplicidade”, “o encanto da austeridade”, racionamento energético, comunitarismo, desenvolvimento sustentável, e por aí fora.

As PPPs de Scrooge aderem a empreendedorismo social, responsabilidade social.

Trabalho comunitário / rendimento **mínimo** sustentável / soja GM, “to reduce the surplus”.

O filantropo depois puxaria a sua cartola de empreendedor social e diria, vou *conceder*, vou *inaugurar*, uma série de vagas em serviço comunitário; isto são os programas de responsabilidade social das minhas parcerias público/privadas. Os desempregados e os indigentes que venham!, alguns fazem trabalho qualificado, outros fazem trabalho degradante, e no final eu dou-lhes um rendimento mínimo sustentável. Depois, os pobres podem trocar o rendimento por umas latas de soja GM da minha agro-exploração na América do Sul e ajudam os outros pobres que trabalham lá para mim, lá na comuna agrária. Em sussurros acrescentaria, a soja GM é esterilizante e cancerígena, e é mesmo assim que funciona, a vida é complicada e alguém tem de perder o jogo, caso contrário não era um jogo. Este é um planeta de recursos limitados, são meus e dos meus colegas, e a surplus population está a mais certo?, é a surplus population porque eu não preciso de tantos recursos humanos. Downsizing is awfully good for business.

Socialismo Inglês: Fabian Society, o epicentro de Socialismo Global.

A fábula do pobre operário nas mãos de Lord Keynes e dos Webbs.

Fabian Society, o baluarte de Socialismo Inglês / Progressivo / Fabiano / Tecnocrático.

Domínio sobre um vasto complexo de instituições, incluindo a Segunda Internacional.

À esquerda, temos um quadro igualmente trágico e anglófilo, em parte protagonizado pelo perverso Lord Keynes, que dava um abraço ao operário enquanto lhe arrancava o emprego; e depois disso o relógio e a casa, após um breve interregno onde fingia dar-lhe algo de bom. Here you go chap, have all this fresh welfare cash borrowed at huge interest from the big banker boys, at the City there. Como Keynes sabia, uma economia sem produção eventualmente colapsa, e é aí que os seus colegas Sidney e Beatrice Webb entram: pegam neste operário desempregado e colocam-no a fazer

serviço obrigatório na “comunidade” em troca de “créditos sociais”. Keynes e os Webbs são as pedras angulares no pensamento económico da esquerda actual, e isto é um facto muito mau e muito cinzento. Foi no final do século 19 que estas pessoas ajudaram a organizar um dos mais poderosos e destrutivos empreendimentos de sempre. Isto é algo a que chamaram “socialismo fabiano” (ou “socialismo inglês”, ou “socialismo progressivo”, ou ainda “socialismo tecnocrático”) com o patrocínio de Lady Astor e o papel activo de Friedrich Engels e de Eleanor Marx. O núcleo ideológico deste “socialismo inglês” é a Fabian Society. A Society é organizada em Londres, e torna-se o epicentro de um movimento internacional composto de infinitudes de instituições, agências, partidos, ONGs e outras organizações. Isto inclui a famosa Segunda Internacional, organizada na sede da Fabian Society em Londres. Esta é aquela que as outras internacionais conhecem como “the yellow international”, e é provável que isso não seja tanto pelo facto de os personagens da Segunda serem cobardes, que são, mas mais por serem mais filthy rich que todas as outras Internacionais juntas, e convenhamos que isso é uma tarefa complicada. Faz-se muito dinheiro em brigandagem internacional, é o melhor de todos os negócios, após a banca. É por isso que andam sempre de mãos dadas. Hoje, este complexo, centrado na Sociedade Fabiana, é o epicentro de Socialismo Global ou, World Socialism, como os fabianos preferem chamar-lhe.

(tópicos seguintes melhor acompanhados de notas sobre *Socialismo inglês*, *Eugenia*, e outras, para muitas citações e passagens directas)

Socialismo internacional – Meios dominados por aristocratas e elitistas de upper middle class.

Obsessão com poder / pretensiosismo / misoginia anti-humana.

Meios muito doentios e muito virulentos, pessoas muito certifiáveis. A Fabian Society funciona desde o início como um ponto de encontro para aristocratas de topo (lordes e outros), financeiros e elitistas de upper middle class. Sempre presente em tudo isto, algo que é bem patente em todas as obras e manifestos que daqui saíem, é um enorme e virulento desprezo pelo homem e pela mulher comuns, vistos como pessoas ineptas e inferiores, incapazes de tomar decisões por si mesmos, a necessitar de gestão compulsiva pelos seus pretensos “superiores”. Esta é a mentalidade do criminoso de classe, o aristocrata nihilista e pretensioso que pretende exercer poder absoluto sobre os comuns e precisa de encontrar uma forma de o racionalizar, de dar a esse exercício uma aparência de quasi-legitimidade. Este é o standard nos núcleos centrais de socialismo em todos os países. Aí, encontramos sempre este perfil. O aristocrata e o elitista pretensioso de upper middle class, gente rica, obcecada por poder, dominada por desprezo e até ódio, face à larga generalidade dos seres humanos. São meios muito pouco saudáveis, muito doentios, muito desarranjados. E depois, é claro que estas pessoas são incrivelmente mentirosas. Nos seus ensaios e livros escrevem sobre como odeiam o público e querem estabelecer totalitarismo universal; em público, falam de amor e solidariedade. Gente muito perigosa e certifiável.

HG Wells, um trendsetter para todas as eras; autoritário obcecado com purgas étnicas e ideológicas.

Snob que ascende de classe baixa para assumir ódio e desprezo para com as suas origens.

Um exemplo mais ou menos paradigmático, com efeito um trendsetter, é HG Wells, socialista fabiano, mocinho de recados da aristocracia. Herbert George era um snob, um pequeno wannabe. Nasce na classe operária, e mais tarde é adoptado pelos Huxleys, e vai viver entre a aristocracia. Desenvolve o mais profundo ódio e desprezo pelo homem comum; o mais profundo pavor de ser atirado de volta às massas operárias de onde tinha vindo, às quais chamava “Povo do Abismo”. Muito inseguro de si mesmo, o que o vem a tornar num misantropo autoritário, alguém que concebe o mundo como um espaço de superiores e inferiores, onde todos têm de ser shaped to fit – with a whip. É provavelmente o fabiano mais extremo *da sua era* (mas é o trendsetter para todas, para dizer a verdade). Nessa altura, GB Shaw tinha um módico de graça e de humor, entre todas as ramblings autoritárias. Lord Russell tinha o típico sentido de liberalidade aristocrática que o fazia não ser *tão odioso* como os capatazes abaixo (os capatazes empregam o chicote, o lorde acima mantém um ar de humanidade e até de simpatia). Os Webbs eram demasiado obcecados com mecanismos linguísticos e formalidades burocráticos para fazerem muito mais que escrever os mais entediantes e insuportáveis tractos de estilo administrativo (são a grande inspiração do estilo de escrita burocrático pós-moderno); queriam gerir pessoas, como se gere gado industrial, mas é um exercício cinzento e impessoal, sem demasiado *ódio*. E ódio é o que domina Wells. Em livros como “Anticipations”, “The Open Conspiracy”, “A Modern Utopia”, atinge níveis pré-hitlerianos de ira e despeito para com os vulgares; quer fazer limpezas étnicas sobre a larga maioria dos povos do mundo e, fazer uma razia às classes baixas e médias do mundo ocidental. Wells virá a apoiar os Nazis alemães, tanto quanto os Fascistii italianos e, claro, fará viagens à Rússia Soviética para manifestar toda a sua admiração assolapada por Stalin e pelo sistema de brutalização e escravatura lá. A Nova República que Wells descreve em “Anticipations”, em 1902, é a descrição exacta daquilo que a Alemanha Nazi viria a ser (incluindo os genocídios em escala) e é aquilo em que os seus herdeiros (executivos neoliberais, socialistas de topo, directores do fundo monetário internacional, e afins) esperam vir a transformar o mundo.

Insanidade moral / patologização de sanidade / the ride you’re into, if you give’em power. As pessoas não fazem realmente ideia da ride they’re into, quanto dão poder a estes movimentos de gente auto-conceituada e, mais que isso, profundamente perturbada. É o problema essencial aqui. Insanidade, no domínio moral e em muitos outros; e, é uma que tentará patologizar saúde e normalidade.

O perfil dos comic book villains. Um dos detalhes mais interessante em toda esta gente, é o facto de, quando se olha realmente para eles, pelo que são, todos parecerem comic book villains e, de uma forma bastante essencial, é precisamente isso que são.

O lobo em pele de cordeiro; neo-feudalismo e racismo de classe.

Fabian Essays (1889) e outras obras fabianas: manifestos de ódio anti-humano.

Neo-feudalismo e comunitarismo / consórcios privados assumem poder total sobre sociedade.

Sociedade transformada na **comuna** / trabalho forçado, microgestão, condições de vida zero.

Exército policia comuns / brutalidade / Selecção eugénica / esterilização, extermínio de “inaptos”.

Boa medicina negada a comuns [Sir Julian e a Unesco].

3º mundo é 3º mundo porque vive sob isto / em breve, 1º mundo será 3º mundo.

A Fabian Society é, desde o início, pioneira de um atípico ódio anti-humano, bem manifesto nos “Fabian Essays in Socialism” de 1889 – com destaque para os textos de George Bernard Shaw, Annie Besant, e Hubert Bland. Este manifesto inaugural exige abertamente a destruição da civilização, e a conversão da sociedade para neo-feudalismo, comunitarismo, trabalho forçado, prisões políticas, execuções. A família tem de ser desmantelada e eventualmente proscrita. Toda a economia será entregue nas mãos de grandes consórcios público/privados [ver notas sobre **Comunitarismo**, que significa a tomada de poder sobre o domínio público e a sua usurpação por mãos privadas; é isso que é introduzido pelo modelo das parcerias público/privadas] e, quem quiser viver, terá de trabalhar nos moldes miserabilistas e escravagistas que vão ser, é afirmado, impostos por estes consórcios. A vida do vulgo será o trabalho, e o trabalho será na comuna laboral. As cidades serão transformadas em comunas laborais. O refeitório colectivo, o apartamento/dormitório e o exército a policiar as comings and goings dos liliputianos são condições morais. O mesmo com um salário *universal*, que será o *salário mínimo*. Mais tarde, HG Wells, Shaw e outros fabianos acrescentam a toda esta efusão de “moralidade” a ideia de esterilizar a larga maioria da população. A reprodução é um privilégio a ser reservado a uns meros **1 a 10%**. Uma boa parte da maioria inapta tem, claro, de ser exterminada. A câmara de gás é apresentada por estes fabianos (e.g. Russell, Shaw) como uma solução particularmente *humana*. Quem for *imoral* e não aceitar tudo isto, morrerá à fome, porque o sistema totalitário público/privado se assegurará que não receberá ajuda de ninguém. Outros autores, como Lord Bertrand Russell vêm abrir a possibilidade de simplesmente prender e executar a pessoa. Lord Russell é bastante fresco. Os livros dele valem muito a pena. “The Scientific Outlook” e “The Impact of Science on Society” são manifestos indispensáveis na escala anti-humana das coisas. O mesmo para Sir Julian Huxley, outro fabiano. “Man in the Modern World” e “UNESCO, Its Purpose and its Philosophy” (Huxley, um monstro, foi o fundador da Unesco, uma instituição monstruosa) são igualmente indispensáveis. «*The lowest strata [of people] ... are reproducing... too fast. Therefore... they must not have too easy access to relief or hospital treatment lest the removal of the last check on natural selection should make it too easy for children to be produced or to survive; long unemployment should be a ground for sterilization...*». Estas são as palavras deste amiguinho das crianças, em “Man in the Modern World”, 1947 (isso mesmo, após o Holocausto). O Terceiro Mundo é o Terceiro Mundo porque foi, ao longo de todo o último meio século, o playground para testar e aplicar ideologia fabiana. O 1º Mundo será Terceiro Mundo daqui a poucas décadas.

Socialismo fabiano, o lobo em pele de cordeiro (símbolo oficial!). Nestes primeiros tempos, um dos símbolos oficiais da Fabian Society, acessível aos membros internos, é um lobo vestido de pele de cordeiro – literalmente. Com efeito, “socialismo progressivo” era, e é, a forma mais adequada, de avançar neo-feudalismo e desintegração civilizacional, ao mesmo tempo que rotula esse esforço de “progressista” e “humanista” (por oposição a humanitário; porque foi *assim* que os descendentes ideológicos destas pessoas vieram a redefinir humanismo).

A Utopia socialista fabiana é...a Idade Média!

Ordem social “cívica e ordeira”, sem “atrevimentos”, todos sabem o seu lugar.

Os comuns levam “vidas simples”, sob supervisão dos mais “sábios”, como é “apropriado”.

Voltemos a 1889, aos “Fabian Essays in Socialism”. Aí, descobrimos que o ideal, a Utopia a alcançar sob socialismo internacional, é... a Idade Média! A ordem repressiva e autoritária medieval é o melhor de todos os mundos. A comuna medieval era um sítio *cívico e ordeiro*, onde todos sabiam qual o seu lugar (mind your place) e ninguém vivia *para além dos seus meios* [*a comuna, a reserva para o gado humano, o modo como os commoners são vistos, é sempre o modelo essencial*]. As pessoas eram felizes (ahah) porque levavam vidas *simples e desprezíveis* (sob o chicote) e é a isso que é necessário voltar. Afinal de contas, é-nos dito, é preciso voltar a ter uma ordem social “apropriada”, em “harmonia com a natureza”, onde cada qual é posto no seu lugar, e não são tolerados “atrevimentos”. Uma parte essencial da nostalgia medieval é o sistema social, muito bem organizado, muito *moral* – dizem-nos estes porcos imorais. Isto significa que a destruição totalitária da era moderna tem de incluir a mimetização desse sistema. A aristocracia feudal é substituída por financeiros internacionais e por outras castas oligárquicas de estilo hindu. Os capatazes do feudo e da comuna medieval são substituídos por comissários, burocratas, managers – gestão (gestão é um conceito vital; tudo é gerido, e tudo significa **tudo**). A vanguarda de “Samurais”, de que HG Wells falará, os escravagistas a soldo para os big boys. Depois vêm todas as outras castas, até aos intocáveis lá no fundo, aqueles que são deixados a morrer à fome ou pura e simplesmente executados.

O amor fabiano por nazismo e sovietismo.

Apoio habitual a crime organizado: e.g. Nazismo, Fascismo, URSS e outros Comunistas, etc. Os socialistas fabianos tinham parceiros de trabalho preferenciais. Durante um tempo, a “reconciliação nacional” de Benito Mussolini e o NSDAP de Adolf Hitler foram apoiados de um modo quase delambido. Mais tarde, foi percebido que isso era uma má tática de relações públicas. A partir deste ponto, o fabianismo internacional limita-se a apoiar Stalin e, mais tarde, pessoas como Mao, Pol Pot e as forças revolucionárias de Khomeini no Irão.

SIS / Cambridge Fabians / Chatham House e a rede de influência global da City.

Aliança histórica com establishment financeiro.

Raízes no SIS / Cambridge Fabians, **Apostles** / Society fundada como branch político SIS.

Porém, a grande “entente” nunca foi com ditadores internacionais, mas sim com financeiros, especuladores e outros velhos oligarcas do establishment anglo/europeu. A Fabian Society surge com o patrocínio aberto de Lord e Lady Astor e é apenas sintomático que um dos seus fundadores tenha sido um executivo da City, Edward Pease. Porém, as suas raízes são ainda mais profundas e vão dar aos Cambridge Fabians, uma das subdivisões dos Apostles, e o grupo que coloca a Fabian Society em moção. Os Cambridge Apostles são, claro, um grupo extraordinariamente importante de

establishment boys e uma secção essencial do SIS, os serviços privativos de intelligence para a Coroa britânica [*décadas mais tarde, vários Apostles são expostos como agentes duplos, teoricamente a espiar o MI6 em nome do KGB. A parte interessante aqui é que sempre foram agentes SIS, e o SIS está muito acima do MI6 e, já agora, do KGB. Neste caso, o que parece mais plausível ter acontecido, e a história o dirá, é que estavam na verdade a jogar um jogo triplo: a espiar o MI6 por conta do KGB e, mais tarde, a operar o KGB por conta do SIS; e isso seria apenas mais um elemento para explicar os vários fenómenos de entente anglo/soviética durante a Guerra Fria*]. Os SIS gerem os Apostles e os Apostles efectivamente criam a Fabian Society, que funciona desde então como um branch político e ideológico para os SIS. Este é o procedimento habitual nos países europeus; muito velhos, muito corruptos e completamente poluídos por sujidade oligárquica.

Ramo essencial para a rede de influência global da City of London.

Do Milner Group a Chatham House e à ONU.

A partir daí, a Society é adoptada, acarinhada, feita crescer, pela clique de Lord Milner, Jan Smuts e Philip Kerr, que agregava os mais influentes aristocratas e banqueiros do Império na altura. Este grupo de oligarcas financeiros ainda hoje em dia existe, tem mais poder que nunca antes, e é o plateau central de decision-making para a City of London; e a City of London é, em muitas dimensões, o epicentro do planeta, em questões económicas, sociais e políticas. Em tempos, este grupo central à City foi conhecido como Round Table, Milner Group, The Group, Cliveden Set, *Us* (“nós”). O seu principal veículo institucional é o Royal Institute of International Affairs (RIIA), i.e. Chatham House, em Londres, e Chatham House está no centro de uma vasta rede global de agências, institutos internacionais, companhias multinacionais, fundações, ONGs. O RIIA e as suas subsidiárias são determinantes, em consultoria e policy making, para todo o sistema internacional, da ONU, ao FMI, ao Banco Mundial, à União Europeia, e aos governos nacionais de muitos, muitos países. É daqui que vem o sistema de round tables e a actual conversão da economia global para o modelo das parcerias público/privadas; neofeudalismo. É um vasto complexo institucional e uma potência per se, com mais riqueza agregada que qualquer estado nacional. É aqui que está o real poder de decision-making no mundo actual. A Fabian Society e o vasto complexo organizacional que controla, incluindo a Segunda Internacional, estão integrados nesta rede de influência global e são componentes essenciais da mesma.

Fascii dialéctico entre establishment financeiro e socialistas apenas cresceu, com o tempo.

A união dialéctica entre financeiros e socialistas nunca morreu; pelo contrário, o *fascio* que os une ganha mais e mais feixes à medida que o tempo passa. Existem feixes para todos os gostos e preferências e, sob todos os pretextos possíveis e imaginários. Just come on in, be a part of *us*! Estes feixes de joio, claro, são feitos à esquerda e à direita para serem separados do trigo, cortados e lançados para o fogo para o qual foram feitos. Essa é a finalidade de todo o bravato autoritário.

Lord Milner era um socialista progressivo / apartheid.

Implementou o sistema na África do Sul; chamava-se **apartheid**. Lord Milner, mencionado atrás, o grande patrono de socialismo fabiano, é o homem que assumiu o comando do grupo após a morte de Cecil Rhodes, o fundador da Round Table. Milner era um proponente de “socialismo progressivo”, chegando ao ponto de dar várias palestras públicas sobre o assunto. Implementou os princípios essenciais da doutrina na recém-conquistada União da África do Sul; mais tarde, esse sistema seria conhecido como “apartheid”.

John Ruskin, o pai ideológico da aliança finança/socialistas.

Proto-fascista vitoriano / rústico / deificação da natureza, ódio aristocrático pelos “vulgares”.

Desmantelar a civilização burguesa para voltar a “ordem natural” (feudalismo).

Tory e Comunista – Red Tory / a comuna feudal como modelo para o futuro.

Quando Lord Milner e os seus subordinados socialistas se sentavam a uma mesa redonda em Chatham House ou nos Coefficients, falavam de vários temas. Grandes concessões de recursos, negócios à custa dos contribuintes, gestão científica de populações, redes de influência e controlo social, medidas eugénicas, e muitas outras coisas. Mas um dos temas favoritos era certamente John Ruskin, o pai ideológico desta “entente”. John Ruskin, um professor em Oxford, era um notável proto-fascista vitoriano. A sua deificação da natureza só era igualada pelo seu intenso ódio pela actividade humana e pela humanidade em geral. Nas várias colectâneas de ensaios que escreve, vocifera contra a existência de indústria, classe média, direitos constitucionais. Ruskin depois *afirma* querer arrasar Glasgow, Nova Iorque e o Parlamento, e trazer de volta a “ordem natural” da Idade Média. Declara-se como sendo simultaneamente um Tory e um Comunista – e não há nada de estranho nisto. Como Ruskin asseverava, o modelo a seguir é a comuna, e a comuna é uma estrutura medieval e feudal. Na comuna, os “comuns” são governados por uma classe “benevolente”, “mais avançada”, e “mais sábia” de lordes e de comissários feudais (hoje, isto inclui sempre “chefes-executivos”, “líderes comunitários”, e por aí fora). John Ruskin estava apenas a reiterar um dos mais populares credos entre a velha aristocracia europeia: o de que a ordem de castas da Idade Média é o sistema mais perfeito e mais equilibrado alguma vez inventado; portanto, não precisa apenas de ser reinstaurado, mas também, globalizado.

GB Shaw, socialista fabiano, esclarece nonsense esquerda/direita.

“Pessoas comuns são ineptas; precisam de quem tome decisões por elas”.

“Socialistas são classe aristocrática / são ‘os melhores’, para gerir os vulgares”.

“Bolchevismo é Toryism – o domínio absoluto da aristocracia sobre todos os outros”.

Em 1921, GB Shaw escreverá um ensaio a glorificar Ruskin, onde colocará de parte de uma vez para todas a imbecilidade direita/esquerda nestas matérias de gangsterismo político e governo totalitário: *«The people seldom know what they want, and never know how to get it... the reconstruction of society must be the work of an energetic and conscientious minority. Both of them knew that the government of a country is always the work of a minority, energetic, possibly*

*conscientious, possibly the reverse, too... when we look for a party which could logically claim Ruskin today as one of its prophets, we find it in the Bolshevist party... all Socialists are Tories in that sense. The Tory is a man who believes that those who are qualified by nature and training for public work, and who are naturally a minority, have to govern the mass of the people. That is Toryism. That is also Bolshevism. The Russian masses elected a National Assembly: Lenin and the Bolsheviks ruthlessly shoved it out of the way, and indeed shot it out of the way as far as it refused to be shoved» [Bernard Shaw (1921). *Ruskin's Politics*]*

300 anos de reacção oligárquica contra avanços Modernistas (1).

Modernismo: indivíduo tem direitos individuais inalienáveis.

Está acima de qualquer entidade colectiva / Governo tem de ser legítimo (i.e. dentro da lei). A vitória essencial do Modernismo é o reconhecimento do indivíduo per se – todos os indivíduos. Todos são criados iguais e todos têm certos direitos; e o foco central destes direitos é, precisamente, a noção de independência individual. Esses direitos não lhe podem ser negados, por *ninguém*. Nem por um tirano, nem por uma oligarquia, nem por um governo, nem por um colectivo popular despótico. O indivíduo está *sempre* acima de toda e qualquer organização colectiva. A organização colectiva pode ser criada para *servir* os indivíduos (e.g. governo). Por outras palavras, os indivíduos podem optar por nomear ou eleger representantes que arbitrem relações sociais e assegurem a protecção de direitos individuais. Porém, a organização colectiva não está no direito de inverter as proposições, de modo a poder exercer poder arbitrário sobre o indivíduo médio. Isto significa, claro, que toda a regimentação compulsiva, todo o colectivismo compulsivo, é rejeitado e *banido* – é algo que está fora da lei.

Oligarquia, um corpo colectivo que **depende de colectivismo** para exploração. Isto é intolerável para uma oligarquia, um colectivo organizado que deriva todo o seu poder da imposição de colectivismo absolutista às “massas” (aos indivíduos). O colectivo no topo, a oligarquia, organiza um sistema absolutista, pelo qual o resto da população é mantido sob dependência e *sob controlo*. O indivíduo médio e a família média não contam para rigorosamente nada. São usados, moldados, pisados, shaped to fit. São meros objectos a ser usados pelos oligarcas. Depois, a oligarquia organiza sempre inúmeros corpos colectivos de natureza coerciva ao longo da sociedade, para assegurar manutenção e expansão de controlo (e.g.1 polícia política; e.g.2 quem queira ter uma actividade económica é forçado por “lei” a trabalhar em franchise para um grande grupo, ou tem de estar integrado numa ordem profissional).

Oligarquias europeias indignadas com avanços Modernistas: dão poder aos vulgares! É esta a situação de muitos dos velhos grupos de poder na Europa, durante a ascensão Moderna. Estes grupos oligárquicos viam-se a perder o poder que até aí exerciam de forma absoluta sobre os “vulgares”, os “comuns”, o “mau sangue”. A instauração de liberdades políticas e económicas dava poder, voz, e poder de geração de riqueza a quem tinha de ser mantido dependente, temeroso, obediente, perante os “mestres”. Pelo mesmo exacto motivo, as classes médias eram inaceitáveis; eram os bourgeois, os burgessos, a plebe atrevida que pensava poder criar algo de melhor para si e para os seus. As classes médias eram pioneiras em auto-educação e em tudo o que daí advinha:

conhecimento e cultura, ideais políticos, inovação económica, descobertas científico/tecnológicas. O horror perante a emancipação intelectual das pessoas pequenas, a little people, a ralé, era algo de quase inconcebível, para pessoas sãs, e humanas. “*Eles sabem ler, e falar, e escrever, e compor, e pintar – e fazem-no melhor que nós!*”. E, claro, as classes médias eram o epicentro tectónico do Modernismo. Se alguma vez as classes baixas viessem a ser emancipadas, isso aconteceria por acção das classes médias. E estava a começar a acontecer; “*todas estas ideias novas na Europa, e a emancipação gradual de plebes nas Américas; muitos entre eles ajudam-se uns aos outros, e depois viram-se contra nós!*”. “*É preciso dividi-los! É preciso convencer os pobres de que são pobres por causa das classes médias, e torná-los inimigos de sangue, e é preciso encher as classes médias de lixo mental, falsas culturas, apatia e desinteresse!*”. O estado-nação também era inaceitável. Podia ser cooptado, sequestrado, mantido oligárquico, por uns séculos, mas o facto é que não era fiável; demasiado dado a revoluções, mesmo sob falso melhorismo, organizado pela oligarquia. A melhor organização era o velho formato imperial, onde os centros de poder são dispersos, distantes, megalíticos. Onde qualquer rebelião das plebes pode ser contida a um nível mais ou menos local, ou regional, e é possível usar depois grandes exércitos imperiais para marchar sobre as sátrapas e esmagar a rebelião. E é claro que o estado-nação é mau por outro motivo. É a única forma de organização geopolítica que permite a emancipação efectiva das massas da humanidade e a criação de liberdade e de prosperidade para todos – *se bem usado*, claro.

300 anos de reacção oligárquica (2) – Colectivismo, i.e. Socialismo.

Concebem reacção / 300 anos de acção autoritária e multivectorial contra avanços modernistas.

Cooptar aquilo que é útil para oligarquia / neutralizar, suprimir, aquilo que liberta pessoa comum.

Múltiplos movimentos convergentes, ideologias sintéticas, provocadores e ideólogos a contrato.

Selva lançada sobre humanidade, para a persuadir de que o seu habitat natural é... a selva. Ao longo do espaço dos últimos 300 anos, o Modernismo, e aquilo que está no seu epicentro, a ideia de liberdades individuais, encontrou inimigos incomparáveis nas velhas oligarquias mercantis e feudais da Europa; e em múltiplos movimentos daí derivados. O gameplan foi simples. Cooptar, sequestrar e reciclar os avanços Modernos que podiam ser usados pelas classes oligárquicas para consolidar e exercer poder; ultimamente, poder totalitário. Procurar neutralizar e apagar da memória humana todos os avanços passíveis de libertar, emancipar e trazer esclarecimento à família média e ao indivíduo médio. Para avançar tudo isto, seriam usados múltiplos movimentos diferentes, inúmeras cores ideológicas inventadas, inúmeras reciclagens da mesma ideologia oligárquica. Inúmeros caminhos que parecem traçar rotas independentes mas, voilá!, eis que vão todos convergir na mesma estrada larga, para o mesmo destino final. Em tudo isto, seriam também usados inúmeros – literalmente! – provocadores a contrato, heróis teatralizados, quackademics, ideólogos a recibos verdes – etc. A selva seria lançada sobre a humanidade, para persuadir a humanidade de que o seu habitat natural é a selva.

Doutrinar massas para ideologias oligárquicas / “Paz e segurança”. As “massas” teriam de ser persuadidas que era do seu melhor interesse não ter independência individual. Que o indivíduo

médio é per se perigoso, incompetente, e irresponsável. Que a sociedade tem, por primado de sobrevivência, de ser governada por indivíduos mais “sábios”, mais “benevolentes” e mais “evoluídos” que a média. Que *paz e segurança* só serão obtidas por organização colectiva, e que tal organização colectiva deve sobrepor-se, em nome do “bem comum”, aos direitos inegáveis do indivíduo. Paz e segurança são os grandes motes aqui; a oligarquia iria acabar com toda a paz e negar toda a segurança, mas usaria estes termos como motes de auto-glorificação universal. Esta e esta, e também esta forma de governo (“as nossas, ahah”) trarão paz e segurança. “*E é quando eles gritam paz e segurança que os melhores planos estouram, e paciência, lá se fatigaram as nações para o fogo*”, como está escrito.

Impor a ideia de que é necessário haver sistema colectivista organizado, sobreposto a indivíduo. A ideia oligárquica essencial foi a de introduzir a noção que é preciso um *sistema* social organizado dotado do poder de se sobrepor ao indivíduo. O colectivo sobre o indivíduo. Aqui, a sociedade surgiria como uma forma de empresa, ou de “máquina”, ou de “corpo”, onde todos são integrados para *usufruir* dos direitos humanos contextuais, situacionais, que o “estado” pode optar por lhes *conceder*. O “estado” é a *colectividade* de todos os cidadãos. O governo é uma *autoridade* com poder de intervenção sobre tudo (ou quase tudo) o que acontece. O seu trabalho é exercer *funções*, apesar de, por etiqueta, poder chamar-lhes *serviços*. Note-se a diferença de linguagem legal entre isto e aquilo que acontece sob governo legítimo. Aqui, está-se perante linguagem absolutista e isso é algo que só acontece quando se está perante práticas correspondentes; ninguém usa a linguagem do autoritarismo para ceder poder a seguir. Seja como for, basta observar a história dos últimos séculos para ver que é precisamente isto que está em causa. Nestes sistemas, ainda que sejam permitidas eleições democráticas, é garantido que a dança dos partidos nunca poderá (excepto nos casos de revolução, ou de regeneração) mudar o *sistema* em si. Da mesma forma, é garantido que o sistema será controlado por uma clique oligárquica que organizará as coisas em proveito próprio.

A sociedade plenamente organizada pelo estado oligárquico – i.e. Socialismo. Este foi o design essencial que as velhas oligarquias europeias adoptaram para controlar o fallout de Modernismo. Mas, a seguir, foram mais longe. Pegar neste estado colectivo e usá-lo para *organizar plenamente* a sociedade. A isso foi chamado de Sociocracia, numa primeira geração; e, depois, de Socialismo. Socialismo é a sociedade que é plenamente organizada, e controlada, pelo estado. Uma forma de estado que não faça isto no seu pleno, (ainda) não é genuinamente Socialista. É claro que pode estar a caminho; pode, e.g. ser Social-Democrática; este é um dos formatos que são definidos pela Sociedade Fabiana em Inglaterra e por Kautsky na Alemanha.

Socialismo é sempre pré-totalitário ou totalitário / visa engenharia **total** da sociedade. Todas as formas de socialismo são objectivamente pré-totalitárias ou totalitárias, no sentido em que o objectivo pretendido é a engenharia política, social e económica da *totalidade* da sociedade; *de tudo na sociedade*. Toda a sociedade tem de ser integrada entre si e feita funcionar como uma máquina de peças e de mecanismos interdependentes. Todo o processo é conduzido, claro, por uma oligarquia autoritária. Qualquer força política que pretenda alcançar este objectivo é *socialista*, e *colectivista*, independentemente do termo psicopolítico que possa usar para se categorizar a si mesma.

Socialismo pode ser de esquerda, mas também de direita.

O que interessa é a concepção do sistema integrado para engenharia da sociedade.

Os desvios do caminho *legítimo* são sempre para a direita e esquerda. Como é óbvio, um caminho baseado na ideia de desvio daquilo que é *legítimo* tem de se desviar para a direita e para a esquerda, e é isso que aqui acontece. Vamos ter socialismo de direita (ou, como é communemente conhecido, *direita*) e socialismo de esquerda (*esquerda*). Ambos subscrevem ao mesmo modelo essencial, mas discordam em pontos eventuais. Quem controla o sistema integrado, i.e. quem é a oligarquia dominante? Que agendas psicossociológicas são favorecidas? Quais os grupos sociais que vão ser favorecidos e quais os grupos que vão ser desfavorecidos? E assim sucessivamente.

As formas mais extremas de Socialismo são, claro, Comunismo e Fascismo.

Origens indistintas / os mesmos métodos / dialéctica geopolítica / diferenças apenas em retórica.

Durante século 19 e até final da II Guerra, isto era de conhecimento comum.

[Colectivismo era o termo para tudo isto].

Após II Guerra, águas são turvadas com propaganda, popularização de ideologia sintética. A forma mais extrema de socialismo de esquerda é, claro, Comunismo; e, à direita, Fascismo ou Nazismo (nacional-Socialismo). As duas formas têm origens indistintas. Ambas surgem a partir do Socialismo militante (e terrorístico) do século 19; e, regra geral, a partir dos mesmos exactos movimentos. E.g. os movimentos terroristas de Mazzini em Itália dão origem a Fascistii e a Comunistas por igual medida. Ambos os movimentos ambicionam o retorno pleno ao modelo oligárquico. O estado é totalitário e dedica a maior parte dos seus esforços a suprimir a própria população. Esse estado visa expansão internacional ilimitada, para controlo militar e civil de territórios; e para gestão mercantil, monopolista, dos processos económicos. Ambos conduzem extensas purgas sobre os seus domínios e, para ambos, essas purgas são tanto ideológicas como étnicas. Ambos são controlados por pessoas extremamente ricas e poderosas. Ambos prometem desenvolvimento económico e libertação individual, enquanto desprezam o indivíduo médio, rejeitam qualquer forma de liberdade política, e proíbem classes médias independentes e actividade económica descentralizada. E, jogam uma dialéctica geopolítica essencial. O fascismo *tradicional* subverte a ideia de estado-nação para o equacionar com “pureza racial” (e outras superstições desse género) e para o usar como plataforma de agressão militarizada. O objectivo é a construção da unidade imperial, com o uso de um ou mais “povos puros” como recursos humanos para isto. O comunismo, por sua vez, rejeita a ideia de estado-nação e vai directamente para a unidade imperial com base em “classes puras”. De resto, é ao nível da retórica que vamos encontrar as diferenças essenciais. Isso era bem reconhecido até à II Guerra (após a II Guerra, foi espalhado todo o tipo de confusão conceptual sobre o tema). Durante o século 19, e durante a primeira metade do século 20, ninguém fazia distinção entre Comunistas, Nazis e Fascistii, a não ser no que respeitava à pura e simples pragmática da luta pelo poder entre grupos competidores. Qual é o bando de totalitários que preferes, os de vermelho ou os de preto? Quais são os que falam melhor, quais são os que fazem promessas melhores? Militantes totalitários alternavam livremente entre grupos de “esquerda” e de

“direita”. Os Fascistii italianos começaram por ser um bando de esquerda e o mesmo acontece para os Nazis alemães. Depois, tanto Fascistii como Nazis mudaram o rótulo para direita, já que os distinguia melhor dos Comunistas, o principal grupo competidor [ver notas sobre ***Socialismo*** e ***URSS***, para muito sobre tudo isto].

Regimes oligárquicos são regimes usurpatórios por crime organizado.

Usurpação (i.e. roubo) dos direitos inalienáveis do homem e da mulher comuns.

Usá-los e moldá-los a bel-prazer, para projectos de grupo oligárquicos. E é claro que a nota dominante em tudo isto é o facto de todos os regimes oligárquicos serem, em essência, regimes criminosos. Toda a teoria e prática são direccionadas para um único ponto, um único objectivo comum: usurpar os direitos inalienáveis do indivíduo médio e da família média. Usá-los e a moldá-los a seu bel prazer, como objectos desprovidos de vontades próprias (estes regimes têm *sempre* de despersonalizar os seus próprios cidadãos). Usá-los e moldá-los para serem peças de construção para projectos de grupo oligárquicos.

Uma oligarquia é sempre um gang que existe por exploração do público. Uma oligarquia é, de resto, uma força de crime organizado, um gang de topo que existe por conta da exploração do resto da sociedade. Depois, cria inúmeros clones similares ao longo dos vários níveis da sociedade, para melhor a controlar.

Regimes usurpatórios e criminosos / **Inimigos do povo**. Mais que regimes usurpatórios, criminosos, estes movimentos, e os regimes que criam, o que inclui o moderno comunitarismo, são claramente distintos pelo facto de serem *inimigos do povo*. Essa é a mentalidade prevalente, e o carácter essencial de tudo o que é feito.

Aristóteles e os oligarcas que juram inimizade perpétua ao povo.

Homem e mulher comuns têm de asseverar **independência** de **todas** as forças de usurpação. Há 2500 anos atrás, Aristóteles explicou o modo como os oligarcas de uma cidade-estado particular tinham um rito de iniciação no qual tinham de jurar inimizade perpétua para com o povo da cidade. A oligarquia era um predador consciente e voluntário sobre as massas humanas que tinha... *ao seu dispor*. Esta é a mentalidade que genuinamente prevalece em tudo isto. É por isso que as “massas humanas” nunca podem ficar *ao dispor* de nenhum power group em particular, o mesmo se aplicando a tiranos e a “colectivos populares” (que assumem o direito de impor despotismo de grupo sobre os seus semelhantes). Cada indivíduo é criado igual a todos os restantes, e é dotado de liberdades e direitos que lhe são inalienáveis; que advêm do seu nascimento como indivíduo humano. Liberdade, vida, auto-realização. Qualquer força de autoridade que se assuma no direito de negar e de cortar estes direitos está a agir contra o indivíduo, contra a família média, contra a humanidade. Está a agir contra a Lei natural que é estabelecida e ordenada pelo próprio Criador. É, portanto, uma força de autoridade ilegítima, i.e. que age sem legis, sem lei. Uma força de autoridade sem lei, fora da lei.

300 anos de reacção oligárquica (3) – Nostalgia medieval e kool aid cults.

Idade Média!, benchmark para todos os movimentos colectivistas relevantes de últimos 300 anos.

O paraíso sustentável / a comuna medieval / os vulgares e os mestres “benevolentes” e “sábios”.

Todos conhecem o seu lugar na sociedade e fazem o trabalho que lhes é dado. Todos os movimentos colectivistas relevantes dos últimos 300 anos são iniciados por esta entente oligárquica. Todos vão usar o modelo medieval como o seu *benchmark* de Utopia. Isto é válido quer estejamos a falar de Socialismo ou Comunismo, de Tecnocracia ou de Fascismo, e Nazismo. Na esfera pública, será anunciado o paraíso sustentável, onde todos vivem vidas confortáveis, justas e igualitárias. Nos escritos internos, este paraíso sustentável assume um aspecto bastante diferente, o retorno à ordem social autoritária, violenta e regimentada da Idade Média. Alguns exemplos desta interdependência entre socialismo e feudalismo serão dados ao longo do resto do texto, muitos mais podem ser encontrados na pasta ***Socialismo***, e outras. A sociedade medieval era uma na qual todos sabiam o seu lugar na sociedade – mind your place. Todos faziam o trabalho que lhes era dado; ninguém se atrevia a questionar as ordens daqueles que são “mais sábios” e “mais avançados”. A **comuna** medieval era o espaço onde esses auto-proclamados “superiores” exerciam o seu domínio; toda a sua “superioridade”.

Ordem medieval, inimica a liberdade, ao indivíduo, a desenvolvimento.

Degeneração, autoritarismo, ignorância e violência. A ordem medieval era, claro, inimica a direitos individuais e ao indivíduo em si. Da mesma forma, era inimica a desenvolvimento económico. Era um sistema degenerado e violento, alicerçado em ignorância e em maus sentimentos.

Regresso a isto implica destruição gradual da civilização, do indivíduo e da Razão.

Irracionalismo, mínimo denominador comum humano, colectivismo. Voltar a esse tipo de sistema implica a *destruição gradual* da civilização, do indivíduo independente. Implica a desfiguração da Razão, e a sua substituição por irracionalismo dialéctico. Implica a degeneração da humanidade no seu todo; a redução de cada indivíduo ao nível do mais baixo e medíocre irracionalismo hedonista. Implica que a pessoa aprenda a não ter qualquer iniciativa individual, fora da esfera do grupo, do colectivo. Isto aplica-se especialmente ao domínio das ideias; aquele que pensa pela própria cabeça e discorda do dogma colectivo será tratado como *herege*.

Kool aid cults aplicam isto a si primeiro e depois tentam generalizar a todos os outros. É tudo isto que todos estes sistemas avançam e praticam. Mind you, as pessoas envolvidas nestes kool aid cults começam por aplicar o tratamento a si mesmas, e depois vão tentar converter (por persuasão ou coerção) o resto das massas da humanidade.

Reacção anti-modernista: ataque sobre indivíduo, Razão, liberdade política e económica. Esta é a essência da reacção anti-modernista levada a cabo durante os últimos 3 séculos. Um ataque sobre o indivíduo, sobre a Razão e sobre democracia liberal e constitucional.

A romantização de aristocracia, subdesenvolvimento, desigualdade perpétua [Romantismo].

Ruskin era um Romântico e é do Romantismo que surge Nazismo e Comunismo. John Ruskin estava apenas a reiterar um dos mais populares credos entre a velha aristocracia europeia: o de que a ordem de castas da Idade Média é o sistema mais perfeito e mais equilibrado alguma vez inventado; portanto, não precisa apenas de ser reinstaurado, mas também, globalizado. Ruskin era um Romântico, e este é (ao contrário daquilo que foi vendido à vox populi) um movimento incrivelmente virulento e elitista. É daqui que sai, de modo quase directo, o Nazismo alemão e, claro, várias das falanges organizadoras dos movimentos Comunistas continentais.

Movimento aristocrático / medievalismo / pavor anti-modernista, anti-democrático. Os sentimentos dominantes, em Romantismo, são a nostalgia pela “sociedade ordeira” da Idade Média e o desprezo irrestrito pela Modernidade, com a emancipação sócio-política, económica e educacional das antigas classes servis, os “vulgares”, o “mau sangue”. Indústria, classes médias independentes e desenvolvimento económico são atrevimentos intoleráveis. A crescente democratização de literacia e de auto-educação era algo que não podia ser – eles sabem ler, e falar, e fazem-no melhor que nós! Tal era, e é, o drama existencial destes herdeiros intelectuais (e, regra geral, dinásticos) da antiga ordem feudal.

O melhor de todos os mundos é a tirania colectiva dos vâpidos / a França gnóstica. A crença essencial em Romantismo é a de que o melhor de todos os mundos é algo na linha dos principados do sul de França, durante o apogeu do gnosticismo medieval (daí “romantismo”, que vem de “romance”, a língua dessa área); controlo totalitário da plebe, troubadours, álcool, orgias de sexo e de sangue, e todos os restantes tipos de perversão, são o lifestyle ambicionado. E são feitos, ainda hoje. Mas não é preciso ir tão longe como a França albigena. Fiquemos pela comuna medieval standard, algo na linha da velha Nuremberga da Idade Média.

A comuna: cada macaco no seu galho, sob o governo absoluto dos “mais avançados”. A comuna medieval é um espaço de “vida cívica”, “coexistência pacífica e harmoniosa entre pessoas”, “harmonia com a natureza”, “estabilidade colectiva”. Tudo o que foi apontado anteriormente para o medievalismo socialista se aplica aqui. As pessoas conheciam “o seu lugar apropriado na estrutura social” e os “mais aptos para governar”, governavam, absolutamente. Os “comuns” têm as suas vidas organizadas por pessoas “benevolentes”, “mais avançadas”, “mais sábias” – “mais evoluídas”. Quando não gostam, ou não querem, serão forçados a gostar, e a querer. Como Hyndman (um dos socialistas e românticos mais proeminentes no século 19) nos diz, os homens medievais vieram a tornar-se bastante resistentes à tortura e à brutalidade, e isso é uma coisa boa.

Império Germânico / escassez forçada / desigualdade perpétua. Em tudo isto, a organização institucional do Império Romano-Germânico é o grande modelo a seguir, com as suas *marcas* militarizadas (feudos) e com a sua governância “local to global” (da comuna local ao principado regional ao Império geral). Toda a vida comercial é, claro, monopolizada por grandes empreendimentos, as companhias mercantis da oligarquia. A vida tem de ser “simples”, o que significa que ninguém (excepto a aristocracia, claro) tem muito do que quer que seja. Subprodução, escassez artificial, preços muito elevados. A produção é reduzida a um mínimo *sustentável* para a manutenção do sistema no seu todo; e em redistribuir as migalhas daquele pão que é gerado (i.e. racionamento); a oligarquia fica com o pão quase todo, mas atira umas poucas migalhas ao “mau

sangue” em redor. Trabalho muito precário, quando não simplesmente forçado, escravo. Desigualdade perpétua, irrevogável e irreversível.

Alemanha, entre modernização e rusticismo völkish.

Alemanha, sempre entre despertar de real potencial, e destrutividade feudalista e totalitária.

O lugar de nascimento do totalitarismo moderno, a par dos Domínios Britânicos. A Alemanha é um dos hot spots para revivalismo de estilo Romântico. Nesta altura um pontilhado de principados, cidades-estado, freistaats, a velha Germania não se lembra da última vez em que teve alguma forma de estabilidade. Existe imenso potencial humano construtivo à espera de ser libertado neste território [*ainda hoje, uma Alemanha realmente livre e democrática seria o motor central de uma Europa extremamente próspera*], mas o génio humano apenas consegue despontar aqui e ali, num padrão geral dominado por vagas de convulsão perpétua, guerra regional, purgas locais, autoritarismo e feudalismo. As oligarquias regionais germânicas jogam jogos ininterruptos de poder entre si, e nesta dinâmica, tentam manter os seus respectivos domínios e freistaats sob um tipo de regimentação sócio/cultural e económica que favoreça o exercício da guerra e a sabotagem do adversário do outro lado da floresta, ou do rio. A Alemanha é, a par dos domínios privatizados do Império Britânico, o lugar de nascimento do totalitarismo moderno [*o Império Britânico só descontrai no final do século 19; até aí, as coisas eram completamente run on clockwork*].

Entre modernização e industrialismo e rusticismo völkish. A Alemanha dos pré-1850s está bastante indecisa entre industrialização e os velhos costumes völkish, herdados da Idade Média, quando não das velhas marcas tribais, nos tempos em que Germania era a palavra que assombrava os pesadelos de Augusto, e ainda mais para trás.

Cultura völkish glorifica subdesenvolvimento, guerra, autoritarismo, colectivismo comunal.

Romantismo assenta bem com mentalidade völkisher / dark will be dark. A mentalidade Romântica assentava bem na mentalidade völkisher e vice-versa; obscurantismo dá-se bem com obscurantismo, tanto quanto águas pantanosas continuam a ser pantanosas quando são misturadas com outras águas pantanosas.

Atraso cultural, policiamento de costumes, congelam espírito humano. Estes costumes völkish tinham o condão de manter em atraso permanente, estagnação, as zonas que mais fiéis lhes eram. Glorificavam autoritarismo, colectivismo comunal, “simplicidade” (pobreza) e, claro, militarismo. Ser völkish era ser anti-indústria, anti classe média, anti desenvolvimento económico; a favor da aldeia comunal controlada pelos barões feudais locais. Era ser a favor de sistemas de policiamento de costumes e de ideias na comunidade, o que tinha o efeito mágico de congelar as manifestações de criatividade e de inteligência. Era querer cortar a própria garganta, em guerras perpétuas com os vizinhos do lado.

O tipo de mentalidade que é disseminada para persuadir um povo a querer cortar as próprias asas.

Assegura subdesenvolvimento, desintegração, espirais de insanidade colectiva.

Promoção histórica contínua, dos romanos a oligarcas competidores. Este tipo de mentalidade é a fórmula apropriada para manter um país em desintegração perpétua; e é por isso que foi judiciosamente incentivada desde sempre por grupos internos e, muito especialmente, externos [*os próprios romanos começam esta tradição, quando cultivam formas de tornar os germanos mais bélicos e obscurantistas, para que nunca fossem uma ameaça para o Império; porém as coisas mudam e o feitiço voltou-se contra o feiticeiro, e esse também é o standard normal*]. Nesta altura, o jogo continua a ser jogado. Para isso, diferentes oligarquias lançam demagogos e provocadores políticos, para dividir e desestabilizar as regiões competidoras – pelo incentivo a não-industrialização e a não-modernização (aquilo que hoje seria conhecido como desenvolvimento sustentável).

Rodbertus e **Karl Marlo** / socialismo de guilda/ base para infraestrutura humana do **III Reich**. É no supracitado contexto de guerra psicológica, pelo apelo a nostalgia, subdesenvolvimento, obscurantismo, que surgem Karl Rodbertus e... **Karl Marlo**. Estes personagens tornam-se bastante notórios no seu tempo (um pouco antes de Karl Marx), apelando à rejeição de Modernismo e o pleno regresso à “ordem tradicional” da antiga Alemanha Imperial, medieval, por meio de um estado totalitário *völkish*. Marlo e Rodbertus vão ser determinantes para fomentar e fortalecer os movimentos de guildas *völkish* – como vem a ser conhecido, *socialismo de guilda* – que, um século mais tarde, assumirão o poder, no Machtergreifung de Adolf Hitler. Estas guildas são uma das fontes essenciais para a estrutura do estado policial Nazi, das estruturas de polícia política ao cultivo de jovens hooligans, para as SA e para as SS.

Prússia assume controlo sobre Alemanha e “sabe como lidar com Modernismo”.

A oligarquia prussiana: absolutismo de classe e rusticismo místico. O grupo que mais incentiva e lucra com tudo isto (espalhar misticismo e rusticismo para manter populações atrasadas e subdesenvolvidas) é a oligarquia prussiana, o biggest fish in the pond, nesta altura. Este é um bando bastante desagradável e absolutista de pessoas; velhos aristocratas organizados numa estrutura muito regimentada de guildas e de ordens de cavalaria.

Prússia é o “pioneiro” na tática continental de “lidar com Modernismo”.

Aproveitar o que pode ser usado para exploração, autoritarismo e guerra.

Banir tudo aquilo que pode dar liberdade, emancipação e esclarecimento à pessoa média. Os prussianos têm um design bastante peculiar para lidar com o Modernismo. Antes de mais, impedir os adversários de usufruir das suas vantagens; incentivar sufoco económico, social e tecnológico para tornar a conquista mais fácil. Em casa, absorver aquilo que é útil ao estado autoritário militarizado (e.g. indústria pesada, sistemas de organização, tecnologia militar); e banir tudo aquilo que pode trazer liberdade e esclarecimento ao indivíduo e à família média.

A Prússia era um estado totalitário, a própria base para o que vem a ser a Alemanha Nazi.

O Quarteto. Nesta altura, a Prússia já é um estado totalitário, uma espécie de pré-Alemanha Nazi; só é rivalizada nesse estatuto por Hesse e por mais uns poucos estados e principados. É esta Prússia

que cooptará e absorverá todos os restantes estados, para fazer a unificação da Alemanha. É também daqui que surge o Quarteto, a formulação oligárquica essencial que controlará a Alemanha até à II Guerra: proprietários de terras (Junkers), industrialistas de monopólio (e financeiros), administradores públicos e generais.

Prússia: a dança das cadeiras entre socialismo de esquerda e socialismo de direita.

Prussianos introduzem dança das cadeiras entre partidos, método que prevalece no Ocidente.

Partidos mudam mas decisões reais são tomadas por oligarcas e representantes da indústria. Um dos mais profícuos métodos a serem introduzidos pela oligarquia Prussiana foi a ideia de, a certo ponto, fingir a democratização do país. O sistema continuaria a ser plenamente autoritário, gerido pela mesma oligarquia de sempre, mas agora haveria a opção de eleger governos dotados de poder essencialmente simbólico. É o método que foi implementado em todo o mundo ocidental, no pós II Guerra. Existe a dança das cadeiras entre partidos, mas as decisões reais são tomadas por comités tecnocráticos compostos de representantes da indústria.

Todos as forças eram socialistas, fosse isto **socialismo de esquerda ou de direita.**

A dança das cadeiras nunca ameaça o sistema integrado (socialista). Na Alemanha, a peça de teatro foi feita para incluir uma vasta diversidade de partidos e forças, with a catch: todas eram socialistas, fosse de esquerda ou de direita. Aí, vamos ter os proto-fascistas e os conversadores de direita, em competição com comunistas, socialistas de guilda, sociais democratas Kautskyanos, até anarquistas sociais, i.e. o que hoje em dia se chamaria de “radicais”. Muito importantes em tudo isto, os professores envolvidos em “socialismo Katheder”, socialismo de elite, largamente responsáveis por organizar o sistema. A dança das cadeiras acontecia, mas o sistema integrado, controlado, monopolista, nunca era desafiado.

Prússia: viveiros de ideólogos a recibos verdes / Fichte e Hegel.

Prússia cultiva viveiros de provocadores e ideólogos a contrato / subversão e atraso intelectual. Como mencionado, a Prússia totalitária vai incentivar tudo isto, para o que contará sempre com inúmeros ideólogos e académicos a contrato (por altos comandos militares, departamentos de estado, seitas de cavalaria, etc.). Estes prostitutos intelectuais a contrato serão usados para fins de subversão e de racionalização daquilo que não pode ser racionalizado. A Prússia é bastante importante na técnica de usar castas de académicos para disseminar propaganda e lixo ideológico.

Fichte e Hegel aprendem quase tudo de Jean-Jacques Rousseau. Os ideólogos essenciais de totalitarismo de estilo prussiano, and beyond!, são dois Românticos degenerados, Fichte e Hegel, que aprendem quase tudo o que sabem com Jean-Jacques Rousseau, o Sociopata (Hegel vai bastante longe para misturar Rousseau com charlatanismo dialéctico; gnóstico, na verdade).

Rousseau: Schadenfreude, subdesenvolvimento e totalitarismo.

Rousseau festeja o Terramoto de Lisboa e anseia pelo retorno à comuna medieval. Jean-Jacques Rousseau é o autor essencial do Romantismo é, um pequeno sociopata que começa por festejar o Terramoto de Lisboa, pela mortandade e destruição que provocou; era um sinal de que o caminho em frente era o retorno à comuna medieval.

Passa o resto da sua carreira a advogar totalitarismo e a destruição da mente humana. Rousseau depois passa a sua carreira a expor um programa de reacção contra a ascensão da Razão, e a advogar a barbarização das massas europeias com doses de hedonismo e irracionalismo colectivo. Ao mesmo tempo, as massas seriam tornadas incapazes de comunicar entre si, e é claro que uma coisa acompanha a outra. É em tudo isto que consiste a ideia do “bom selvagem”, tão mal explicada às pessoas. Essencial em Rousseau, a primeira grande formulação do estado totalitário como uma imponente e monolítica estrutura que existe para esmagar o espírito humano, destruir a civilização e operar a queda, kicking and screaming, de volta à comuna feudal.

Como generalidade de obscurantistas continentais, tem porto de refúgio na Grã-Bretanha (oh why?).

Também estuda sob reaccionários católicos, Contra-Reformistas. Rousseau passou uma parte da sua vida a trabalhar com obscurantistas britânicos, como habitual nestes meios. A Grã-Bretanha funcionou como o grande porto de asilo para todo o tipo de destruidores e agitadores do Continente, de Rousseau, a Marx, a Bakunin, passando por Marat e Danton, mais tarde Blanc, e tantos, tantos outros – one can just wonder why, oh my? Seja como, antes disto, Rousseau ainda estudou durante algum tempo sob a égide de reaccionários católicos, e é plausível, que tenha aprendido uma boa parte daquilo que sabia sob esta gente.

Restauracionistas Católicos: a Aldeia Global neofeudal, sob Imperador do Mundo e Papa.

Jesuítas, um grupo gnóstico muito pervertido, anti-Cristão, surge no seio da Contra Reforma.

Antítese oficial a restantes gnósticos de guilda, para jogos dialécticos com o público. A reacção contra o Modernismo toma a sua face mais virulenta na forma da Contra Reforma, e é claro que este movimento é, a partir de certa altura, dominado por Jesuítas. Este é um movimento muito perigoso, uma falange de fanáticos anti-Cristãos, “gnósticos catolicizados”, e funciona ainda hoje como uma espécie de antítese oficial a guildas gnósticas na linha de Rosicrucianismo e outros. Grandes clubes de homens pervertidos a operar a distorção e a manipulação de sociedades por jogos dialécticos. Os Jesuítas chegaram a ser considerados um grupo ilegal e terrorista pelo Vaticano durante o século 19.

Restauracionistas Católicos: anular avanços feitos do Renascimento em diante.

A aldeia (medieval) global: comunas, blocos regionais e união global.

Mundo governado por Imperador do Mundo, a par do Papa.

“The mighty one has fallen, who will feel sorry for her?” Um dos subcultos – ou células, no sentido de intelligence – que surge a partir dos Jesuítas são os Restauracionistas Católicos, e aqui estamos a

falar de pessoas como de Maistre, La-Mennais, Bonald ou Ballanche. Estas pessoas surgem para advogar a mais virulenta e impiedosa anulação dos avanços civilizacionais alcançados durante o Renascimento e a Reforma. Isto seria feito pela instauração da “aldeia global”. A ideia era fundir os vários continentes em uniões modeladas com base no antigo Império Romano, e depois fundir essas uniões regionais num único império global autoritário, que impusesse obscurantismo e subdesenvolvimento ad aeternum. Esse império seria governado por uma “santa” aliança, entre um Imperador do Mundo e... o Papa. Quem mandaria, na verdade, seria o Papa. É fácil antecipar (até está escrito), o que aconteceria nesta possibilidade, o que eventualmente virá a acontecer. A grande estrutura de vermelho, sentada sobre as sete colinas, e o homem no topo dela, é pura e simplesmente devorada, comida, devastada, por aqueles que acreditava ir controlar. Acreditava que nunca ficaria viúva e que nunca ficaria sem filhos. Que podia fazer uso de todos os seus sortilégios e encantos e dizer, “ninguém me vê!”. Acreditava que podia agir em adultério (em divórcio até), de quem interessa, para mandar por si mesma, ter controlo total. E, de repente, pufff!

Saint-Simon inspira-se nestes simoníacos católicos.

Saint-Simon, um debutante aristocrático, angustiado com a era moderna.

É intolerável que os vulgares tenham liberdade, independência económica, educação. Estas propostas simoníacas encontram um sucessor apropriado na figura do Conde de Saint-Simon, um especulador e um aristocrata francês, que faz bastante dinheiro com a desgraça de outros aristocratas durante a Revolução Francesa. Saint-Simon vive angustiado com os avanços da era moderna. Constitucionalismo e democracia dão poder aos vulgares. Liberdade de imprensa dá-lhes voz. Desenvolvimento económico transforma-os em classe média e isso é tão intolerável; eles não dependem de *nós*! Pensamento científico desafiava o obscurantismo provincialista tão essencial ao exercício de poder das classes governantes. Irá inspirar-se assumidamente no modelo Jesuíta, para desenvolver um sistema de globalização (na verdade, limita-se a elaborar sobre o modelo Jesuíta).

Saint-Simon vê o fantasma de Carlos Magno, que lhe pede para globalizar modelo medieval.

Comte, outro alucinado / **Socialismo** institucional nasce nestas duas mentes. Uma noite, estando preso numa cela no Luxemburgo, o Conde (é isto que reporta) vê o fantasma do seu antepassado, Carlos Magno. Em voz tonitruante, o velho Imperador ordena ao seu benjamin genético que encete a devolução do mundo de volta à Idade Média. “Henri, ordena o mundo com base no meu Império”. Saint-Simon era chanfrado em mais que um sentido, e teve alucinações recorrentes ao longo da sua vida; o seu principal discípulo, Auguste Comte, também. Estes dois homens, personagens completamente alucinados, inventaram a primeira grande working definition de Socialismo, e para o caminho para lá chegar; chamaram-lhe Sociocracia.

Positivismo e Tecnocracia também surgem daqui, e isso explica muito. Também foram muito importantes em Empirismo Radical, e os formuladores de Positivismo e de Tecnocracia, o que explica muita coisa.

Séances, cartas de tarot, cornos de sapo, mapas astrais, e por aí fora.

O círculo de Saint-Simon / bancos de crédito mobiliário (e.g. Société Générale). Saint-Simon ouve o apelo do seu antepassado e concebe uma reacção geral para neutralizar os avanços do Modernismo e, mais que isso, organizar o mundo para uma ordem global baseada no velho Império Romano-Germânico. Recruta uma equipa de jovens colaboradores na aristocracia e na banca; o seu círculo, como lhe chama. Os círculos de jovens hienas, à volta da hiena crescida, são uma constante nesta gente. Em bom estilo charlatânico, estas pessoas depois organizam sêances, e no meio das cartas e dos mapas astrais encontram espaço para debater geopolítica. Aliás, é assim que algumas das obras de Saint-Simon estão divididas, em vez de capítulos temos “sêances”. Do círculo de Comte sai toda uma rede de bancos de crédito mobiliário, em França, Itália, Espanha e outros países. O Credit Mobilliaire e a Société Générale estão entre os mais notáveis.

Saint-Simon elabora reacção geral contra Modernismo / Aldeia Global.

Sistema Geral Global / Sociocracia Global / **Socialismo Global**.

Local to global / governo por bancos e firmas multinacionais / comunitarismo.

O modelo de Saint-Simon era assumidamente inspirado e quase idêntico ao dos Contra-Reformistas. Autoritarismo comunitário. Regionalismo, como base de construção de uma aldeia global, um regime global. O bom Conde adiciona um elemento essencial à equação, aquilo a que chama um “sistema geral de bancos”. A banca seria o primeiro sector a ser globalizado e, com efeito, guiaria o próprio processo de globalização. No final, existiria um feliz, unificado e feudal planeta Terra, organizado em múltiplas pequenas comunidades, habitadas por servos consensuais e ignorantes. Estes servos seriam ensinados desde pequenos a reverar os seus superiores, os novos lordes feudais: directores de bancos e de companhias multinacionais, secundados por comissários locais e regionais. Isto é Socialismo ou, como é chamado, Sociocracia. Os estados seriam desfeitos em regiões (o mundo ocidental teria umas centenas de regiões) e a ordenação seria de comuna, para região, para bloco continental, para global – *local to global*. A formulação de base nunca mudou, só os detalhes e a linguagem.

Polícia política, os “anjos da guarda” from hell.

Educação minimalista para “economia social” / **100** manuais “técnicos”, única literatura autorizada.

Degradação do intelecto / Congelamento da ciência e do discurso / “informação positiva”.

Deus é banido / ameaça autoridade humana, e princípios como honestidade, justiça têm de ir.

Disseminação de superstição (cartas, sinas, etc.).

A degradação da vida intelectual e científica seria alcançada por meio da substituição de ciência axiomática pela generalização de empirismo radical, um sistema aparentemente científico à superfície, mas uma colecção obscurantista de nódulos e auto-contradições no interior – dialéctica. Toda a actividade científica teria de ser *autorizada*, e teria lugar em institutos exclusivos, controlados pela oligarquia. As pessoas seriam ensinadas a comunicar com espíritos, a ler sinas e outras coisas deste género. Seriam supervisionadas por “anjos da guarda”, polícia política, anjos

infernais com botas militares. Deus, o *real*, o do AT e do NT, seria banido da praça pública por ser inaceitável; Comte assume que princípios como honestidade, verdade epistemológica e justiça não têm lugar no novo sistema. Da mesma forma, as pessoas não poderiam ter noção da existência de nenhuma autoridade acima da mera autoridade terrena. O debate público seria congelado, com polícia política colocada em todas as assembleias e locais de encontro. Comte assevera que **apenas** 100 livros de referência, **100 manuais autorizados de tópicos**, seriam tolerados no novo sistema. Depois haveria “informação objectiva”, “informação positiva”, e isto é aquilo que o próprio Comte assume ser pura e simples propaganda governamental. A pessoa média seria *treinada* ou *formada* (*não educada*) apenas e somente para fazer um trabalho rotineiro e prosaico na “economia social” (hoje isto será teclar uns botões num centro informático e ir trocar fraldas a idosos na comunidade).

Comte, “essencial alienar proletários de classes médias para assegurar domínio oligárquico!”

Carta de Comte a lord britânico: “derrota revolta dos vulgares, reestabelecer domínio aristocrático”. Auguste Comte, o discípulo de Saint-Simon, foi o grande responsável por celebrar este sistema no Continente, sob o seu Positivismo. Comte escreve uma notória carta (publicada numa das suas colectâneas, uma edição exclusiva em francês) a um lorde britânico, onde fala do modo como este programa iria permitir destronar a revolta dos vulgares e reestabelecer o prestígio e o poder absoluto da *aristocracia*, por toda a Europa. Vale bem a pena ler os documentos destas pessoas, nas edições antigas.

Acabar com a classe média / única que restará será managerial e afranchisada. Comte devotou centenas de páginas a explicar a utopia social, e como chegar lá – o 4º volume do seu Sistema de Política Positiva é imprescindível. Comte explica que um dos pontos essenciais para alcançar o “regime sociocrático” (este era o termo, na altura) era o de acabar inteiramente com a classe média independente – no final, a única “classe média” que restaria seria um ínfimo conjunto de gestores afranchisados, a trabalhar para firmas multinacionais.

Alienar as classes proletárias das classes médias.

Evitar a todo o custo que classes médias emancipem baixas, e todos se unam contra oligarquia. Mas o caminho para lá chegar ainda seria longo, e aqui era preciso tomar algumas precauções, diz-nos Comte. A precaução essencial era a de *alienar* as classes proletárias (vistas como servos ignorantes a manter nessa condição), das classes médias (vistas como potenciais emancipadoras dos proletários). Por outras palavras, *o proletário deveria acreditar que o seu real inimigo era a classe média, e não a oligarquia no topo*. Isso era a forma de assegurar que os proletários podiam ser usados pela oligarquia contra as classes médias; mas também de evitar que proletários e classes médias se unissem contra os oligarcas (como veio a acontecer nos EUA de Lincoln) e não acelerassem as reformas constitucionalistas que nascem do Renascimento. Para que estes propósitos fossem alcançados, era essencial criar uma ideologia sintética que virasse uns contra os outros, e deixasse o caminho aberto para os empreendimentos multinacionais da oligarquia.

Karl Marx aprende Socialismo com Saint-Simon e responde a apelo de Comte.

Por influência de sogro, von Westphalen / velho aristocrata prussiano, muito rico e poderoso.

Também existe a influência muito negra de Fichte e Hegel.

Manifesto Comunista é Saint-Simon em versão “proletarian friendly”.

Saint-Simon e Comte serão estudados por muitos jovens bandidos do seu tempo, e isso incluirá Karl Marx, na Alemanha [*ver notas sobre Marx, com citações directas, em **Socialismo***]. Marx aprende Socialismo a partir das obras de Saint-Simon, por influência do seu sogro, Ludwig von Westphalen; um aristocrata prussiano extremamente rico, e muito poderoso no estado Prussiano. Também retira inspiração dos virulentos proto-fascistas Fichte e Hegel, o que é sempre um péssimo indício. Karl Marx começa por reeditar a ideologia de Saint-Simon numa forma “proletariat friendly”. O modelo do estado comunitário e internacionalista de Marx *é* o modelo de Saint-Simon, com a omissão cuidadosa da parte onde todo o sistema é controlado por oligarcas financeiros e industriais. Esta é a essência do Manifesto Comunista. Todo o Manifesto é Saint-Simon, de uma ponta à outra, omitindo a parte sobre elitistas ricos no topo.

Marx responde ao apelo de Comte.

Guerra de classes / Ideologia aristocrática / Cultivar dependência / A comuna.

Todo o Manifesto é uma obra muito baixa e vulgar de jocosidade / duping people.

E, Karl Marx acorrerá para responder ao supracitado apelo de Comte. Comte pede para alienar o proletariado das classes médias, de modo a impedir emancipação geral contra a oligarquia. Marx diria que a melhor forma de fazer isto é por persuadir o proletariado de que a única forma real de *emancipação* é pela rejeição total da *alienação* que é “preconizada” pelas classes médias. Isto é uma forma dialéctica de dizer que Karl começou um jogo de dividir para reinar: guerra de classes. Virar os pobres contra aqueles que eram pobres e agora têm *qualquer coisa*. Marx exige ao proletariado que se enclausure na sua própria doutrina sintética de classe, inventada por pessoas como ele próprio, e tome armas contra as classes médias; não contra a oligarquia, mas sim contra os vizinhos down the road. Com efeito, o principal alvo de Karl Marx é o *petit bourgeois*; o agricultor independente, o pequeno industrialista, o pequeno retalhista. As classes médias “são o principal obstáculo para a construção do estado socialista” (totalitarismo) e o estado socialista será a Utopia onde todos os operários viverão... bem, *como classe média* (não é suposto que isto faça sentido, apenas que engane pessoas – e enganou – e engana). Porém, o caminho até lá é longo e árduo; confiem nos mestres socialistas. Entretanto, proletários do mundo, não queiram ter uma vida independente de classe média. *Geração descentralizada de riqueza é uma coisa má*. O que funciona é tudo estar organizado em grandes grupos, grandes consórcios, grandes organizações, e a partir daí fazer-se redistribuição de riqueza. Sempre que possível, roubem à classe média. Eles merecem. Eram pobres, como vocês, mas agora *são vossos inimigos*. Contentem-se em fazer trabalho industrial, para grandes empreendimentos. Concentrem todas as vossas atenções em meras disputas por salários melhores. Anseiem pela **comuna** (o campo de escravos feudal e colonial); nunca queiram ter nada; propriedade é uma coisa *má*. Na Utopia, terão tudo, nunca passarão fome – viverão como reis. Entretanto, trabalhem na fábrica, sejam duros, and though it up!, a Utopia chegará. É *isto*, este gozo vulgar, este escarninho medíocre, que Marx dá aos seus leitores, no

Manifesto Comunista e em outras publicações panfletárias para os vulgares. As publicações reais de Marx são infinitamente mais elitistas, realistas (e até certo ponto, honestas) que isto.

Karl Marx tem o perfil típico do provocador ideológico a contrato.

O “herói proletário” casado na aristocracia imperial prussiana / Prussófilo extremo. Karl Marx é um mero oportunista, que faz um teatro público de “herói proletário” enquanto se casa na aristocracia germânica, uma das classes mais brutais e misóginas em existência. Este é o perfil típico do provocador ideológico a contrato e, sem dúvida, é bastante provável que Marx não se tenha casado apenas com a jovem Jenny von Westphalen, mas também com a estrutura “informal” do Staat prussiano – eventualmente por via do sogro, que era um alto oficial nestes circuitos.

Marx: estandardização do mundo por blüt und feuer, para Socialismo global.

Em 1848, notabiliza-se por exigir um Anschluss Prussiano sobre toda a Europa Central e de Leste.

“Prússia e Austro-Hungria têm de lançar reino de conquista, terror, limpeza étnica e ideológica”.

[O que acabaria por ser feito durante a II Guerra Mundial].

Isto era essencial para a **estandardização** forçada da Europa para gestão totalitária (Socialismo).

O mesmo programa teria de ser feito por todo o mundo. De resto, é durante as revoluções de 1848 que Karl Marx se notabiliza por exigir a imposição violenta e militarizada de supremacia Prussiana sobre toda a Europa central (aquilo que aconteceria durante a II Guerra). Nisto foi secundado pelo seu colega, Friedrich Engels, um proprietário (capitalista) fabril em Manchester. No seu Die Rheinische Zeitung, estes homens antecipam *com deleite* as torrentes de exploração, extermínio étnico e desculturalização que Prussianos, Austríacos e Magiares *teriam de lançar*, do Rühr ao Volga, do Mar do Norte aos Balcãs, para garantir a sua “evolução” para Socialismo, i.e. totalitarismo. Marx e Engels exigem a estandardização forçada da Europa, da Rússia, das Américas, e depois do planeta inteiro, sob as mais virulentas formas de imperialismo. Essa era a forma mais expediente de destruir as velhas culturas e as velhas formas de vida e estandardizar toda a população global num mesmo molde de *gestão*, para um único regime de Socialismo Global.

Marx e Engels exigem a assimilação coerciva do povo Judaico.

Ódio puro por Rússia / teria tido satisfação se tivesse visto trabalho Comunista, décadas depois. Em tudo isto, o apontado no ponto anterior, Karl Marx alimentava um ódio muito particular e muito mesquinho pela Rússia; teria ficado orgulhoso se tivesse visto o holocausto de sangue, brutalidade e escravagismo que foi lançado pelos seus discípulos sobre o território.

Duvidoso que ódio por Russos tivesse a ver com pogroms anti-semíticos.

Marx era um Judeu assimilado, ensinado a ter ódio e desprezo pelo próprio povo.

Apela a assimilação coerciva de Hebreus / o método do pogrom e de tudo o resto.

Judas Macabeu teria sabido como lidar com Karl Marx. É muito duvidoso que a antipatia de Marx para com a Rússia tivesse alguma coisa a ver com os repetidos pogroms sobre a população Hebraica, nesse país. É certo que Marx era um Judeu, e nenhum Judeu que se prezasse teria grande simpatia pelo reino de obscurantismo do Czar. Mas o facto é que Karl Marx tem tudo menos simpatia e solidariedade pelo seu próprio povo. Com efeito, Marx notabiliza-se por ser um Judeu que apela à assimilação *forçada, coerciva, violenta*, dos restantes Hebreus. O Judeu, diz Marx, tem de ser *forçado a ser humano*, e isso acontece pelo abandono compulsivo de Deus e da Torah e por aculturação forçada a standards pagãos. “Die Judenfrage”, por ex., é um ensaio que roça o hitlerianismo. É difícil encontrar algo mais triste do que um Hebreu que se coloca do lado de Antíoco e dos Caldeus, contra o próprio povo. Judas Macabeu saberia como lidar com um mocinho dos epicuristas como Karl Marx.

Os donos de Marx são a anti-semítica aristocracia Prussiana, que conduzirá o Holocausto. Em tudo isto, não será coincidência que Karl Marx tenha sido adoptado pela virulentamente anti-semítica aristocracia Prussiana. Esta é a classe que conduziria o Holocausto, menos de um século depois, e Karl contribuiu para lançar as vagas de ódio e irracionalismo que levaram a isso.

Engels: “o Judeu polaco é a mais suja de todas as raças” [Treblinka in the background]. O mesmo com o seu colega Friedrich Engels, que nos diz que o Judeu Polaco é a raça mais suja e desprezível de todas em existência; precisa de uma limpeza. O ghetto de Varsóvia, Treblinka, Birkenau, Sobibor, Chelmno.

Tudo isto é em 1845-1850, quando Marx e Engels exigem limpezas étnicas para standardização.

O que aconteceria se os dois tivessem estado na Reichswehr, nos anos 30? É de notar que todas estas afirmações sobre assimilações forçadas e tratamentos coercivos surgem por 1845-1850, na fase em que Marx e Engels estão a exigir a condução de limpezas étnicas e raciais, por toda a Europa, para standardização cultural. O que é que Marx e Engels teriam feito aos ghettos da Europa de Leste, se estivessem no comando da Reichswehr décadas depois?

[sobre tudo isto, notas e citações em ***Socialismo***]

Marx, Marlo e Hegel / O jogo dialéctico entre Comunismo e Fascismo (síntese em).

Karl Marx é um sucessor dos provocadores Rodbertus e Karl Marlo. Karl Marx é, claro, um dos sucessores dos provocadores Karl Rodbertus e Karl Marlo, na cena política alemã.

Também é um Jovem Hegeliano, i.e. terrorista e irracionalista dialéctico. Marx começa a sua carreira como Jovem Hegeliano, o que o coloca na categoria de jovem hooligan, e terrorista; e é também daí que surge a sua paixão por raciocínio dialéctico. A dialéctica é, na prática, apenas uma forma sofisticada e complexificada de pensamento mágico. É com base na dialéctica que Marx extrai as suas concepções deturpadas sobre socialização e assimilação.

Marxismo (Comunismo) surge para jogar jogo dialéctico com Hegelianismo (Fascismo). De resto, um dos motivos para a criação sintética de Marxismo é a necessidade de inventar uma antítese dialéctica para Hegelianismo. Caso contrário, o princípio de contradição não operaria, e não se estava perante real evolução dialéctica guiada. Jogar um jogo dialéctico, *spiel ein spiel mit mir*, é o propósito de tudo isto, e isso é algo que costuma passar despercebido.

Fascismo hegeliano top/down (↓) + Comunismo marxista bottom up (↑).

A síntese: totalitarismo oligárquico cristalizado / top-down/bottom-up ([] (pés dialécticos).

Aka, comunitarismo managerial.

A dialéctica implica sempre o choque de tese com antítese para gerar síntese, e síntese é o meio-termo e a solução que *prevalece*, no mundo real. Hegelianismo é top/down (↓), Fascismo se quisermos. A oligarquia no topo cai sobre todos os restantes, impõe a sua vontade, por meio do estado totalitário. Marxismo é bottom up (↑). A teoria é a de que a “vanguarda” do proletariado “ascende” para impor a sua vontade sobre todos os restantes, por meio do estado totalitário. A solução aqui é obviamente *síntese*. A síntese é obviamente a situação onde existe a oligarquia hegeliana, fascista, cai sobre o público e é nisso acompanhada pela regimentação totalitária, marxista, das massas. O que surge daqui é aquilo que Comte exigiu. O estado totalitário onde a oligarquia comanda irrestritamente as massas regimentadas, e a classe média desapareceu por inteiro (foi esmagada no torno, a par de todos os outros elementos indesejados). A ordem social está organizada por castas funcionais regimentadas, ascendentes numa hierarquia cristalizada de postos e estações sociais, onde o topo absoluto é a oligarquia. Algo neste registo: []. Um bom símbolo também seria algo como um T onde a base é tão extensa como o topo, mas o símbolo anterior também é óptimo, até porque expressa um pressuposto essencial da sociedade totalitária. Tem de estar *assente sobre pés dialécticos*, sobre o jogo dialéctico, evolução guiada por choques dialécticos, em *todos* os domínios (os dois pés ali). A isto pode chamar-se de comunitarismo managerial – ver últimos pontos neste texto, sobre Red Toryism, Agenda 21, etc.

China Comunista (holding de conglomerados multinacionais), URSS, Alemanha Nazi – Agenda 21.

Pense-se na China comunista, uma gigantesca holding de consórcios multinacionais com trabalho escravo em baixo. Até certo ponto, pense-se na URSS, que dependia em pleno de bancos e de empreendimentos multinacionais (ver notas sobre **URSS** e **China**). Pense-se também na Alemanha Nacional-Socialista. E, pense-se Agenda 21; este é o modelo para o planeta. **Saint-Simon**.

Jogo deliberado por spinmeisters da dialéctica / essencial perceber para compreender mundo. Este é um jogo deliberado, ou estes não fossem os mestres da *dialéctica*; nada desta monta é arbitrário ou ocasional, em movimentos dialécticos. E é possível compreender perfeitamente tudo o que aqui é apontado sobre Karl Marx e sobre Socialismo em geral (e o mundo de hoje), quando se compreende a relação de síntese que é atrás apontada.

Karl Marx, um dandy provocateur em Londres.

Marx emigra para Londres e vive confortavelmente, ao contrário do mito urbano. A páginas tantas, Karl Marx torna-se um emigrado em Londres. Aí, e ao contrário do que é dito na lenda urbana corrente, não vai viver a vida dos condenados ao inferno terreno. Pelo contrário, Marx vai viver em apartamentos bastante confortáveis, e.g. em Kensington. Vai ter o direito a alugar grandes salões de espectáculos para as reuniões e palestras da I Internacional. Vai ter um emprego confortável como correspondente do Chicago Tribune e de um jornal de Nova Iorque.

Grã-Bretanha do século 19 não era um sítio bom para *reais* opositores ao establishment.

Reais heróis de classe popular eram identificados, presos, deportados para a Austrália.

Muitos foram executados por batalhões de Redcoats / muitos outros enforcados.

E.g. Cartistas, sindicalistas reais, e muitos outros. A Londres do século 19 *não era* uma cidade simpática para *reais* opositores ao establishment. A vida humana era muito barata e a cidade era escura, com muitas ruas apertadas e com muitos becos sem saída. Era muito fácil assassinar activistas *reais*; e isso era continuamente feito. Ao mesmo tempo, a Scotland Yard (e agências acima) geriam um elaborado sistema de espionagem, com provocadores infiltrados em todos os movimentos e sindicatos. As pessoas que eram *realmente* perigosas para a Coroa eram prontamente presas e deportadas para a Austrália, quando não enforcadas. Pergunte-se aos Cartistas, por ex. Esses eram *reais heróis de classe operária*, e foram dizimados pelo exército (batalhas campais de tiro ao alvo sobre marchas pacíficas, com o armamento pesado da era), pela polícia, caçados em massa, deportados, muitos enforcados. O mesmo aconteceu para muitos sindicalistas *reais*. Estes eram os métodos que se tornariam célebres durante a Revolução Irlandesa, no início do século 20.

Trabalhadores do mundo, uni-vos para exploração internacional irrestrita comunitária!

Marx aprende economia política com David Ricardo.

O sistema Marxiano é East India Co. em versão, uma vez mais, “proletarian friendly”.

Em Londres, Marx vai ser um ávido discípulo de David Ricardo e é partir de Ricardo que cria o seu sistema de economia política. Esse sistema é essencialmente uma tradução selectiva das ideias perturbadas dos economistas políticos britânicos para linguagem “proletarian friendly”; e isto veio prejudicar incomensuravelmente os esforços dos *reais* progressistas da era, ao dar uma nova via de expressão aos impulsos oligárquicos da ideologia britânica. Os pobres do mundo deveriam ansiar por exploração mercantil internacional irrestrita!

A destruição da civilização e o retorno à ordem medieval (“The Origin of the Family...”)

“Take it easy” era um dos ditos essenciais de Engels. É nesta mesma linha nihilista que Karl Marx acaba a sua carreira; a advogar a destruição da civilização e o retorno a uma espécie de ordem medieval idílica. Essas visões foram codificadas para uma obra de sofística medíocre, “The Origin of the Family, Private Property and the State”, pelo seu colega Friedrich Engels. O capitalista têxtil de Manchester encontrava bastantes tempos vagos para escrever nonsense. Uma das frases favoritas de Engels era “take it easy”.

[Num dos episódios do *The Prisoner* (1967), “Do Not Forsake Me Oh My Darling”, o Number 2 conduz lavagem cerebral sobre o Number 6, para lhe vender a beleza da comuna medieval pós-moderna, comunitarismo Agenda 21, e vai-lhe dizendo monotamente, “take it easy – relax, cool – you’re very aggressive – you mustn’t resist – take it easy – take it easy – it will all be one in the end – in-formation!”]

Engels e Eleanor Marx trabalham directamente com SIS e Old Aristocracy.

Socialist League – Rose Street Club (guelded morons) – Bloomsbury Group. Fast forward para alguns anos mais tarde. Durante os 1880s, Friedrich Engels e a filha de Karl Marx, Eleanor, vão trabalhar com notórios fascistas imperiais como William Morris e Henry Hyndman, em organizações como a Socialist League e o Rose Street Club. Este Rose Street Club era um grémio elitista para, como descrevê-los, gente de guilda (guelded morons). Todas as grandes cidades ocidentais têm uma “rua da rosa”, e serve sempre de sede para algum epicentro de mal anti-humano. Engels e Eleanor também trabalham com a Bloomsbury Socialist Society (BSS). A BSS, ou Bloomsbury Group era uma organização muito importante, um ponto de encontro de secções da aristocracia britânica e um branch político gerido pelo SIS, os serviços secretos da Coroa britânica.

Colaboração com SIS também se estende à Fabian Society, o braço socialista da City. A relação de Friedrich Engels e Eleanor Marx com o old establishment e o SIS não fica por estas organizações. Vai depois expressar-se na forma da supracitada Fabian Society, criada pelo SIS através dos Cambridge Fabians. Engels e Eleanor ajudam a lançar estes lobos em pele de cordeiro e nisso trabalham directamente com Lady Astor e Edward Pease.

SIS, claro, está acima de military intelligence, é uma holding da Old Aristocracy. É preciso compreender tudo o que foi escrito até aqui para perceber o como e o porquê de estes dois notáveis proletários de salon estarem a trabalhar com o *topo* de british intelligence; o SIS está acima de military intelligence (MI5, MI6, e todos os outros). E, porque é que esta relação de trabalho estaria a funcionar para criar aquilo que é, com o patrocínio da City, a *principal* força para socialismo internacional. Uma força que, como foi atrás apontado, é inteiramente subalterna e interdependente com a City of London, por intermédio do sistema Chatham House.

Processo standard: Destruição em escala abre portas a tirano e a regime oligárquico.

Fase Constitucional da Revolução Francesa sabotada e destruída pelos Jacobinos.

Depois, confiscações forçadas / genocídio / fome, doença, morte.

O meme da “saúde pública”.

Abertura de terreno para ditadura oligárquica (Directório) e para tirania (Napoleão). A fase Constitucional da Revolução Francesa é destruída pela acção dos Jacobinos, a seita terrorista que destrói metade da França e mata dezenas de milhares com o Terror. Mas é justo e *igualitário*, dizem, estamos a matar aristocratas, agricultores e soldados da mesma exacta forma; a guilhotina.

Tudo isto é feito pelo Comité de Segurança Pública, sob o mote de “saúde pública”. Ao mesmo tempo, regiões campesinas inteiras são submetidas a confiscação forçada de comida, a pequenos agricultores, provocando surtos horríveis de fome, doença e morte. A destruição causada pelos Jacobinos lança as bases para a ditadura oligárquica mercantil do Directório (uma forma de fascismo de proprietários de big business) e, mais tarde, para a ascensão de um tirano imperialista e sanguinolento, Napoleão.

Marat, Danton et al tinham refúgio garantido na Grã-Bretanha / padrão habitual com obscurantistas. Durante todo este processo, os principais provocadores jacobinos, homens como Marat e Danton, podiam simplesmente apanhar um barco para o outro lado da Mancha, de cada vez que se metiam em apuros. Lá, eram bem acolhidos, podiam passar uns tempos a descontrair nos green fields of England, with the rosy cheeeked girls there, e depois voltar a França para mais acção destrutiva. Este é o padrão habitual com obscurantistas continentais, como apontado noutros sítios ao longo deste texto.

Babeuf: “A aristocracia, uma hidra versátil de 1000 cabeças”. Babeuf é um comissário feudal recrutado como provocador para ajudar a destruir a fase Constitucional da Revolução Francesa. Aí, afirma algo para este efeito: que, até ao golpe jacobino, nunca se tinha apercebido da verdadeira natureza do sistema aristocrático, uma hidra de 1000 cabeças.

Processo usado em França mimetizado em Rússia, China e outros sítios.

Destruição em escala / Terrorismo de estado / Higiene social (purgas).

Ditadura oligárquica e um tirano no topo.

Modelo para o mundo, sob Agenda 21, Sustentabilidade Global. O procedimento seguido em França viria a ser mimetizado de perto pelos Bolcheviques na Rússia e pelos Maoístas na China; tal como os resultados obtidos. É um processo. Destruição em escala, com fomes deliberadas, campanhas de terror. A ideia de saúde pública; muito importante aqui. Matar e destruir em nome de saúde. O que está em causa é *higiene social*. Limpar o “lixo social” – pessoas. Mais tarde, a isto chama-se de purgas ideológicas e eugénicas. Depois da destruição total e completa, a ascensão de ditadura oligárquica e do tirano absoluto no topo (Stalin, Mao). Pense-se nisto para o mundo, sob Agenda 21 e sustentabilidade global.

Escola Austríaca junta-se a “britânicos” para subverter e cooptar mercado livre.

Escola Austríaca, um produto de simonia Jesuíta.

Partners in crime com “britânicos” / casamento concretizado em LSE, Chicago School, etc. A reacção dos Restauracionistas Católicos é relatada mais atrás. Um dos resultados mais vis e perniciosos a sair desta rebelião Jesuíta contra, na verdade, Deus, é a Escola Austríaca, um grupo de intelectuais simoníacos que desenvolvem e aperfeiçoam o sistema britânico de economia política; neste ponto, “austriacos” e “britânicos” são uma e a mesma coisa, partners in crime. Aliás, juntam-

se e aliam-se em coisas como a London School of Economics, uma criação Fabiana, e a Escola de Chicago.

Cooptar ideias e terminologia para promover mercantilismo e comunitarismo.

Subverter e neutralizar bons ideais.

Mercado ~~livre~~ corporate / (sub)desenvolvimento / ~~descentralização~~ afranchisamento.

~~Independência individual~~ (inaceitável) e classes médias (dependentes).

~~Prosperidade universal~~ recursos limitados: alguns winners, muitos losers (sustentabilidade).

Toda a arte destas pessoas consiste em usar algumas boas ideias e alguma boa terminologia como iscos para depois promover o resto do programa, mercantilismo imperial e comunitarismo. Usar a linguagem do “mercado livre” para neutralizar, cooptar, inverter, apagar da memória, os *reais* ideais económicos de mercado livre. Desenvolvimento torna-se o seu oposto; crescimento limitado e controlado. A ideia de actividade económica descentralizada é subvertida para ser tornada equivalente a actividade por franchise, sob o controlo directo de grandes consórcios. Independência individual e generalização da classe média não podem ser, aí as pessoas deixam de depender de bully boys. Prosperidade universal também não dá, porque este é um mundo de recursos limitados; todos têm de ser igualmente pobres, com a excepção óbvia dos big boys at the top.

Subverter ideia de mercado livre, independência económica, para “capitalismo”.

Um **sistema** unificado e organizado / vanguarda de “ideólogos capitalistas”.

Mercado livre é mercado livre / não é um sistema organizado.

Tirando premissas atrás expostas, não há mais nada a acrescentar. Vital em tudo isto foi transformar “capitalismo de mercado livre” – na verdade, operações independentes de industrialistas e de empreendedores de classe média – precisamente nisso, em “capitalismo”, um *sistema* organizado. Isto é algo que este um real *mercado livre* não é, nem nunca poderia, por definição, ser. É claro que um sistema organizado é algo que pode ser gerido e manietado por uma vanguarda. Depois, no mesmo espírito, criar algo como “ideólogos capitalistas”, algo que nunca até aí tinha existido e, por definição, não faz sentido existir. Mercado livre é mercado livre e, para além das premissas essenciais que foram apontadas atrás, não existe qualquer factor que justifique “adições ideológicas”, quaisquer que elas sejam. O modelo é sempre o mesmo. Tudo isto serviu, obviamente, para impedir a generalização de economias baseadas em mercados livres e reciclar, dar uma cara lavada, ao velho mercantilismo.

Chicago School: crime organizado italo-americano e “anarco-capitalismo” global.

Sedeada numa capital de crime organizado italo-americano, Chicago. A Escola de Chicago é fortemente subsidiária dos dois grupos atrás apontados, e está apropriadamente sedeada numa das capitais do crime organizado italo-americano, Chicago.

Anarco-capitalismo significa comunitarismo / os privados são o governo / autoritarismo managerial. Estas pessoas são “anarco-capitalistas” no sentido em que isso foi atrás explicado. “Anarco-capitalismo” significa, na verdade, mercantilismo. O poder de auto-regulação irrestrita de consórcios privados sobre domínios concessionados. A corporação é o seu próprio governo. Depois, torna-se o governo efectivo sob o domínio em causa; e este é um governo autoritário e controlador, interessado em management, não em pessoas. Ler também notas sobre **comunitarismo**. Isto é a essência de governo comunitário actual.

Chicago School visa globalizar anarco-capitalismo / modelo, o Sistema Geral de Saint-Simon. Desde os anos 30 que o propósito *declarado* da Escola de Chicago é a condução de “anarco-capitalismo” para a globalização de management comunitário; por outras palavras, governância global por megaconsórcios. A visão do Sistema Geral Global de Saint-Simon, abordado a seguir, é evocada com recorrência para ilustrar esta forma final.

A estrada para comunitarismo managerial global ().

Free trade global é a estrada para governância global por público/privados (comunitarismo). O caminho para governância global por consórcios privados, sob comunitarismo, é *free trade* global (i.e. mercantilismo global), pelo qual as economias do planeta (e correspondentes sistemas políticos) são gradualmente dissolvidas, refeitas e integradas entre si sob a gestão de grandes bancos, companhias multinacionais, fundações e OSCs. Os slogans que surgem em tudo isto são “privatização”, “obter mais de menos”, “deslocalização”, “outsourcing”. As ferramentas essenciais: OMC/GATT, FMI, Banco Mundial, e muitas, muitas outras.

HG Wells: “países, economias, dissolvidos sob internacionalização e fragmentação interna”.

Governo assumido por conglomerados multinacionais / comunitarismo / management totalitário. Este é o design que foi explicado pelo fabiano HG Wells: os países e as economias do planeta seriam dissolvidos sob vagas sucessivas de internacionalização – e eventualmente de caos interno – e as funções de governância seriam usurpadas por grandes conglomerados multinacionais, que estabeleceriam gestão tecnocrática (management totalitário), por substituição aos antigos regimes democráticos. No final, existiria um regime global totalitário, governado por grandes interesses privados multinacionais.

A globalização da Índia Britânica / comunitarismo managerial () / Red Toryism.

Neoliberalismo e neoconservadorismo (Os New Liberals de HG Wells).

Slave states como modelos a seguir – China, Angola, Indonésia, México, etc.

Comunitarismo implica entente dialéctica entre hipercapitalistas e radicais de esquerda.

Síntese em **comunitarismo managerial** (II) / o mundo Agenda 21 / **Red Toryism**.

Todos estes movimentos vão desaguar naquilo a que HG Wells chamou de New Liberals: “neoliberalismo” e “neoconservadorismo”. Aqui, é abertamente assumida a mentalidade da comuna de escravos, onde os *slave regimes* da China, Angola, Filipinas, México são o modelo a seguir. O “grand design” para o mundo é, portanto, uma globalização aperfeiçoada do modelo escravagista da Índia Britânica. Aqui, existe a entente entre hipercapitalistas e radicais de esquerda (trotskyistas, marxistas culturais), expressa em comunitarismo: gestão da economia por corporatismo oligárquico fascista, a velha aristocracia back in business, e a gestão dos processos sociais por movimentos comunistas. Aquilo a que o Deimos, um dos principais thinktanks para o governo de Cameron na Grã-Bretanha chama abertamente de **Red Toryism**. Ver o ponto anterior, sobre o jogo dialético entre Fascismo e Comunismo, com síntese em comunitarismo managerial ([I]). Este é o modelo britânico (adoptado por economistas políticos e socialistas na mesma medida) e é o modelo que está a ser seguido, para dar origem à utopia Red Tory de John Ruskin; o mundo Agenda 21. Ler notas sobre *Red Tories* e *Agenda 21*.

James Burnham explica todo o gameplan em “The Managerial Revolution”.

Comunitarismo / devolução social extrema / militarização / guerras tripolares constantes.

Leia-se James Burnham, um homem muito importante em tudo isto, em “The Managerial Revolution” (ver notas em *Socialismo*). Está lá tudo. As economias do planeta são social, política e economicamente desmanteladas e colocadas sob *management* público/privado – comunitarismo. A comuna laboral torna-se o sistema perversivo. Pobreza, doença e fome voltam a ser constantes naquele que se torna o ex-mundo desenvolvido. A vida “pública” (agora privatizada) é tornada num espaço repressivo e militarizado. A mentira é institucionalizada como modo de vida. O mundo é organizado em três grandes blocos que travam guerra permanente entre si.

INGSOC.

George Orwell/Eric Blair começa por ser um socialista ingénuo até perceber o gameplan aqui.

O seu 1984 é uma versão ficcionalizada das obras fabianas e do “The Managerial Revolution”.

Socialismo Inglês é o modelo para o mundo – INGSOC.

Na Eurásia, INGSOC chama-se **neobolchevismo**, i.e. radicalismo comunitário.

No Leste Asiático, chama-se **culto da morte** / o self é sempre odiado, no si mesmo e nos outros.

A aliança com a morte acaba em... **morte**. George Orwell, de nome real Eric Blair, era um socialista fabiano, embora não de topo. Durante uma boa parte da sua vida foi um homem ingénuo que, entre outras coisas, foi combater a Guerra Civil em Espanha, a dar o corpo àquilo que acreditava ser verdade; que socialismo internacional visava efectivamente a obtenção de alguma forma de coerência e de justiça em questões humanas. Quando em Espanha pôde observar os métodos estalinistas. Mais tarde, já de regresso a Inglaterra, pôde observar os métodos fabianos – para o

calar. Orwell estava a tentar avisar os socialistas ingleses da realidade sobre a URSS e era confrontado com problemas em todas as esquinas. Talvez tenha sido nesta altura que se sentou para ler a *deep literature* fabiana, para tomar consciência do modelo que estas pessoas tinham em mente para o mundo. Ler o 1984 de Orwell é ler uma versão ficcionalizada das obras fabianas, escritas por lords e sirs, e também por mocinhos presunçosos como HG Wells. Ler o 1984 de Orwell é também ler a ficcionalização de Burnham e “The Managerial Revolution”. Aí, Orwell coloca tudo em perspectiva. O sistema dominante é INGSOC, Socialismo Inglês. A versão de INGSOC para a Eurásia é *neo-bolchevismo*; algo a que hoje se poderia chamar “radicalismo comunitário” ou até “euro-comunismo”. A versão de INGSOC para o Leste Asiático é o *culto da morte*; uma parte essencial em tudo isto é ódio pelo self, em si mesmo e nos outros. Isto é, efectivamente, um culto de **morte**. Para que venham a ser cumpridas as palavras “*aliaram-se com a mentira e foram enganados por ela, e aliaram-se com a morte e foram destruídos por ela, quando pensavam que iam dominar*”.

Apontamentos sobre Modernismo.

Liberdade, desenvolvimento, classes médias, Razão.

Liberdade política e económica / desenvolvimento / ascensão de classes médias.

Classes médias: educação liberal, activismo político, inovação económica e científica.

Razão: raciocínio abstracto, criatividade e acção moral. A vitória essencial do Modernismo, a grande revitalização humana e civilizacional que surge do Renascimento em diante, é o reconhecimento crescente do valor intrínseco do indivíduo médio. Até aí, a vida individual não valia para rigorosamente nada, a não ser para ser usada, moldada, agredida, abusada, manietada, ao serviço de uma qualquer classe de patronos oligárquicos. O homem e a mulher comuns já não são bestas de carga, a ser usadas e abusadas por oligarcas e governantes absolutos. Agora começam a ter igualdade perante a lei, liberdades e direitos individuais, voz própria, a possibilidade de auto-determinação. A ordem económica ossificada e monopolística da Idade Média é lentamente desagregada. Desenvolvimento económico e o aparecimento de classes médias independentes são os resultados imediatos disso. As classes médias são uma enorme força de geração descentralizada e independente de riqueza; o factor essencial na recuperação económica da Europa, após séculos de estagnação e exploração feudal. Estas classes tornam-se pioneiras em auto-educação, e em tudo o que daí advinha: conhecimento e cultura, ideais políticos, inovação económica, descobertas científico/tecnológicas. Daí é também democratizada a ascensão de Razão. O Homem não é uma besta; é criado com um potencial quase ilimitado para a compreensão conceptual superior do mundo à sua volta, para o exercício de criatividade, e para acção moral e construtiva em prol de todos. A

educação liberal, ou clássica, como será chamada, visa despertar e desenvolver Razão; criar seres humanos completos. Os melhores aspectos da civilização ocidental moderna serão desenvolvidos por pessoas educadas sob estes moldes.

Optimismo humano e civilizacional. O Homem tem todos os motivos para ser optimista. É criado à imagem do Criador, com racionalidade, imaginação, criatividade. Tem um potencial (quase) ilimitado de concretização pessoal. Desde que assim o queira, e para isso se esforce, pode fazer tudo aquilo a que se lance, e ultrapassar todas as barreiras. Foi feito para ser um pioneiro, um construtor, um intelectual, um artista. A iniciativa e inventividade de um só indivíduo podem mudar drasticamente o mundo. Acção justa, levada a cabo por pessoas educadas para serem capazes, morais e Racionais, é a única forma de criar uma sociedade próspera e justa, para todos; esse tipo de sociedade é o ideal a almejar.

Classes médias: a necessidade de emancipar as classes baixas. As classes médias são o epicentro tectónico do Modernismo e, se alguma vez as classes baixas vierem a ser emancipadas, para criar uma sociedade justa onde o estilo de vida de classe média é universalizado, isso acontecerá por acção das classes médias. É isso que vai acontecendo ao longo do Modernismo, mas não o suficiente. É isso que tem de acontecer mais em diante; as classes médias têm de voltar a ser e têm de reassumir aquilo que lhes foi usurpado pelas oligarquias (algumas delas de ex-classe média, já agora).

Estado-nação clássico / Constitucionalismo liberal.

Estado-nação clássico vs. bloco imperial (“local to global”). A unidade geopolítica essencial aqui é, claro, o estado-nação clássico, que ascende do período Renascentista em diante. Até aí, a Europa era “local to global”: do feudo ao império. Esse é o formato típico em autoritarismo. O poder é concentrado em centros muito poderosos, dispersos ao longo do império (ou do bloco), distantes da pessoa média. Exercem poder arbitrário sobre as sátrapas, podendo mobilizar exércitos gigantescos para o fazer – forças imperiais. O nível “local” é, depois, igualmente autoritário, em tais construções; dominado por mestres feudais, comissários, executivos neoliberais, redes de polícia política, e por aí fora. E, claro, a actividade económica ao longo de todo o império é monopolizada por grandes empreendimentos mercantis.

Estado-nação clássico: grande o suficiente para ser auto-sustentável e para se defender.

Pequeno o suficiente para ser controlável pelo povo. O estado-nação clássico, uma adopção modernizada do conceito de Israel, no AT, vem suprir estes problemas. É um espaço grande o suficiente para permitir auto-sustentabilidade económica e defesa própria contra agressores externos (e.g. exércitos imperiais). Ao mesmo tempo, é pequeno o suficiente para que os centros de poder não estejam demasiado distantes da pessoa média. Quanto maior a proximidade entre a pessoa média e o poder, tanto mais o poder pode ser responsabilizado, held accountable, perante o povo que *serve*.

Estado legítimo (dentro da lei) vs. estado ilegítimo (fora da legis, fora da lei). Este, claro, é outro conceito essencial que surge do Renascimento em diante. O poder legítimo (dentro da legis; dentro

da lei) existe para servir as pessoas, não para se servir delas. O poder ilegítimo, por outro lado (fora da legis; fora da lei), não existe para fazer *pelo* povo, mas sim *ao* povo.

Constitucionalismo liberal / Democracia / Desenvolvimento e prosperidade.

Aquilo que permitiu que mundo ocidental tivesse merecido título de **mundo livre**. O estado-nação clássico é a única forma de organização geopolítica que permite a emancipação efectiva das massas da humanidade e a criação de liberdade e de prosperidade para todos – *se bem usado*, claro. Estado-nação constitucional. A forma mais elevada, democracia liberal constitucional; a forma que virá a caracterizar o ocidente, na fase em que *podia*, apropriadamente, ser chamado de *mundo livre*. Mesmo não sendo perfeita, esta é a sociedade que cria maiores índices de desenvolvimento e de prosperidade per capita, ao longo de toda a história moderna. Hoje, isso está rapidamente a desaparecer, e é essencial que o rumo seja invertido. É essencial, aliás, que os valores da liberdade, da geração de riqueza e do desenvolvimento económico sejam universalizados.

Direitos individuais / Governo constitucional.

Direitos individuais inalienáveis / independência individual. Todos são criados iguais, o que significa que todos têm de ser tratados de igual forma perante a lei. Todos nascem na posse de liberdades e de direitos individuais que são inegáveis, *inalienáveis*. São concedidos a cada homem e a cada mulher pelo próprio Criador. Entre os essenciais, o direito a vida, a liberdade, a auto-realização, a auto-governança, a auto-defesa. Outros direitos se seguem. O foco central destes direitos é sempre a noção de independência individual.

Homem e mulher comuns são centro da sociedade / não estado, oligarquia, colectivo.

Governo eleito para proteger liberdades, face a *usurpadores* das mesmas. Como esses direitos são inegáveis, isso significa que não podem ser questionados, ou atacados, por *ninguém*. É o indivíduo médio e a família média que são o centro da sociedade; não o governo, não o estado, não a oligarquia, não o tirano, não o colectivo popular. O governo é eleito pelo conjunto de indivíduos (o povo), precisamente para agir como protector dessas liberdades e desses direitos, face a quaisquer agressores. Agressores são *usurpadores*; negar um direito inegável é roubá-lo, usurpá-lo.

Governo serve público / não é uma autoridade sobre público / Constituição.

Arbitragem de relações. O governo também é eleito para arbitrar as relações sociais entre indivíduos. É uma entidade que não existe como *autoridade* sobre o público, mas sim como um *serviço* para o *servir* o público (um serviço prestado por *serventes* públicos). Para ordenar esta forma de governo, e limitar as suas esferas de acção, existe uma Constituição.

Constitucionalismo liberal-democrático: justiça e equilíbrio. O tipo ideal de governo que daqui surge pode ser chamada de liberalismo constitucional e democrático (ou constitucionalismo liberal-democrático), e é a forma mais avançada, justa e legítima de governo alguma vez concebida. É a única forma de governo que coloca o indivíduo médio e a família média no centro do panorama político, que é forçado, por lei, a responder perante eles; e onde a ideia não é fazer algo *ao* povo,

mas sim *pelo* povo. A única forma de governo que não está autorizada a ser autoritária, em qualquer ponto que seja.

Governo legítimo. É governo legítimo, i.e. governo dentro da Lei, da legis, por oposição a governo ilegítimo, i.e., fora da lei. Um governo fora da lei é, claro, o tipo de governo que usurpa/rouba os direitos individuais dos seus cidadãos em prol de uma qualquer agenda oligárquica.

Mercado livre de classe média.

Mercado livre e classe média / Homem e a mulher comuns são o centro. O ideal que ascende é o do mercado livre de classe média, onde o homem e a mulher comuns não estejam presos sob amarras impostas por exploradores oligárquicos, por megacompanhias mercantis (multinacionais) e por estados monolíticos.

Geração descentralizada de riqueza vs. racionamento centralizado a peso de ouro.

Liberdade e prosperidade vs. tirania, colectivismo e emiseramento. O dinheiro foi feito para servir o homem e não o homem para servir o dinheiro. Uma economia não é um espaço de limites (a exigir racionamento, redistribuição e management autoritário), mas sim uma tarte que pode ser continuamente aumentada, de tal modo a que todos possam usufruir de uma fatia progressivamente maior e melhor. Homens e mulheres livres vão encontrar ideias novas, construtivas, lucrativas e vantajosas para todos – novos recursos, novas tecnologias, novas e melhores formas de fazer as coisas. Sob o exemplo anterior, da tarte, o ideal é que todos possam aprender a fazer tartes e ser livres para as fazer; geração descentralizada de riqueza, por oposição à redistribuição a peso de ouro de uma única tarte monopolizada, pela oligarquia ou pelo estado; como era a norma sob o colectivismo redistributivo que era norma na Europa feudalista.

Mercado livre de classe média / homem e mulher comuns / independência económica. Isto significa que são o indivíduo e a família média que têm de estar no centro da economia, e não o grande grupo organizado. São o homem e a mulher médios que têm de ter a liberdade para assumir as rédeas da economia e para obter independência económica – adopção generalizada de mercado livre de classe média.

Economia à base de pequenos e médios empreendimentos / classes médias. Livre iniciativa, actividade económica descentralizada, competição. Uma economia à base de pequenos e médios empreendimentos (a quinta familiar, PMEs, coops, etc.). Generalização das classes médias empreendedoras e independentes. Para quê ter uma sociedade definida por mestres e servos, patrões e empregados, quando todos podem ser potenciais empreendedores?

Governo tem de *proteger* economia de classe média de predadores.

Antitrust / Regulação imparcial e equidistante / Tarifas alfandegárias.

Impedir acumulações excessivas de market share / firewalls contra agressões multinacionais.

Usar colecta tarifária para avançar economia. O governo tem, portanto, de proteger activamente as suas classes médias (a sua economia). Primeiro, pelo estabelecimento de barreiras à consolidação de grandes grupos – i.e. cartéis e monopólios são palavras *feias*. Isto significa legislação *antitrust*; nenhum grupo ou agente económico pode tornar-se demasiado grande, ao ponto de ganhar supremacia sobre os restantes. A ideia é sempre obter igualdade de oportunidades e, para que isso aconteça, o mercado não pode ser dominado por um interesse, ou por uma colusão de interesses. Segundo, a regulação tem de ser imparcial e equidistante, de forma a obter igualdade de oportunidades e arbitragem regulatória justa. Terceiro, o mercado livre é sempre um mercado protegido, por meio de *tarifas* alfandegárias; quem quer entrar para usufruir das condições do mercado tem de pagar pelo privilégio de o fazer. Depois esse dinheiro pode ser usado como colecta fiscal para avançar o desenvolvimento do território, e para programas de equalização de oportunidades sociais. Outra vantagem da colecta tarifária é a de que esta fonte de colecta permite aliviar bastante o peso fiscal sobre as famílias. Mas a existência de tarifas serve ainda outro propósito essencial. Se um grande grupo mercantil externo (hoje, uma multinacional) quiser entrar sob condições desleais (e.g. produtos muito baratos, feitos por escravos), tem de pagar por isso; é algo que desincentiva essa prática, uma forma de firewall contra predadores externos.

Governo: obras públicas e iniciativas não realizáveis por PME's (trusts públicas). O governo depois assume responsabilidade por grandes obras públicas e por iniciativas económicas que não possam ser asseguradas por pequenos e médios empreendimentos (por ex., isto foi, durante muito tempo, o caso com a larga generalidade das utilidades públicas). Isto é feito através de trusts públicas criadas para o efeito, e é claro que essas organizações têm de ser inteiramente transparentes e vistoriadas pelo público e pelos seus representantes eleitos.

Mercado livre de classe média só pode existir com o estado-nação clássico. Como é evidente, estas condições só podem ser cumpridas num espaço grande o suficiente para permitir auto-sustentabilidade económica, mas pequeno o suficiente para que os centros de poder não estejam demasiado distantes da pessoa média; quanto maior a proximidade, tanto maior a responsabilização do poder, a sua accountability perante o povo que serve. A única unidade geopolítica capaz de cumprir os dois requisitos é o estado-nação clássico.

Mercado livre de classe média – a economia natural.

Pessoas comuns fazem as suas vidas livremente.

Poder legítimo protege-as / não as usa como “recursos humanos”, gado colectivo. Esta é a forma natural, justa e honesta de fazer as coisas. As pessoas comuns estão no centro da sociedade, fazem a sua vida de forma livre, e o poder está lá para as proteger de predadores. Isto não é uma ideologia, ou um paradigma, ou sequer um “modelo” per se; é liberdade plain and straight, pura e simples. É a forma natural como as pessoas e os povos fazem as coisas, até aparecerem predadores preguiçosos e manipulativos que tentam meter toda a gente a trabalhar para si.

Doutrinas oligárquicas racionalizam sempre **usurpação** de espaço pessoal (i.e. crime). Da mesma forma, é *norma* com todas as ideologias oligárquicas, venham da esquerda ou da direita, que exijam

sempre (um maior ou menor grau de) *usurpação* dos direitos pessoais do homem e da mulher comuns, e da sua instrumentalização para alguma agenda mercantil, estatal, ou multinacional. Sempre que estamos perante usurpação, estamos perante *roubo*, e isso é crime organizado. Independentemente de todos os títulos sonantes e racionalizações e que possam ser atachados por cima.

Liberdade significa desenvolvimento e prosperidade / mundo ocidental.

Liberdade gera Razão, desenvolvimento, prosperidade, emancipação social e política. Ao longo da história, sempre que houve alguma aproximação aos ideais de liberdade, isso produziu Razão, prosperidade, emancipação social e política, desenvolvimento científico e tecnológico. Sempre que houve um afastamento desses ideais, o produto, foi o exacto oposto; o pântano civilizacional onde o espírito humano vai para morrer.

Princípios que mais avanço civilizacional produzem em TODA a história humana.

O mundo ocidental foi o mundo livre devido a aproximação a estes ideais.

Prosperidade / desenvolvimento / classes médias / educação e literacia / medicina.

Solidariedade e caridade. A liberdade per se, sob estes moldes gerais de fazer as coisas, é aquilo que mais avanço civilizacional produziu em toda a história humana. Foi a adesão (mesmo que apenas parcial) a estes princípios que deu ao mundo ocidental o honroso título de *mundo livre*. Essa é a sociedade que acaba com a pobreza dentro das suas fronteiras. É a sociedade que alcança os melhores índices de prosperidade per capita e de desenvolvimento a todos os níveis. É a sociedade que universaliza o estilo de vida de classe média, com as utilidades e os confortos correspondentes. É a sociedade que universaliza a literacia e onde qualquer um pode aceder a qualquer obra que queira, para se auto-educar. É a sociedade que cria a melhor medicina alguma vez em existência e que cria melhores índices gerais de saúde e de longevidade. É a sociedade mais solidária e caridosa de sempre, aquela cujas classes médias respondem continuamente a apelos para contribuir para levar liberdade, democracia e melhoria do nível de vida a todo o mundo subdesenvolvido; infelizmente, são nisso enganadas, de modo gélido, por governos, firmas multinacionais, fundações e ONGs.

Libertem-se e universalizem-se estes princípios.

OU vá-se na cantiga da sereia oligárquica e acabe-se encalhado nos baixios.

(Baixios pantanosos à esquerda e à direita). Mesmo sob o ataque pesado da alta finança multinacional, e dos inúmeros grupos provocatoriais adidos, é uma sociedade que ainda se aguenta de pé, o que é quase milagroso; e tem um grande caminho para percorrer após conseguir levantar-se por inteiro. Libertem-se e universalizem-se os princípios que subjazem a tudo isto e o mundo será um lugar livre, próspero e fantástico para se viver. Caiam-se nas cantigas de sereia da oligarquia e o futuro reside naquelas massas de navios encalhados, destroçados, repletos de cadáveres humanos, nos baixios pantanosos à esquerda e à direita.

Até as doutrinas totalitárias têm de usar imagética da liberdade individual.

... para vender as suas neverending stories de perpetuação de desigualdade!

Utopia inventada é sempre o espaço de concretização imaginário de liberdade individual. Estes princípios são inerentemente justos e válidos. São a forma sã e equilibrada de fazer as coisas. Até os sistemas totalitários, consagrados à perpetuação da desigualdade, são forçados a moldar os seus slogans, a sua retórica e a sua imagética propagandística à volta destas ideias. A Utopia imaginária que é prometida inclui sempre e invariavelmente a concretização de uma boa parte destas ideias, quando não mesmo de todas elas.

Reinvenção de esquerda e direita para Red Toryism – Neocons

Oligarquia financeira transatlântica decide reinventar esquerda e direita.

Nova esquerda e nova direita encontram síntese em Red Toryism.

O jogo dialéctico na América, trendsetter para mundo transatlântico.

Trotskyistas de Chatham House, Langley / Precedente de Trotsky, o Provocador.

Grupos de coordenadores e operadores no ground level.

O case study dos neocons americanos / Trotskyistas e Red Tories.

Neocons: Revolução permanente e a guerra de terror, à escala global.

Seymour Hersh (2004) – “Paul Wolfowitz, the greatest Trotskyite of our time”.

Oligarquia financeira transatlântica decide reinventar esquerda e direita.

Oligarquia financeira transatlântica: reinventar esquerda e direita / cooptação.

Globalização (aquisição hostil) / integração totalitária gradual do mundo desenvolvido.

Ao longo do pós II Guerra e durante o início da Guerra Fria, a oligarquia financeira transatlântica avança um programa (entretanto inteiramente cumprido) para a plena reinvenção da esquerda e da direita, ao longo de todo o mundo desenvolvido. A ideia foi a de reorganizar em pleno o panorama político/partidário para o colocar por inteiro sob o controlo dos centros de capital financeiro. A esquerda e a direita seriam refeitas como movimentos para o avanço de dois propósitos essenciais: a) globalização, a aquisição do planeta por interesses multinacionais; b) a integração totalitária *gradual* de todas as sociedades no planeta, sob o controlo desses mesmos interesses.

Reorganização dialéctica / a dança das cadeiras e a pretensão de oposição.

Agenda dos big boys continua ininterruptamente. Esquerda e direita teriam de ser organizadas em moldes plenamente dialécticos, para fazerem, daí em diante, uma dança teatral de troca de cadeiras, na qual seria oferecida a aparência de oposição e de legitimidade democrática. Porém, a agenda seria a mesma e, prosseguiria de forma ininterrupta. É claro que o militante normal, e a própria larga generalidade dos líderes e

executivos partidários, não fariam a mais pequena ideia que isto estava a acontecer, ou do modo como estava a operar.

Reconversão efectuada por agentur financeiros / papel fulcral das grandes fundações.

O mesmo tipo de cooptação estava a acontecer com governos nacionais. Toda a reconversão seria coordenada por pequenos núcleos de agentur financeiros – células ideológicas e de acção –, estrategicamente colocados em nódulos fulcrais nas várias estruturas partidárias. Aqui, seriam essenciais as tax-free foundations dos grandes centros financeiros, enormes conglomerados de capital, detentores de vasta influência social, económica e política; algumas destas fundações, como a Rockefeller, a Ford, ou o World Wildlife Fund, são maiores e mais importantes que qualquer governo nacional. As fundações assumiriam controlo sobre os partidos através de sponsorships estratégicas e do placement de assessores, consultores, executivos e outros agents provocateurs ao longo das estruturas. O mesmo processo estava a acontecer para os próprios governos nacionais. Tudo isto se enquadra de forma vital na dinâmica de aquisição da sociedade por interesses privados.

Nova esquerda e nova direita encontram síntese em Red Toryism.

Diferenças esquerda/direita tornam-se puramente retóricas / só existe management. Em tempo, o que surge daqui é uma situação onde a “direita” e a “esquerda” executam as mesmas exactas agendas, enquanto a dança das cadeiras acontece. Toda a diferença real reside em questões de retórica e de supinismo paraideológico (forma anula substância). Depois, a população geral é mantida a acreditar no mito ideológico, esquerda/direita. Já não existem diferenças ideológicas. Agora só existe management, essa é a ideologia.

Direita faz papel hegeliano (fascii/top down) / esquerda faz teatro marxista (bottom up).

Na dialéctica histórica deliberada, a actual direita faz o papel de hegelianos (fascistas, top-down), contra a actual esquerda, que faz o teatro marxista (bolchevismo, bottom-up).

Síntese em fascismo corporativo internacional – **Red Toryism**. A síntese é sempre *no meio* – é assim que a dialéctica funciona e é para isso que é organizada. O meio significa, claro, fascismo corporativo internacional, controlado por oligarcas financeiros, com a gestão comunística das massas abaixo. O real paradigma é **Red Toryism**, também vagamente descrito como neoliberalismo, neoconservadorismo e socialismo progressista; todos são a mesma coisa, independentemente do aspecto exterior e da roupagem retórica. (ver notas sobre *Socialismo Inglês, Red Tories, New Liberals, Agenda 21*).

O jogo dialéctico na América, trendsetter para mundo transatlântico.

Democans vs Republicrats. “Esquerda” e “direita” (no mundo anglo-saxónico, “liberais” e “conservadores”) mantêm os títulos, mas passam a ser puros e simples corporatistas. E jogam a supracistada dialéctica entre si. O jogo dialéctico na América é um dos mais interessantes e, sob alguns parâmetros, é o trendsetter para o resto do mundo ocidental. De um lado, existem os novos democratas, conhecidos como “foundation-run left”. Do outro, existem os novos republicanos, a “CIA-run right”. Em tudo isto, muitas pessoas iludidas e bem intencionadas, que ainda acreditam estar a defender as tradições de Kennedy e Lincoln, respectivamente. Mas o Partido Republicano já não é o partido de Lincoln, ou sequer de Reagan, tal como o Partido Democrata já não é o partido de FDR ou JFK. São entidades fusionais, dominadas por capital financeiro, guiadas por agents provocateurs, e motivadas por ideologia sintética com ímpetos totalitários e militaristas.

Trotskyistas de Chatham House, Langley / Precedente de Trotsky, o Provocador.

Muito importantes em toda esta dinâmica de subversão e reconversão, são dois tipos de grupo de acção:

Trotskyistas de Chatham House, Langley. Ideólogos Trotskyistas (!) recrutados no pós-II Guerra, para serem pontas de lança em núcleos de subversão, paradigm setting, decision-making. Aqui, estamos a falar de pessoas como James Burnham, Leo Strauss, Herbert Marcuse, Theodor Adorno e muitos outros. Estas pessoas são induzidas no pós Guerra pelo eixo Chatham House/MI6/OSS. Chatham House é, claro, o centro de operações da oligarquia transatlântica, sedeadas no epicentro da vida financeira global, a City of London (ver notas sobre *Cecil Rhodes, Milner, RIIA*). O MI6 e o OSS (mais tarde CIA), são criações do SIS, o serviço de intelligence da Coroa britânica. Este é, objectivamente, o eixo privativo de intelligence para a City of London (e para a própria Coroa britânica). Os ideólogos Trotskyistas recrutados foram-no por um conjunto de motivos essenciais. Estes homens eram quackademics, professores, propagandistas. Ideólogos de algibeira, bons spin doctors. Eram paraintelectuais dialécticos, mestres na arte de retorcer e de inverter palavras e conceitos. Muito viajados, com conhecimento profundo de línguas e culturas. Tinham historiais pessoais em intelligence, influência social. Muitos deles eram agentes duplos, e.g. para comunistas e fascistas. Vários outros tinham tido responsabilidades em regimes comunistas, especialmente na Hungria. O carácter aqui presente era essencialmente nulo. Estamos a falar de homens que eram sociopáticos, autoritários, imbuídos de desprezo oligárquico pelo homem comum e pelas classes médias; algo a roçar o ódio puro. Eram totalitários; e não interessa se a oligarquia dominante sob totalitarismo é composta de oligarcas financeiros ou de oligarcas de classe alta tornados putschistas (o standard habitual sob comunismo). Sabiam implementar totalitarismo; e, melhor que isso, sabiam como subverter gradualmente uma sociedade para a transição para totalitarismo. São estes homens que vão ser responsáveis por criar os paradigmas ideológicos que vão guiar a transição (a

este respeito, ler também notas sobre em *Engenharia Psicossocial* sobre a Escola de Frankfurt e sobre os processos de reengenharia psicocultural da sociedade).

Trotskyistas para os big banker boys seguem pisadas de Trotsky. Num sentido muito real, estes homens estavam apenas a seguir as pisadas do seu fundador ideológico. Leon Trotsky era um provocador de baixo nível, mais tarde convertido num mero gangster de uniforme, e num genocida, *pessoalmente* responsável pela morte de milhões de russos. Começou pessoalmente o Terror antes do Terror e depois definiu todo o programa para... o Terror. A Cheka era o domínio privado de Trotsky. Stalin foi mau, mas um Trotsky na chefia da URSS teria rivalizado directamente com Pol Pot para o estatuto de maior genocida da história. Na sua autobiografia, fala-nos sobre como viveu a vida de um dandy em Nova Iorque, com apartamento bom, chauffeur, salões de chá e todo o tipo de requintes. Em Abril de 1917, é enviado a bordo do Kristianafjord com uma série de revolucionários russos e executivos de Wall Street para a Rússia, para ajudar a despistar a revolução russa e a cooptá-la para o golpe totalitário bolchevique. Lenin também estava a caminho, numa carruagem fechada protegida pelo Alto Comando Alemão e ouro dado pelo governo alemão. Fazia-o depois de passar uns tempos a viver a high life em Genebra, como mocinho para os banqueiros lá. A primeira revolução trotskyista de sempre é aquela que foi feita no México em 1915, conduzida no terreno por gente como Carranza, com financiamento JP Morgan, armas Remington, etc. A nova “república do povo” era uma holding de Wall Street e financeiros assorted europeus, de uma ponta à outra. Já na URSS, Trotsky faria fortunas privadas com os negócios de concessões e chefiaria o instituto de relações internacionais, onde teria negociações directas com os banqueiros ocidentais. O instituto era, de resto, o braço soviético da rede de Institutes of International Affairs e Pacific Councils organizados por Lord Milner na City of London (notas sobre *Rhodes, Milner, RIIA*). Era também um apêndice do Ruskombank, ou Vneshtorg, o banco de investimento privado que comandava o banco central em Moscovo, e era comandado no terreno por representantes de bancos ocidentais. Para mais sobre todos estes provocadores teatrais de classe alta, ver notas sobre *URSS*.

Grupos de coordenadores e operadores no ground level.

Profissionais, fanáticos políticos, hienas, etc. Depois, ao nível do terreno, ao groundlevel, temos grupos de infiltração e operações especiais, consultores que **coordenam e operam** actividades de infiltração e de subversão. Ou seja, aqui está-se a falar de coordenadores, operadores, facilitadores, gente ao nível de agentes duplos, para as fundações bancárias, e não de toda a gente que está activamente envolvida na subversão de estruturas (muitas dessas pessoas são idiotas úteis, outras almas iludidas, pessoas ingénuas, etc.) Muitos destes grupos são meros consultores a contrato; profissionais e sociopatas sem qualquer envolvimento por motivos ideológicos. Mas é sempre útil usar grupos com envolvimento ideológico, por they work double time. Portanto, existem sempre muitos grupos compostos de fanáticos de esquerda

(trotskyistas, maoístas, leninistas, marxistas utópicos, e outros lemmings deste género) que acreditam estar a jogar com os hipercapitalistas “para depois os enforcar com a corda que eles próprios vão ceder”, a velha linha de duping que Lenin vendeu ao Politburo. Estes agentur de esquerda são os idiotas úteis essenciais. Mas dê-se também um enorme destaque a grupos na linha Die Spinne, a rede de influência Nazi que surge no pós II Guerra. Estes agentur fascistas são liberalmente absorvidos no pós-guerra pelas estruturas de operações negras da alta finança; surgem no próprio topo dessas estruturas, a par de outras hienas, mercenários e desesperados. São devotados ao propósito de trazer o Reich global sob o comando de oligarcas financeiros, dão sempre bons empregados.

O case study dos neocons americanos / Trotskyistas e Red Tories.

Cooptação de... bem, Democans e Republicrats.

Os neocons são Trotskyistas.

IV Internacional + Fabianismo / linguagem Midwest para sugarcoating.

Fascismo imperialista hegeliano, reciclado, é o resultado. Um case study interessante é o modo como as fundações usaram os já mencionados Trotskyistas para cooptar e reelaborar os dois partidos americanos. O processo foi similar para os dois partidos e enquadra-se no modelo geral explicado atrás. Vamos olhar para o Partido Republicano, submetido desde a era Reagan a uma literal tomada de poder interno, um mini-Machtergreifung! Iso é protagonizado pelos “neo-conservadores”, um termo muito enganador. Os neo-conservadores são neo-Trotskyistas. Os pais ideológicos do movimento são pessoas como James Burnham, Leo Strauss, Daniel Bell, Samuel P. Huntington, entre outros. Esta gente faz parte (alguns de modo directo, outros não) do movimento geral de absorção de agentes duplos Trotskyistas pelo eixo MI6/OSS no pós-II Guerra. Os protagonistas em tempos mais recentes são os discípulos directos de Leo Strauss. Gente como Michael Ledeen, William Kristol, Donald Rumsfeld, Dick Cheney – e, muito especialmente, Paul Wolfowitz, o ideólogo essencial do movimento para as últimas décadas. O Partido Republicano é lentamente conquistado a partir de dentro por esta facção. O que estes Trotskyistas fizeram, foi criar uma ideologia totalitária reciclada, e depois superimpor-lhe um sugarcoating de retórica Midwest. Pegaram em conceitos hegelianos, no rationale e nos métodos da IV Internacional e depois juntaram o pragmatismo imperial da ideologia Fabiana. Isto não foi difícil, já que Trotskyismo e Fabianismo ambos derivam de fascismo imperialista hegeliano.*

Brigandagem e autoritarismo vendidos com a linguagem da mom's apple pie. A partir daqui, programas totalitários podem ser vendidos sob rótulos como “free market”, “economic development”, “keeping the homeland safe”. O drive para criar imperialismo fascista global pode ser nomeado de “project for the new american century”. A fusão gradual Mex/USA/Can, para regionalismo imperial (como na Europa), pode ser

chamada de “security and prosperity partnership” e até “fortress America”. Agressão imperialista torna-se “true patriotism”, “defending America”, “keeping the world safe for democracy”.

Red Toryism é o real paradigma.

América usada para o “New American Century” das multinacionais, depois descartada. O Partido Republicano que daqui surge usa a retórica da mom’s apple pie mas é uma combinação entre os Tories imperiais britânicos e os bolcheviques russos – o Red Toryism de John Ruskin! O programa é a aquisição total da sociedade por interesses privados, por meio de conversão plena para mercantilismo público-privado (controle total por interesses privados multinacionais). É também a mudança radical de todas as condições sociais vigentes, no planeta inteiro, para o futuro utópico global, o futuro do “New American Century”. Aqui, a América é *usada*, pelo seu poderio económico e militar, para estandardizar o planeta sob privatização global. Finalmente, é descartada, enquanto país e potência, para se fundir em pleno no novo sistema global, um que é governado por privados, e não por países; um onde os países *desapareceram*, para dar lugar a domínios privatizados e cidades estado.

Mistura ideológica neocon também pode ser considerada – Nazismo.

A indistinção entre esquerda totalitária e direita totalitária, na história.

Totalitarismo é totalitarismo, i.e. governo por crime organizado oligárquico. * A mistura ideológica resultante ainda é mais complexa do que o mencionado, porque é uma forma de socialismo nacionalista ou, nacional-socialismo. O modelo a implementar é a gestão integrada e autoritária de toda a sociedade (Socialismo), sob o comando de uma oligarquia financeira (“socialismo de direita”, i.e. corporatismo/fascismo). O “povo americano” tem o dever de assumir a responsabilidade pela organização do mundo para a Utopia global (é tornado numa espécie de novo Volk). A obtenção de Utopia global implica imperialismo agressivo, seja na frente mercantil, seja pelo uso de meios militares. Isto é aquilo de que Leo Strauss teria gostado. Strauss era um Trotskyista, mas também um Nazi confesso; até ser forçado a fugir da Alemanha por ser Judeu. Isto pode parecer estranho nos dias de hoje, sob a confusão retórica que foi colocada à volta de questões ideológicas no pós-II Guerra, mas o facto é que esquerda totalitária e direita totalitária são a mesma exacta criatura, com o mesmo exacto programa para a sociedade. Totalitarismo *é* totalitarismo. É a organização *total* da sociedade – *de tudo na sociedade* – sob uma oligarquia autoritária. Durante o século 19, e no século 20 antes da II Guerra, ninguém fazia distinção entre Comunistas, Nazis e Fascistii, a não ser no que respeitava à pura e simples pragmática da luta pelo poder entre grupos competidores (qual é o bando de totalitários que preferes, os de vermelho ou os de preto? Quais são os que falam melhor, quais são os que fazem promessas melhores?) Militantes totalitários alternavam livremente entre grupos de “esquerda” e de “direita”. Os Fascistii italianos começaram por ser um bando de esquerda e o mesmo acontece para os Nazis alemães. Depois, tanto Fascistii como Nazis mudaram o rótulo para direita, já que os distinguia

melhor dos Comunistas, o principal grupo competidor [ver notas sobre ***Socialismo e URSS***, para muito sobre tudo isto].

Neocons: Revolução permanente e a guerra de terror, à escala global.

Wolfowitz, Ledeen e a “revolução permanente”, para mudança radical global.

Ledeen: A Nova América [Trotskyista] / destruição criativa / desestabilização constante.

A essência disto: aquisição privada hostil, governo por crime organizado, pobreza, guerra sectária – **Iraque** é o modelo. A prioridade neo-conservadora para o mundo é a instauração da “revolução permanente” de Paul Wolfowitz (e este, claro, é o termo usado por Leon Trotsky), para a “mudança de todas as condições sociais vigentes”. Michael Ledeen chama-lhe “revolução democrática”. É, em essência, aquilo que tem sido visto no Médio Oriente, onde os estados são colapsados sob vagas de aquisição privada, pobreza, balcanização sectária, violência. O Iraque é o modelo para o mundo. *«Creative destruction is our middle name, both within our own society and abroad. We tear down the old order every day, from business to science, literature, art, architecture, and cinema to politics and the law... We do not want stability in Iran, Iraq, Syria, Lebanon, and even Saudi Arabia.... The real issue is not whether, but how to destabilize. We have to ensure the fulfillment of the democratic revolution»* Michael Ledeen, American Enterprise Institute, 2002 – *The War Against The Terror Masters* (New York: St. Martin's, 2002, 2003), pp. 172, 216

Paul Wolfowitz, Michael Ledeen ou William Kristol não são George Bush. George Bush talvez acredite que “democratização” significa Pizza Hut, Nokia e eleições livres. O círculo interno ideológico sabe que o real significado do termo é a entrega irrestrita dos países a aquisição privada hostil, com o poder a ser depois entregue a grupos totalitários, sectaristas, terroristas, criminosos (versões culturalmente adaptadas dos bolcheviques russos). A ideia é saquear e privatizar tudo o que tenha algum valor e depois estourar completamente a sociedade em redor em espirais de violência, terror e morticínio.

“Revolução permanente” exige **guerra de terror** sobre o público.

Trotsky e o reino de terror (teoria): esmagar e eviscerar para trazer Utopia. A “revolução permanente” para a “mudança de todas as condições sociais vigentes” exige uma **guerra de terror** sobre o público. A guerra de terror, o reino de terror, tem uma teoria e uma prática. A teoria foi explicada por gente como Marx (ver notas em ***Socialismo***) e, claro, Leon Trotsky, o grande ideólogo do terrorismo moderno (e.g. Leon Trotsky, *Terrorismo e Comunismo*, 1920). Na teoria, isto significa o uso contínuo de terrorismo sobre a população, pela “vanguarda”, e tudo isto é, na realidade, por “amor”. A ideia é trazer a utopia. Só o uso continuado de terror, diz-nos Trotsky, possibilita a extinção de todas as condições sociais em existência, e a sua substituição gradual por um novo mundo de esclarecimento tecnocrático em prol do “povo” (vamos

matar-te à fome e cometer genocídio sobre ti porque te amamos). Esclarecimento tecnocrático implica a desumanização contínua da população, para eliminar artefactos não-pragmáticos e prejudiciais como a consciência moral, empatia, sentimentos humanos. Aí, todos serão “proletários” iluminados como Trotsky, um traidor e um agent provocateur de baixo nível. É claro que tudo isto implica a escalada progressiva de brutalidade e de violência, onde cada passo é o prelúdio do passo seguinte, numa espiral de terror e morticínio cujo registo foi bem demonstrado durante as eras bolchevique e estalinista. Esta é a teoria.

Trotsky e o reino de terror (prática).

Esmagar e eviscerar porque sim / propósito de crime é crime.

Esmagar e eviscerar para criar castas de criminosos para gerir sistema escravagista.

A prática é a pura e simples boot stamping on a human face forever. Em termos muito pragmáticos, escravizar totalmente a larga maioria da humanidade em prol dos *poucos*. E, de modo ainda mais profundo que isso, esta é uma racionalização cuidada do instinto do traidor e do homicida, para destruir, torturar, massacrar, eviscerar, pelo puro e simples deleite nihilista de o fazer. As pessoas normais não conseguem conceber que existam seres humanos que *incorporem* este papel em si – e existem. E esta foi a praxis normal durante muitos períodos da história da humanidade. E.g. é assim que muitos barões feudais europeus se comportavam. Totalitarismo moderno é neo-feudalismo. A ideologia contém e racionaliza os mesmos exactos instintos. Em paralelo, existe a preocupação em criar cadres de novos putativos barões feudais. Um sistema totalitário não pode ser organizado sem os exércitos de sociopatas que o vão operar; é tão simples quanto isso.

A guerra de terror sobre o público, para século 21, começa com as Torres.

Cheney, Bush, Blair – let us reorder this world, in the 100 years war. A “revolução permanente” exige uma ***guerra de terror*** sobre o público. É precisamente isso que começou com as Torres, o início do “new american century program”. Como Cheney disse, esta é uma guerra de 100 anos para mudar radicalmente a face do planeta inteiro. E, como Bush disse (ou leu do teleprompter), quem não estiver a bordo connosco, é um terrorista. Pela mesma altura, Blair estava a dizer que “the pieces are in flux – *let us reorder this world around us*”, citando Cecil Rhodes e HG Wells.

A guerra de terror será a boot stamping on the human face just because.

Guerra de 100 anos sobre o público não trará nada no fundo do túnel (ou, trará o **nada**).

Aquisição hostil privada de tudo e de todos, sistemas de vigilância total, managerialism inumano. Pobreza, migrações forçadas. Balcanização, atentados, guerra sectária. Trabalho forçado. Tortura, rendition, prisão secreta, execução. Genocídio. Sistemas eugénicos, com a esterilização gradual da larga maioria da população; e o aborto, infanticídio e eutanásia da “vida que não merece vida”. Também, o ataque deliberado ao sistema nervoso central humano. Tudo isto é o standard pretendido para o século do

terror, a guerra de 100 anos sobre o planeta. Os standards são morte e nihilismo, na verdade; não há *nada* de bom, para quem quer que seja, no fundo deste túnel.

Seymour Hersh (2004) – “Paul Wolfowitz, the greatest Trotskyite of our time”.

Seymour Hersh, o lendário jornalista político de Washington D.C., fez bem quando apelidou o círculo interno neocons de «*cultists*»; depois disse que não eram «*Charles Manson cultists*» e fez mal, porque são, estão na mesma exacta linha. Observou que eram um bando autoritário e vicioso, conduzido por noções de «*Utopia*», e disse que «*Paul Wolfowitz is the greatest Trotskyite of our time*». Hersh não parece dizer isto num tom de finalidade absoluta, mas, numa pessoa da craveira dele, a questão essencial é se não o está a dizer no registo de “a word to the wise”. Se o estiver a fazer, está a dizer a verdade, embora de modo tímido e lamentável. Caso contrário, e mesmo sem o saber, acertou em cheio no jackpot.

Citação. *«The question we have to say to ourselves is, ok, so here's what happens, a bunch of guys, 8 or 9 neoconservatives, cultists — not Charles Manson cultists, but cultists — get in and it's not... about oil... it's about a Utopia they have, it's about an idea they have... in a sense, I would say Paul Wolfowitz is the greatest Trotskyite of our time, he believes in permanent revolution... they got together, this small group of cultists... They've taken the government over. And what's amazing to me, and what really is troubling, is how fragile our democracy is. Look what happened to us... [In the press, there is] self-censorship... you know there is a corporate mentality out there, but there's also a tremendous amount of self-censorship... It's like a disease... they took away the edge from the press, they also muzzled the bureaucracy, they muzzled the military, they muzzled the Congress, and it's an amazing feat. We're supposed to be a democratic society, and all of those areas of our democracy bowed and scraped to this group of neocons who advocated a policy... And so you have a government that basically has been operating since 9/11 very successfully on the principle that if you're with us you're a genius, if you're against us... you're a traitor. They can't deal with you... So what does that mean? That means no dissent»* [Seymour Hersh, July 8, 2004, Keynote Speech at the American Civil Liberties Union (ACLU), 2004 Membership Conference.]

ROUSSEAU – SAINT-SIMON – COMTE.

ROUSSEAU – Barbarização – Destruição da civilização – Contrato Social.

Bio. Hedonista. Um charlatão consumado, na vida pessoal e também no campo das ideias.

Festeja terramoto de Lisboa.

Bom selvagem, destruição da civilização.

Contrato Social. Fórmula para barbarizar e eventualmente destruir civilização.

Inspirado em Esparta.

Interdependência total – a Colmeia. Indivíduo é a peça na grande máquina.

Estado totalitário. “Vontade geral” é a vontade do Estado, autoridades sociais, e é inquestionável. Democracia só serviria para semi-deuses, nunca para homens. Múltiplas organizações e grupos, fundidos no Estado.

Indivíduo fundido no Estado. Atomizado e sem qualquer poder. “Forçado a ser livre”, sob contrato social – lavagem cerebral a larga escala. Liberdade é o que o estado define (tal como em Hegel).

Tarpley. Filosofia do Reino de Terror.

Jacobinos, Nazis, Soviéticos, etc. Rousseau é o pai inspirador de todos eles.

SAINT-SIMON – Sistema Geral Global.

Bio. Aristocrata especulador. Perturbações mentais recorrentes (como Comte).

Reaccionismo. Liberdade, democracia, constitucionalismo, burguesia. Liberdade científica e tecnológica, liberdade intelectual.

Saint-Simon e Comte elaboram reacção.

Alucinação com Carlos Magno.

Usar “elementos de crise” para trazer nova era orgânica.

Obter nova era unânime, com organização social total – Feudalismo global.

Eras orgânicas e críticas. Obter feudalismo orgânico final.

Feudalismo global.

Indústria limitada. Cartéis e monopólios multinacionais, globais.

Sistema geral de bancos. Interdependência, microgestão, organização total, alocação, privilégio.

Governo planetário, “Associação Universal”. Uniões regionais (UE) e uma união global.

Oligarquia autoritária.

Grande Líder.

Parlamento cerimonial.

Igreja-Sociedade.

Controlo cultural e de opinião.

Controlo científico.

SAINT-SIMON (2) – Saint-Simonianos.

Socialistas. Com lista e dados relevantes.

Envolvidos em negócios de monopólio, como bancos de Crédito Mobiliário.

SAINT-SIMON (3) – New Age.

Misticismo Saint-Simoniano.

Culto.

SAINT-SIMON (4) – Influência vital nos últimos 2 séculos.

Influencia COMTE, MARX, MILL, LENIN, etc.

Socialismo e estado totalitário. Origina tiranias modernas.

Dialéctica direita-esquerda resolvida em Saint-Simon.

Globalização. Pai fundador da globalização. ONU, UE, FMI, BM, GATT, etc.

Vital conhecer Saint-Simon.

COMTE (1) – Educação.

Cultivar narcisicismo, emocionalidade. Tornar sentimentos mais importantes que acções e raciocínio.

Anti-intelectualismo, consensualidade, submissão.

Extinção gradual da leitura.

Ensino comunitário-corporativo.

COMTE (2) – Religião.

União religiosa mundial. Sociolatria – Grande Mãe e superstições. Classe sacerdotal.

“Dar coesão à submissão”.

Comunitarismo.

Monoteísmo eliminado como individualístico.

COMTE (3) – Política global positiva.

Globalização e Regionalização – Microestados.

Língua comum, religião comum.

Governo comum.

UE: Western Republic.

Micro-estados. Decomposição dos estados ocidentais em sovietes. 500 estados para mundo inteiro.

Neomedievalismo. Fonte de inspiração é a Idade Média. Ordem católica e feudal.

Hiperhierarquização – Organização Oligárquica.

Patriciado. Banqueiros e industrialistas multinacionais.

Classe sacerdotal. Técnicos, assistentes sociais, intelectuais, polícia política.

Economia social – Duas classes. A economia do estado estático. Duas classes, Aristocracia e proletariado.

Extinção de Jornalismo e Literatura. “Informação objectiva”. Censura. Discurso vigiado e regulado.

Banir Igreja.

Banir Universidades e institutos científicos. Só fica ciência para controlo social.

Banir formas Parlamentares. “Ditadura Positiva”.

“Colocar anárquicos Americanos na linha”.

Acabar com Burguesia, classes médias.

Alienar Proletariado da Burguesia.

“Ordem e Progresso”.

Jacobinismo. Assume-se como um continuador de Danton.

MEDIEVALISMO.

FOURIER.

“Feudalismo libertou servos”.

HYNDMAN & SELIGMAN.

Hyndman. Idade Média, uma era de ouro, de conforto e de prosperidade. Sistema feudal era **livre e democrático**.

Seligman. Idílica para o trabalhador.

RUSSELL.

Orgulho cívico medieval.

ENCYCLOPEDIA OF SOCIAL REFORM.

Manual de referência. Durante décadas. William D.P. Bliss, um dos fundadores do Fabianismo americano.

Guildas. Até século XIX. Ultra-especialização. Mistérios.

Ultra-regulação. Monopólios e um complexo sistema de licenças.

Vida ordenada e hierárquica. Visão orgânica e mecânica da sociedade.

O exemplo de Nuremberga.

FABIAN ESSAYS.

Shaw.

“Era ordeira e justa”.

Sem Livre Competição, Liberdade, Igualdade.

Comunismo e desigualdade de condição.

Guildas.

Destruída pela Modernidade: Reforma, Liberdade, Revolução Industrial.

Webb.

Feudalismo desintegrado por independência, novos grupos religiosos, educação.

MORRIS – Medievalismo – Socialismo feudal global.

Indignado com representação burguesa da Idade Média.

Idade Média, esse rude charme.

Época difícil.

Mas com vida e progresso, arte, e outras coisas bonitas.

Medievais muito mais duros, sem medo de tortura e morte. E sem dúvida que os antepassados de Morris não-de ter infligido estes tratamentos a muita gente.

Trabalhadores actuais piores que na Idade Média.

Vida medieval seria perfeita...

Com melhor uso de recursos, incluindo RH.

Solução: Feudalismo comunista global.

Socialismo tem de ser global – Mundo organizado segundo modelo feudal... local ao global.

Sem parafernália de protecções e salvaguardas.

Autoridades planetárias organizam produção, impõem ordem.

Governo de pessoas por coerção directa.

FERRI – Nostalgia medieval – Rejeição de independência agrícola.

Nostalgia medieval.

Admite que mundo burguês ainda mal começou.

Sob burguesia, trabalhadores têm melhor existência física e moral, mas vivem pior.

Rejeição de independência agrícola.

MARLO & RODBERTUS.

Iniciadores do socialismo alemão. Aliás, Rodbertus lança as bases para a teoria de Marx.

Exigem retorno a Idade Média.

MARX & ENGELS – Era burguesa bastante pior que Idade Média.

Marx & Engels.

Crimes anti-medievais da burguesia. Burguesia devastou liberdades de guilda. Trabalhadores modernos em piores condições que servos feudais. Substitui tudo por valores de mercado. Existência de burguesia já não é compatível com sociedade.

Demasiada civilização, demasiada indústria, demasiado comércio.

Hierarquia feudal mais humana que burguesia.

Marx. Necessário obter emancipação de vitórias burguesas.

Marx. Indústria feudal corporativizada é **humana**.

Engels. Servos feudais tiveram meios de libertação de classe.

KAUTSKY – Comunismo-Individualismo-Comunismo.

Menus variados.

Idade Média. Entendimento entre exploradores e explorados. “Comunismo Cristão”.

Burguesia inaugura nova era de exploração.

Comunismo [Estado humano normal] **Individualismo** [“Intervalo burguês”]
Comunismo [“Futuro brilhante”].

LUKÀCS.

Estabilidade e ordem social.

Cada qual sabe qual é o seu lugar.

SUDRE – Socialismo e apriorismo.

Socialismo revisto. De Platão a Thomas More a Proudhon.

Obstáculo despótico a progresso.

Socialismo significa regressão.

Despotismo, igualdade de degradação, promiscuidade, ignorância.

Progresso só é possível com liberdade e bons valores. Humanidade avança com liberdade, propriedade, igualdade de direitos, ciência, literatura e artes.

Todas as grandes revoluções alcançadas fora de socialismo.

Apriorismo. Absolutista. Imposição arrogante de teoria à realidade.

DAVIDSON – Socialismo é feudalismo.

Socialismo e feudalismo.

Feudalismo foi socialismo.

Socialismo aumenta “bossism”.

Dá poder imbatível aos líderes.

*Socialismo é **anti-democrático**, imposto a partir do **topo**.*

Nações tornam-se grandes com individualismo, propriedade privada.

LIPPMAN – Colectivismo: reaccionário e primitivista.

“Como amplamente demonstrado nos estados totalitários”.

Lippman era um ex-socialista.

WATSON – Raízes aristocráticas e reaccionárias do socialismo.

Socialismo é doutrina Tory e reaccionária.

Favorece ricos e privilegiados.

SOCIALISTAS SÉCULO XIX.

REVOLUÇÃO FRANCESA.

1789-1791. Fase Constitucional.

Ascensão Jacobina. Danton, Robespierre, Marat. Destruição de Constitucionalismo.
Apoio de gangs, bem como vários grupos de aristocratas e banqueiros.

Tentativas de alterar religião. Cultos da Razão e do Ser Supremo. Des-Cristianização.

Voltaire: “Believe absurdities, commit atrocities”.

Terror, Comité de Segurança Pública.

Saques aos camponeses.

Execuções e purgas em massa.

A criatura que come as próprias crias.

Militarização do país.

Directório. Governo oligárquico.

Bonaparte.

BABEUF.

Comissário feudal.

“Hidra aristocrática”.

Comunismo económico autoritário. Ou seja, medievalismo.

BUONARROTI – Rede de círculos.

Rede subversiva internacional. Círculos concêntricos, compartimentados.

Bakunin.

LEROUX – Socialismo romântico.

Institui o termo “socialismo”. Como tentativa de instalar romantismo político.

FOURIER – Ciência social e falange globalizada.

Bonapartista.

Falansteria/Comuna. Hierarquia e harmonia. Globalização.

“Ciência social”. Para gestão de massas.

*Artigo de **HORACE GREELEY**.*

BLANC.

Brigadas de trabalho. A escavar valas.

Cooperativas/guildas.

Mote comunista. “De cada um...”

BLANQUI – Revolução violenta, Ditadura transicional, Vanguarda.

Associado de Buonarroti. E membro da Carbonária.

Golpista reincidente.

Ditadura transicional [da Vanguarda].

Revolução violenta, destruição da burguesia.

Inspira...

Marx e os Comunistas.

Mussolini e os Fascistas.

PROUDHON.

Socialista “anarquista”. “What is government”.

Cooperativas.

Revolução pacífica.

Anti-capitalismo/Anto-burguesia.

Federação mundial. Descentralizada, anti-capitalista, apolítica, baseada em transacções e trocas.

BAKUNIN – Desmantelar e devastar.

“Libertar más paixões”.

Destruir estado e ordem pública.

Bancarrota económica.

Dissolução de todas as forças estatais.

Dissolução do sistema judicial e legal.

Dissolução do clero.

Colectivização, confiscação.

BAKUNIN – Comuna medieval, do local ao global.

Comuna anarquista Comuna medieval.

*“Liberdade inclui **socialismo**”.*

Vida ultra-regulada, dominada por comités executivos.

Colectivização total.

“Abolir” Deus.

Indivíduo absolutamente livre para servir a comuna.

Indivíduos “anti-sociais” são livres para morrer à fome.

Indivíduo – Comuna – Região – Federação universal.

Revolução tem de ser global.

Ninguém pode sair do sistema libertário anarquista.

Belicismo anarquista, do local ao global. Liberdade é anarquismo, e quem não acredite nisso tem de ser “libertado”.

Guildas de monopólio globais.

Comércio e trocas feitas por monopólios globais.

CEOs, OMC, GATT, UE, são os reais seguidores de Bakunin.

BAKUNIN E NECHAEV – Sistema Jesuítico de Anéis, Círculos [Buonarroti em fundo].

Bakunin – Jogo dialéctico com Marx.

Objectivo final de tanto comunistas como anarquistas é “anarquia”.

Opõe-se a ditadura do proletariado. Evolução e revolução têm de ser espontâneos.

No entanto, há que haver uma “Ditadura Invisível”.

Bakunin – Ditadura Invisível. Coordena evolução e revolução. Trabalha de modo invisível nas massas.

Irmandade Florentina, Irmandade Internacional, Aliança Internacional. Bakunin estabelece três círculos principais [Buonarroti].

Bakunin – Métodos Jesuíticos. Violência, astúcia, dissimulação. Assimilar e subordinar outras organizações. Remover pessoas danosas à causa. Desmoralizar e destruir inimigo.

Fica frustrado com traições de Nechaev. Terrorismo psicológico, chantagem, dividir para reinar. Fascinação pelo sistema de Maquiavel e Loyola.

NECHAEV.

Destruição social universal e impiedosa. Infiltração da sociedade e da vida de pessoas, para destruir.

Anel compartimentalizado, com iniciações. Idiotas úteis, fanáticos, pessoas chantageadas, pessoas recrutadas sob falso pretexto. Maior parte dos grupos são eliminados após a revolução.

BENTHAM – Panopticon e “utilidade racional”.

Anti-humanitarismo. Bentham tinha um notório ódio pelos pobres.

Utilidade racional. “Certo” e “errado” são decididos por uma elite com base em critérios arbitrários, pelo que é considerado “bem comum”.

Panopticon, transparência total. Está praticamente aqui e as pessoas subscrevem-no de boa vontade, a pensar que é para sua libertação – **não** é para sua libertação.

RUSKIN – Educação rosicruciana e Comunas.

Comunas Lebensreform.

Educação minimalista.

Comportamento, obediência.

Treino profissional de guilda.

Iliteracia (aritmética, leitura, escrita).

RUSKIN – Red Tory.

Bio.

Leitor diário de Platão.

Mentor de Cecil Rhodes.

Medievalista – Red Tory.

Hierarquia, “valores salutareis”, aristocracia, liderança.

“Iliberal violento”.

“Comunista da velha escola”.

Autoritarismo de estado.

Comunas. [Em “Educação rosicruciana”].

MARX & ENGELS.

MARX – Materialismo Histórico – Ciência dialéctica e manipulação humana.

Inexistência de verdade. Tudo é contextual, transitório, material. Incluindo esta afirmação de verdade, supõe-se [oxímoro].

Ser humano é pedaço maleável de carne – contextualmente determinado. Consciência humana muda com condições materiais e sociais. Vida dessacralizada, meramente material e contextual. Mudar o homem muda-se o ambiente.

CANDYMAN: criar “necessidades naturais”. Estimular consciência sensual e dependência material. Isto favorece controlo.

MARX – Alienação do proletariado – Anti-burguesia, classe média.

Anti-melhorismo.

Classe média. Reaccionária. “O burguês tem de ser tornado impossível”.

Futuro é consolidação e massificação.

MARX – Alienação do proletariado – Guerra de classes.

Recurso a preconceitos e mesquinheza. “O novo rico”, o “Judeu”.

Guerra de classes. Só existem classes, não existem pessoas.

Duas classes – a virtuosa e a odiosa.

“Sistema capitalista”. Burgueses conspiram com “sistema capitalista”.

Alienação do proletariado. Alienar proletariado de classes médias e torná-los forças de ataque “contra-reaccionárias”. Dividir para reinar.

Uma receita fútil, para dividir e destruir.

MARX – Alienação do proletariado – Manifesto comunista.

[Manifesto impossibilita ascensão proletária].

Abolição propriedade privada & direito de herança – Elevada taxação.

Exércitos industriais.

Comunas forçadas.

Centralização. Crédito, produção, transportes, comunicações.

Confiscações. Burguesia. Emigrantes e rebeldes [certamente uma piada marxiana].

MARX & ENGELS – Quatro fases – Colectivismo-Individualismo-Colectivismo.

Evolução social.

Fases.

Comunismo tribal/primitivo.

Sociedade antiga.

Feudalismo.

Capitalismo.

Fase final Comunismo global tribal.

PLEKHANOV – Marxismo é Darwinismo social.

Explica evolução das sociedades.

MARX – Consolidação monopolista – “Evolução” de capitalismo para socialismo.

Competição livre Monopólio [centralização, standardização] Ditadura do proletariado Utopia Social.

[NOTA: olvida sistema fraccional]

MARX – Consolidação monopolista – Mercado global para comunismo global.

Globalização produtiva e comercial Comunismo global.

ENGELS – Consolidação monopolista – Burguesia usada para construir nova era.

Burguesia é essencial.

Alcança coisas que sociedade gentia comunista nunca conseguiria.

Está a construir nova era.

Após o que será derrubada.

MARX – Consolidação monopolista – Selecção de classes e povos “atrasados”.

Seleccção de classes e raças. Classes e raças atrasadas têm de desaparecer. Darwinismo social.

Consolidação monopolista.

Quebra da população rural.

Industrialização forçada, centralização.

Urbanização forçada.

Consolidação monopolista Monopólio Revolução.

MARX & ENGELS – Selecção, avanço e eliminação de povos e classes.

Raças e classes evolutivas. Germânicos, Anglos, Húngaros – e as classes certas.

Estandarização, monocultura, centralização, desenvolvimento. Engels, entre o Império Britânico e a URSS.

Engels, sobre povos atrasados e reaccionários.

América, México.

Povos reaccionários recusam-se a “evoluir”, ser “assimilados”.

Escoceses, Galeses, Bretões, Bascos, Crioulos, Eslavos húngaros.

Superioridade Alemã, Polaca, e Magiar. “Nacionalidades moribundas” deviam aceitar superioridade civilizacional germânica.

Usar terror, ódio étnico, assimilação – Guerra mundial.

Usar frente unida Germânica contra Russos, Checos e Croatas [observação sobre Judeus Polacos].

Terror e aniquilação.

Próxima guerra mundial. “Tempestade revolucionária mundial”.

MARX – Transição – Tomada de poder gradual e democrática.

Gradualismo-Flexibilidade. I.e., diferentes características e velocidades para diferentes países.

Reorganizar estado – ditadura do proletariado. Torná-lo socialístico.

Alterar completamente sociedade.

MARX & ENGELS – Transição – Ditadura do proletariado.

Estado “burguês”. Máquina coerciva. Visa dominação de burguesia sobre resto da sociedade.

Ditadura do proletariado.

Temporária, transicional.

Maquinaria coerciva.

Socialização. Abolição da propriedade privada, socialização dos meios de produção.

Alteração radical da cultura (família, tradição).

MARX & ENGELS – Socialismo global – Desaparecimento do estado [Bentham].

Após ditadura do proletariado. Após liquidação da sociedade burguesa e reconversão da sociedade.

Vasta associação global.

Estado desvanece-se.

Administração de coisas e processos de produção.

Estado socialista sem coerção, como?

Ordem mantida sem necessidade de força Felicidade geral BENTHAM
[Panopticon; utilidade racional, “bem comum”]

ENGELS – Arianismo comunista – Comunismo primitivo.

Os germânicos arianos. Raças Teutónicas eram uma dotada sociedade tribal ariana. Organizaram e rejuvenesceram Europa.

Comunismo primitivo das gentes. Propriedade comum de terras. Matriarcalismo. Festivais e templos comuns, adoração da Natureza. Fratria e assembleias legislativas.

De comunismo primitivo à “exploração capitalista”. Com dissolução tribal, começa diferenciação antagonística de classes.

Voltar a este comunismo primitivo.

ENGELS & MORGAN – Aldeia global tribal [Lenin].

Desmantelar civilização capitalista.

Aldeia global tribal. Comunismo tribal. Igualdade, liberdade, fraternidade das *gentes*.

Lenin. “Origin of the Family” é fundamental.

ABOLIÇÃO DA FAMÍLIA.

ABOLIÇÃO DA FAMÍLIA – Marx, Kautsky.

Socialismo exige abolição da família. Só podia ficar bom amor social/proletário, regulado por painéis de gestores e de inspetores sociais.

Kautsky. Rejeição do casamento. Partilha de mulheres.

Marx. Família é instância da produção burguesa. Uso comum de mulheres.

VANGUARDA – PROLETARIADO – LUMPENPROLETARIAT.

MARX – Proletariado e Lumpenproletariat.

Proletariado. Virtuoso e informado, a classe digna.

Lumpenproletariat. Classe perigosa, subornável, para intriga revolucionária.

KAUTSKY – Proletariado e Lumpenproletariat.

Vanguarda. Vanguarda intelectual guia operários.

Massa dos trabalhadores.

Lumpenproletariat. Fardo desnecessário. Vivem por caridade ou roubo. São mercenários para o sistema repressivo, a troca de pão e circo.

LENIN – Vanguarda e Ditadura.

Aristocracia socialista. É a intelligentsia socialista revolucionária burguesa.

Vanguarda tem de educar proletários (1902). Dar-lhes consciência de classe, uma vez que operários costumam limitar-se a sindicalismo.

Lidera e conduz povo para amanhã cantantes (1917/20). A ditadura do proletariado é a ditadura da vanguarda.

Povo subordina-se a vanguarda (1917). A vanguarda são os gestores, capatazes, e comissários. Administram e esperam subordinação. Têm autoridade total na sociedade e no trabalho.

GB SHAW – Vanguarda – Bolcheviques são Tories.

Vanguarda, minoria energética que lidera público ignorante.

Bolcheviques são tories, herdeiros de Ruskin. Elitistas e anti-democráticos. Oligárquicos. Forçam mudanças e fuzilam opositores.

RUSSELL – Vanguarda na URSS.

“Proletariado” é a porção consciente do proletariado. Os restantes são os lacaios da burguesia.

LENIN, STALIN, COMINTERN: Ditadura do proletariado – Socialismo Global – Desaparecimento do estado.

LENIN (1917) – Ditadura do Proletariado.

Estado transicional.

Aparato/máquina especial de supressão burguesa. Organização centralizada de força e violência. Esmagar burguesia. Supressão vai ser um processo rápido.

Organizar economia socialista.

LENIN (1917) – Desaparecimento do estado – Multidão em fúria.

[MEDIEVALISMO] Correção de “maus” indivíduos por multidão armada.

Pessoas vão respeitar regras de senso comum.

STALIN (30s) – Socialismo vitorioso na URSS [Desaparecimento do estado].

Produção socialista, aniquilação da pequena-burguesia. Empreendimentos gigantes. Eliminação dos kulaks, insignificância dos pequenos produtores.

Sociedade soviética alcançou socialismo. Pode agora avançar para comunismo [desaparecimento do estado].

STALIN (30s) – Desaparecimento do estado – URSS.

“Is it not time to throw away this rubbish of a state?”.

Ainda não – “ameaças externas”. Espiões, sabotadores, assassinos [talvez dentro de caixotes GE]

COMMINTERN (30s) – Ditadura do Proletariado.

Faz período de transição.

Violência e supressão sócio-económica. Destruir estado burguês. Suprimir burgueses e pequeno-burgueses (camponeses).

Novo homem. Reeducar população, eliminar gradualmente as classes.

COMMINTERN (30s) – Ditadura do Proletariado (2) – Estado soviético.

Estado soviético. Um novo tipo de estado.

“Democracia mais elevada”. [A ditadura do proletariado]

LENIN, STALIN, COMMINTERN - Socialismo global - Desaparecimento do estado.

LENIN & STALIN. Socialismo global necessário para desaparecimento do estado.

COMMINTERN.

Socialismo global [ditadura global] necessário para desaparecimento do estado.

Período prolongado de construção da economia socialista mundial.

Federalismo – Regionalismo. União Mundial das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

FABIANISMO.

KAUTSKY – Plano de Acção Social-Democrático 1919.

Transformação gradual de democracia em socialismo.

Internacionalismo. Liga dos Povos.

Sovietização do território. Organização do território segundo regiões administrativas, comunalização urbana.

Transição gradual.

Tolerância temporária de classe média e capitalismo.

Política fiscal progressiva.

Trabalho. Fim de greve e luta sindical. Regulação laboral apertada. Agência central de emprego.

[Centralização monopolista].

Concentração de produção e propriedade – indústria. Federar, nacionalizar, fascizar. Fechar fábricas “supérfluas”.

Concentração de produção e propriedade – Florestas, minas. Socialização e concessões.

Concentração de produção e propriedade – Agricultura. Socialização agrária gradual – acabar com pequena e média produção.

KAUTSKY – Dialéctica.

Adaptação gradual dos órgãos ao ambiente. Progressiva. Quanto mais difícil e variado o ambiente, tanto mais elevadas as formas.

Luta e choque como factor de progresso dialéctico. **Darwin** [luta pela existência] e **Marx** [luta de classes].

KAUTSKY – Dialéctica – Gerar necessidades [ex., erotismo].

Gerar necessidades Problema Oferecer solução, pela alteração do ambiente.

FABIAN ESSAYS – Transição social-democrática – Economia, sociedade.

Centralização monopolista [Besant].

Economia social-democrática [Shaw].

Usar gradualismo.

Centralizar e estatizar.

Destruição lenta e estagnativa da economia de classe média.

Salário mínimo mantém equilíbrio relativo e guia transição.

Transição política [Bland].

Processo gradual.

“Lutar contra isto é lutar contra potestades económicas”.

Impor ditadura, sem aparência democrática.

Comunas regionais [Besant].

FABIAN ESSAYS – Consolidação monopolista – Trabalho.

[Besant].

Destruição económica da classe média.

Conselhos e federações superintendem ramos da indústria.

Autoritarismo laboral.

Dois empregos por dia.

Exércitos industriais.

Alocação nacional de RH.

Quintas e comunas estatais.

Gestores e capatazes.

FABIAN ESSAYS – Família.

Wallas. Deplora “vida egoísta” em lares privados, e quer acesso.

Besant. Refeitórios públicos.

FABIAN ESSAYS – Controlo de opinião pública.

Shaw. Estandardização de opinião pública para controlar população.

Wallas. Ultrapassar “anarquia de opinião”, controlar edições, comunitariamente.

Besant. Imprensa controlada pela comuna.

FABIAN ESSAYS – Indivíduo, uma peça na máquina social.

[Sidney Webb].

Socializar, ajustar.

Abdicar de responsabilidade individual.

RUSSELL – Bloco asiático comunista (1922).

Dominado pela URSS.

GB SHAW – História, programa e táticas da Sociedade Fabiana.

Coletivização socialista. Propriedade privada é anátema, sob Socialismo. Toda a propriedade privada é coletivizada. Redistribuição de riqueza.

Origens e estratos sociais fabianos.

Calculismo, permeação, manipulação.

E cooptação/infiltração de todos os outros corpos.

Infiltração do Partido Liberal.

Fabianismo domina Socialismo Europeu.

Alemanha, Bélgica, França, Itália.

[E também Australásia].

I Guerra. Maravilhosa para Fabianos.

Estatiza produção.

Salva bancos.

Taxação sem precedente.

Liga das Nações. Fabianos instrumentais para fundação.

RUSSELL – Webbs.

“To bamboozle or terrorize the populace”.

HG WELLS (1932) – Liberal Fascisti.

“A greater Communist party”.

Fascistas liberais, Nazis iluminados.

Resposta ocidental à Rússia.

Para planeamento científico do mundo.

[E não é isso que existe hoje em dia, com as várias mesas redondas e agências globais?]

HG WELLS (1940) – “The new world order”.

“Sistema capitalista nunca existiu”.

Desconfirma dogma marxiano.

Exige Sistema Global Socialista.

Individualismo e empreendimento livre, a doença do mundo.

Movimento para ordem mundial, hidra de muitas cabeças.

Socialismo global: Revolução mais profunda que Russa.

Revolução política e social.

“Outright world socialism” – Necessário fazer standardização global no pós-guerra.

Reformas e vastas quantidades de propaganda.

*Controlo da vida **económica** e **biológica** da Humanidade.*

UK e USA – Reforma gradual.

Tecnocracia e “All-Party National Governments”.

“Countless people will hate the new world”. Neste ponto, é útil lembrar que Wells disse que as **forças policiais** socialistas estão empacotadas de criminosos.

PROCESSO DIALÉCTICO.

GHENT – Dialéctica Fabiana.

Sociedades evoluem, complexificam-se.

Acelerar, facilitar transições.

*Exercer **selecção** consciente.*

SPIRKIN – Dialéctica Evolutiva.

Evolução e revolução.

“Salto na revolução social”.

Salto evolutivo. Com fases intermédias, combinando novos e velhos elementos.

Salto revolucionário. Reorganização plena de uma única vez.

IMPERIALISMO, MONOPÓLIO E SOCIALISMO GLOBAL.

GB SHAW – Commonwealth Socialista – Milner – Educar os nativos.

Império tem de ser convertido em Commonwealth socialista.

Nativos têm de ser educados e protegidos despoticamente.

Federação do mundo. Até se tornar realidade, impérios europeus têm de ser substitutos temporários.

GB SHAW – Sociedade Fabiana apoia Guerra Boer, Commonwealth.

Fingem agravos com Cecil Rhodes. “Um capitalista irresponsável”.

Commonwealth socialista – não capitalista. A “superstição” da propriedade privada tem de desaparecer.

II Internacional – Pró-imperialista.

Socialismo exige standardização imperial. Impérios europeus são o veículo para que tal aconteça.

Objectivo final – Federação mundial. O maior império de todos.

KAUTSKY – Ultra-imperialismo.

Ultra-imperialismo e Liga dos Povos. “Para paz mundial”.

Controlo por alta finança. Cartéis financeiros imperiais.

HOBSON – Imperialismo e Alta Finança – Federalismo Global e Regional.

Impérios europeus, dominados por alta finança.

“The theory and practice of competing empires”. Impérios como franchises competidoras.

Combates coloniais – Tropas nativas. I.e., toda a gente é usada.

Inter-imperialismo – Federalismo global e regional. “Paz mundial”. Blocos regionais, imperiais.

HOBSON – Narrativa imperialista – “Eficiência social”; Argumentos marxistas.

“Eficiência social”. Bem como “missão civilizadora” e outros slogans. Dão origem aos slogans do século 20, para o 21.

Argumento socialista. Forçar nativos a adquirir **necessidades** civilizacionais. I.e., a tornarem-se progressistas.

[LENIN cita Hobson com prazer].

IMPERIALISMO, MONOPÓLIO E SOCIALISMO GLOBAL – LENIN.

LENIN (1913) – Rejeição de estado-nação e de constitucionalismo.

LENIN (1913) – Consolidação monopolista – Socialismo global.

Estado central “burguês” – Estandarização e monopolismo.

Altera vida social.

Gera produção e desenvolvimento, com monopólios.

Proletariado e burguesia derrubam tradições e particularismos locais.

Internacionalismo, assimilação.

Assimilação de nações – derrubar distinções nacionais.

Capitalismo de monopólio substitui campesinato com proletariado móvel – a força de trabalho internacional, móvel.

Monopólio Socialismo global.

Capitalismo global abre portas a socialismo global.

*Logo, **socialistas têm de defender monopólios.***

LENIN (1916) – Imperialismo e monopólio – Socialismo global.

Imperialismo é capitalismo de monopólio.

“Marcha imperialista”. A partir de agora só haverá redivisões de território [A URSS participaria nestas redivisões, em sítio como África, Índia, América do Sul].

Utilidade histórica.

Estandardização e socialização do mundo. Centralização e socialização de tudo, incluindo força de trabalho.

Economia mundial e um único monopólio mundial.

Ordem sócio-económica mais elevada *SOCIALISMO GLOBAL.*

Sistema geral de Saint-Simon.

LENIN (1916) – Natureza do monopólio (1) – Estagnação.

Capitalismo livre gera bens/ inovação.

Monopólio gera estagnação.

Circular valores, congelar inovação.

Restringir produção.

Controlo estático do mercado.

Lenin, o maior advogado do mercado livre.

LENIN (1916) – Natureza do monopólio (2) – Destrói capitalismo.

Destrói capitalismo.

Erradica competição e livre produção de bens.

Destrói pequena indústria.

Concentra produção e capital.

Monopólio é o oposto exacto de capitalismo.

HILFERDING (CIT. LENIN, 1916) – Alienação do proletariado – Monopólios.

Capitalismo de monopólio é progressista.

Proletariado tem de opôr-se a competição livre. E a hostilidade para com o Estado e com os monopólios.

SCHULZE-GAEVERNITZ (CIT. LENIN, 1916) – Marx e Saint-Simon concretizados pelos bancos.

SOCIALISMO EUA – 1850-1940.

CHURCHMAN & WRIGHT (séc. XIX) – Consolidação monopolista – Colectivismo.

Churchman.

Transição gradual e progressiva para colectivismo.

Permeação.

Transição vai ser quase imperceptível.

Wright.

Capitalismo de monopólio traz socialismo.

Cartel destrói competição.

Capitalistas assumem que socialismo é o resultado.

THEO ROOSEVELT (1901) – Unitarismo Socialista-Fascista.

Unidade de propósito e acção – comunitarismo.

Usar leis para implementar “agir em combinação”.

GHEENT – “Our Benevolent Feudalism”.

[Ghent, importante socialista americano, com raízes aristocráticas europeias].

[O novo feudalismo, capital-socialista].

“Competição está morta”. Quem quiser viver, terá de fazer as pazes com os oligarcas.

Melhorismo relativo. Com “fair shares” e pão e circo, para as crianças que “merecem”. As que “não merecem” são colocadas em listas negras, ou eliminadas.

Evolução orgânica para feudalismo. Transição subtil de papéis “actuais” para papéis feudais.

Castas laborais e sociais. A nova villeinage é assalariada, os novos barões são banqueiros e industrialistas.

O feudo de eleição, a cidade.

Governo, tribunais, forças armadas, são propriedade feudal.

Ciências sociais e relações públicas. Gerir percepções e opinião pública.

“Paz, segurança, estabilidade”.

JACK LONDON – “The Iron Heel”.

[O novo feudalismo, capital-socialista].

Fidelidade inter-oligárquica. Disciplinou-se a si mesma, aristocraticamente, e vê-se a si mesma como domadora de animais selvagens.

Castas profissionais. Várias, com cidades especializadas.

Casta de mercenários. Uma raça aparte.

Hordes de agentes secretos e polícia política.

Povo do Abismo.

HOWE (1906) – “Confessions of a Monopolist”.

A natureza corrupta do monopólio.

BARUCH – Declara Socialismo, 1918.

SOCIALISMO EUA – ECONOMIA GLOBAL (20s).

WZ FOSTER – Economia global – Globalismo e Regionalismo.

Economia global.

Planeamento económico global.

Ausência de barreiras tarifárias.

Globalismo e regionalismo.

União Soviética Mundial.

Unões continentais.

NEARING (1922) – Economia global (1).

Globalização tem de ser económica.

Autoridades económicas mundiais. OMC, GATT, FMI, BM.

SDRs. “New economic order”.

Crédito social comunitário.

NEARING (1922) – Economia global (2) – Medievalismo.

O medievalismo de Nearing.

Guildas globais, para a economia global.

Comunitarismo, do local ao global.

NEARING (1922) – Transição Saint-Simoniana – Engenharia social.

Revolução Industrial é fase de transição. Para nova, “melhor” ordem social global.

Nova ordem, construída por elite de engenheiros.

Engenharia social – Corpo social.

Ajustar indivíduo a “Organismo Social”.

Gerir crenças e percepções.

NRA, NEW DEAL.

STUART CHASE (1932) – “A New Deal”.

É premiado por este livro com uma posição na Administração de FDR. A ajudar a implementar o... New Deal.

Mais tarde, UNESCO.

“A Better Economic Order”. “...is worth a little bloodshed”. “Red revolution...constructive”.

Uma nova religião, materialística. As pessoas vão substituir consciência individual por consciência social.

“Why should the Russians have all the fun?”

WALL STREET REDS.

QUIGLEY – Wall Street Reds.

Do IPR a Wall Street à City of London. A Direita ataca Wall Street, quando pensa estar a atacar os Comunistas.

O exemplo de Jerome Greene.

ENTENTE ARISTOCRÁTICA NA VIRAGEM DO SÉCULO.

NIETZSCHE – “O anticristo global” (1).

Übermann: amoral e totalitário.

Proclama-se a si mesmo deus.

Arrogância, ódio, crueldade, astúcia, injustiça, falsidade, exploração.

O poder é a nutrição do psicopata de elite. Toda a acção é subordinada à obtenção de mais poder.

“Como poderia eu tolerar não ser deus!”.

Transvalorização dos valores.

NIETZSCHE – “O anticristo global” (2).

Ódio a burguesia. E a desenvolvimento económico.

Governo mundial socialista, totalitário, mecânico.

Maquinaria colectiva.

Dominada por Aristocracia de sociopatas.

Era de guerra e genocídio.

Aristocracia global.

De sociopatas e genocidas.

Classe internacionalista criminoso.

“The Lords of the Earth”, provindos da Europa.

Artistas sobre o próprio ser humano – Engenharia sócio-biológica.

CROWLEY – Os “Perfeitos” e a era da Serpente.

Um homem bastante importante no seu tempo. Acesso a governos, altas instâncias europeias. Serviços secretos britânicos. Montou vários grupos bastante importantes, ainda hoje ou, especialmente, hoje.

Classe dominante, era da serpente.

Anti-Cristianismo.

Darwinismo social, nihilismo.

MAQUIAVEL.

MAQUIAVEL – A religião do poder.

Amoralidade. Poder é o único propósito.

Propaganda, fraude, dissimulação.

Manter sempre aparência de virtude.

ENRICO FERRI.

FERRI – Fascismo – Corpo Social/Global – Darwinismo Social.

Ferri – Bio – Fascismo.

Sociólogo, positivista.

Socialista.

Assume-se como Fascista. Expressa a continuidade lógica entre Socialismo e Fascismo.

Darwinismo social: Darwin – Spencer – Marx.

Evolução da Espécie – Corpo – Sociedade.

Do individual ao global.

Adaptação social e luta pela existência. Socialismo tem de manter luta pela existência, para separar trigo do joio.

Corpo Social.

Doenças. Burguesia, religião, ciência burguesa, liberdade individual.

Célula. Indivíduo serve para ser socializado e servir o “corpo social”.

Socialismo – Colectivismo progressivo.

Corpo Global-Espécie.

Internacionalismo – Federativismo.

Órgãos especializados.

FERRI – Processos de Transformação Social.

Evolução.

Revolução.

Revolta.

Violência terrorista.

- O exemplo do Cristal.

FERRI – Espiral.

A dialéctica evolucionária – **Seleccção** discriminativa.

Cada nova fase mantém bons elementos das fases anteriores e adiciona novos elementos.

Eliminação de partes patológicas.

Comunismo Primitivo.

Lei da retrogressão natural.

“Homem verde”.

Poliandria.

Espiral – Abraço da Serpente.

ALTIERO SPINELLI.

SPINELLI – Técnicas de Propaganda – Redes.

Explorar pontos comuns, pontos críticos.

Gerar círculos de simpatizantes vs círculos internos.

SPINELLI – Contesta guildas, luta de classes.

Guildas são entidades totalitárias. Aparato policial e totalitário, para regimentar massas sob lideranças autoritárias. Não podem ter poder legislativo.

Luta de classes – dividir para reinar. Sectariza proletariado. Trabalhadores ficam à mercê da reacção.

SOCIALISMO COMO RELIGIÃO.

SOCIALISMO COMO RELIGIÃO – Churchman, Consciência colectiva.

Socialismo é a religião. Doutrina, consciência colectiva.

Colectivismo é a praxis.

SOCIALISMO COMO RELIGIÃO – Fabianos.

Várias expressões semânticas.

URSS.

BAUER & KAUTSKY – URSS, Regime obscurantista.

Bauer.

Despotismo. Pior que Czarista, estado policial absolutista.

Obscurantismo científico.

Kautsky.

Despotismo, comparável ao Nazi. Sociedade de castas. Espiões, carreiristas, informadores. Purgas.

Economia penitenciária. “Sacrifício”. Escravidão.

Entente com capitalistas de monopólio.

ASCENSÃO DO FASCISMO EUROPEU.

KAUTSKY – Ascensão do Fascismo – Divisionismo comunista.

Divisionismo vermelho destrói democracia e movimentos operários.

Abre portas à reacção. Hitler e Mussolini têm muito a agradecer a comunistas.

KAUTSKY – Ascensão do Fascismo – Anti-Parlamentarismo.

“Melhorar imagem partindo o espelho”.

O resultado é Fascismo.

Socialismo: o particular da formação mental.

A peça na máquina, célula no organismo.

Socialismo é um sistema oligárquico. Visa a organização plena, total (totalitária) de toda a sociedade, sob o comando de uma oligarquia (aqui conhecida como vanguarda). O conceito de Socialismo surge com o “cercle” do Conde de Saint-Simon, no início do século 19, como uma tentativa de combater as reformas modernistas através da reedição aperfeiçoada do sistema compacto e organizado da era medieval (a inspiração de Saint-Simon para este exercício foi Carlos Magno e o seu sistema de integração de todos os domínios da vida no mesmo sistema feudal/imperial). Ao longo da história dos últimos 200 anos, Socialismo adquiriu várias formas. Algumas são nacionalistas, i.e., o sistema total é imposto ao nível nacional e depois exportado por conquista imperial: a isto, chamamos Fascismo ou Nacional-Socialismo. Outras formas são Internacional-Socialistas, visando a internacionalização/globalização do sistema totalitário. Muito poucas diferenças existem entre cada forma – o sistema, os métodos e os objectivos finais são os mesmos. Regra geral, a diferença essencial é que Socialistas de direita usa motivos nacionalistas/raciais, ao passo que Socialistas de esquerda falam de “irmandade universal”, “pontes de cooperação entre povos” e outras platitudes deste género.

Sob Socialismo, o indivíduo é convertido a *gostar* de ser a peça na máquina. A teoria Socialista, como explicada por Saint-Simon ou Karl Marx, começa por exigir a total conformidade do indivíduo ao aparato ideológico da comunidade, conforme definido pelos engenheiros sociais que gerem a máquina social. Mas mera conformidade não basta; é preciso conversão completa. O propósito é o de assegurar a regimentação psicológica da sociedade – não basta ter obediência ao sistema Social, é preciso *amá-lo*.

A peça-na-máquina é formatada durante toda a vida para a sua função na colmeia Social. A sociedade Socialista é a sociedade totalmente organizada: tudo é arrumado, catalogado, gerido, planeado em avanço [é isso que significa “socialismo científico”]. Isto inclui a própria composição cognitiva e conativa dos denizens. Cada denizen socialista tem de pensar da forma desejada, ver o mundo de forma adequada, albergar um conjunto desejável de crenças [hoje em dia, “memes”], e sentir de uma forma pré-concebida. Sob Socialismo [regimentação total da sociedade, seja sob socialismo de esquerda ou de direita – fascismo], o estado total assume o direito e o dever de regular opiniões, pensamentos, sentimentos. Todos os cidadãos têm de ter o *software* mental [encarado enquanto tal] adequado para funcionalismo na economia planeada estacionária. I.e., um engenheiro *pensará e sentirá* como é útil e pragmático que um engenheiro *pense e sinta*; e existem moldes de formação específicos para essas coisas. Daí o investimento em massa em formação, doutrinação, média, engenharia social que caracteriza qualquer sistema Socialista. Um sistema deste género pode não ter produção real, mas tem sempre inúmeros “especialistas educacionais e psicológicos” preparados a exercer funções de “formação”, “comissariado psicológico”, “reeducação”. O indivíduo é, portanto, formatado, catalogado, acompanhado, corrigido, para ajustamento sócio-económico adequado à sociedade Totalitária. Esse esforço é realizado durante toda a vida, do berço à cova, e hoje em dia, a Unesco chama a esse exercício “lifelong education” ou, noutras instâncias, e de modo mais apropriado, “lifelong training” – estamos a falar de “training”, algo que se faz com animais, e não de educação.

“Emancipação” marxiana, a conformidade compulsiva da comuna medieval. A tudo isto, Marx chamou “emancipação”: o conjunto de circunstâncias pelas quais o indivíduo é despedido da sua individualidade e coagido (o elemento de coerção social é essencial em Marx) a ser reeducado e “psicologicamente integrado” na Sociedade, o colectivo unitário Social. Com este truque retórico tipicamente dialéctico, Marx procura destruir e inverter a 180° o real significado de emancipação, i.e., o acto pelo qual o indivíduo se liberta de coerção socialmente imposta. “Emancipação” marxiana é apenas e somente o retorno à conformidade compulsiva da comuna medieval.

Formatação e engenharia social.

Funções de formatação e engenharia social. Por virtude do destaque que atribui à vida mental dos seus súbditos, o sistema Socialista investe em doutrinação de massa tanto como desinveste em produção real – a sociedade Socialista tem o mínimo exigido de fábricas, mas nunca lhe faltam “centros de formação”, “centros psicológicos”, “departamentos de educação”, i.e., centros especializados em forma(ta)ção, despersonalização, reeducação [lavagem cerebral]; bem como os exércitos de “especialistas sociais” que são necessários para operar essas funções.

Formação vs Educação. A sociedade Socialista não tem *educação*, per se, no real sentido de uma actividade que visa estimular o máximo desenvolvimento cognitivo individual para acção individual num mundo de expansão e possibilidades abertas. Tem *formação*, que é algo muito diferente, uma função que visa formatar o indivíduo para funcionalismo despersonalizante na economia planeada estacionária.

O “serás” de Socialismo.

Socialismo prescreve um “serás” normativo, mental e comportamental. Socialismo prescreve sempre um “serás”, algo que o indivíduo tem de “ser”. Isto inclui os pensamentos correctos, os sentimentos correctos, o discurso correcto, as acções normativas. Tudo no indivíduo tem de ser “correcto”, “alinhado” e “normativo”, sob Socialismo. Para isso, há que o lavar (mentalmente) de todas as crenças, valores, comportamentos, emoções, etc., que sejam “incorrectos”, “não-ortodoxos”, “excêntricos”. É um sistema muito vicioso, este.

Consensualidade, pobreza mental, apatia humana, ausência de carácter. Sob socialismo, o produto humano desejado reúne um conjunto de pré-requisitos. Consensualidade, num patamar comum de conformismo, homogeneidade, mediocridade, a todos os níveis: intelectual, emocional, moral, comportamental. Moralidade social; o sistema diz, salta e a pessoa salta. Ausência de independência intelectual; criatividade empobrecida. Pobreza mental genérica. Dissociatividade epistemológica: aquilo que é dito por fontes autorizadas é verdadeiro; aquilo que é dito por quaisquer outras fontes é relativo, no melhor dos casos, reportável à polícia, no pior. O *denizen* socialista deve ser desligado de outros seres humanos, atomizado no mundo; estabelece relações temporárias de utilidade e de auto-gratificação e nada mais. Ao mesmo tempo, é claro que tem de ser uma criatura colectiva, e fazer tudo em conjunto. Deve ter ausência de carácter e de personalidade própria; o tipo de criatura que venderia os próprios filhos em troca de mais-valias. Tais criaturas podem ser adquiridas e mantidas no bolso, são instrumentalizáveis.

Socialismo odeia e teme pessoas íntegras, honestas, inteligentes, limpas. Acima de tudo, o sistema socialista detesta, odeia e teme o ser humano que é limpo, íntegro e inteligente. Tal pessoa reconhece aquilo que o rodeia e, opõe-se-lhe. Sob socialismo todos têm de ser tornados igualmente sujos, obscurecidos, ignorantes, mesquinhos. A configuração favorecida sob Socialismo é, na prática, a manada de hienas.

A hiena. Hienas são criaturas medíocres, cobardes e sujas. Fazem tudo em conjunto mas, na verdade, não gostam umas das outras. São necrófagas e riem-se bastante. Este é o ambiente do Politburo, da II Internacional, da taberna comunal, do laboratório da grande concessão do Plano de Cinco Anos.

Socialismo – A Utopia estacionária – Singularidade

Socialismo – A Utopia estacionária, de Saint-Simon à Singularidade transhumana.

Socialismo visa sociedade estacionária. A doutrina socialista visa dois propósitos essenciais. O primeiro é a construção de um sistema integrado unitário, pelo qual a sociedade seja congelada e tornada estática numa época específica. Chega ao sistema final integrado, congela nesse ponto e, a partir daí, é auto-gerido como uma máquina de moção perpétua. A Utopia é um sítio estático.

Isto exige a destruição da alma humana – “flexible cogs for the static beast machine”. Como Saint-Simon e Marx tornaram explícito, a conquista da mente individual é o segundo grande propósito do sistema socialista, sem o qual o primeiro não pode ser atingido. A Utopia socialista não é um sítio humano; a alma humana não foi feita para a morgue estacionária, mecânica, auto-gerida. Portanto, a alma humana tem de ser destruída e colocada de fora da equação. Tudo o que tem de ficar são seres pós-humanos, gelatinosos, funcionalmente incompetentes e mentalmente interdependentes, facilmente ajustáveis aos horrores existenciais da Utopia.

Socialismo aplica gestão científica de plantação a todos os novos escravos. Com estes propósitos em mente, os intelectuais socialistas trabalharam no desenvolvimento de sistemas de gestão colectiva e micro-gestão individual, passando por aspectos de desenvolvimento psicológico, psicossocial e cultural (como queremos que os denizens pensem, e o que queremos que tenham na cabeça), nutrição, dinâmicas sociais, e assim sucessivamente. Em muitos aspectos, este trabalho é uma continuação directa dos estudos de micro-gestão de escravos, levados a cabo nas plantações coloniais.

“Slavery is freedom”. Com efeito, a doutrina socialista surge como uma doutrina aristocrática, conduzida por sequazes como Saint-Simon, Comte, Hegel, Fichte e outros e é uma reacção anti-modernista, que visa reabilitar como “progressista” os modelos concomitantes do feudo medieval e da plantação colonial. Em essência, os novos servos vão ser colocados em comunas tão degradantes e autoritárias como eram os casos da comuna medieval ou da plantação/reserva colonial, mas têm de acreditar que é para o seu próprio avanço e “progresso”.

Todos os sistemas socialistas (da esquerda à direita) são reedições feudais. Os frutos disto são, claro, o facto de todos os sistemas socialistas terem sido reedições brutais do sistema feudal/colonial. Isto é válido quer estejamos a falar de Nacional-Socialismo (Fascismo) ou Internacional Socialismo. E, sob Internacional-Socialismo não podemos apenas incluir as versões Comunistas do sistema, mas também as versões Social-Democráticas, ou Fabianas, baseadas em mercantilismo multinacional.

A Utopia Social.

As características da Utopia Social. Consolidação, coerção, genocídio, autoritarismo, comunitarização, standardização populacional; estes são os frutos da Utopia. Aqui utiliza-se o exemplo da Utopia de esquerda que é bastante generalizável às restantes formas. Todas chegam ao mesmo formato final, com uma ou outra variação de pormenor.

Corporativização. Toda a sociedade trabalha em conjunto, sob integração coerciva; i.e. tudo está corporativizado. Tal como sob o sistema feudal, o exercício de qualquer tipo de trabalho ou função exige integração compulsiva na estrutura corporativa respectiva. Este sistema de feudalização do poder é avançado até ao extremo.

Exercício público-privado (feudal) do poder – domínio oligárquico. O conceito modernista de domínio público é usado como slogan e estendido a toda a sociedade. A realidade, porém, é bastante diferente. O “domínio público” é um grande bolo que é partido em múltiplas subdivisões feudais, inúmeros domínios privatizados de poder, detidos pelas cliques oligárquicas que gerem o regime, da comuna local até ao comité central federativo.

A comunidade Social é a reedição da comuna medieval e da plantação colonial. A unidade elementar da sociedade é a organização comunitária, como a comuna. Aí, os novos servos vivem tão mal como os seus antecessores do feudo medieval e da plantação colonial. São micro-geridos, abusados e dominados pelos novos capatazes.

A ausência de personalidade tem um premium. Tal como no sistema colonial, o servo oportunista com baixos escrúpulos pode tentar esfaquear e cortar gargantas no caminho para se tornar, ele próprio, capataz; e assim sucessivamente.

Só existem direitos colectivos, corporativos. A Constituição é uma formalidade, uma brincadeira dialéctica elaborada de tal forma a negar toda e qualquer noção de direitos individuais ou humanos. Sob socialismo, só existem direitos colectivos, comunitários, corporativos; tal como sob os regimes feudais.

Justiça de carácter medieval – o inimigo ubíquo e universal. A sofisticação da justiça é similar: os inquisidores partidários exercem o mesmo grau de honestidade intelectual e processual que os seus antecessores medievais. O “estado popular” é o estado mais anti-popular de todos. Destrói, desfaz, explora a graus nunca antes imagináveis ou concebíveis. Para manter o seu domínio de poder, institui o mais repressivo aparato policial de sempre. Esse aparato devota-se à caça constante de inimigos inventados: “burgueses”, “capitalistas”, “terroristas”, “sabotadores”. É inventado o mito de que existem sempre inúmeros “agentes estrangeiros” e/ou “sabotadores”, que atrasam e comprometem o desenvolvimento da grande colectividade.

Perseguições, purgas, genocídio. O resultado de tudo isto são purgas intermináveis, crueldade, genocídio. O retrato eloquente da URSS de 1941, humanamente destruída e militarmente

incompetente, porque a generalidade dos oficiais tinham sido purgados pelo regime. Os Nazis não fizeram o mesmo aos seus, mas cultivaram uma cultura de tal incompetência ao longo das chefias que, após a Blitzkrieg, só conseguiram arrastar-se de modo patético e essencialmente simbólico, protagonizar asneira após asneira no Leste e construir a muralha Atlântica, para corrigir o erro militar crasso de declarar guerra aos EUA.

A sociedade Social é um espaço quadrado, subdesenvolvido, auto-canibalizado. Na prática, a grande colectividade é um espaço de desenvolvimento estritamente controlado, incompetente, incapaz de inovação ou criatividade, dependente do influxo constante de ciência e tecnologia das “potências capitalistas”, auto-canibalizado pelo regime oligárquico totalitário. A filosofia do mundo limitado, ou quadrado, pela qual a realidade é vista, é imposta aos próprios processos sociais e define-os de um modo eloquentemente medíocre.

Singularidade (síntese humano/animal/mineral).

O propósito final de Socialismo é o Demiurgos humano, a Singularidade. A forma final da Utopia socialista, nunca até aqui alcançada, é, em essência, o Demiurgos humano, o sistema Único, no qual tudo e todos estão fundidos na mesma gigantesca framework sócio-política-económica-natural e, eventualmente, mental. Como Karl Kautsky disse, a Singularidade; ou, em linguagem mais pós-moderna, o Borg. A grande Cidade do Homem, fundida e integrada em Um.

Da revolução económica ao “mind meld” transhumano. Portanto, a revolução económica colectiviza todos os meios económicos e a revolução política colectiviza todos os processos de decisão, transformando a sociedade na Pólis. A revolução corporal, por sua vez, colectiviza o corpo. Essa revolução é apenas uma das dependências de uma revolução bastante mais lata, perpetrada através de múltiplos passos sequenciais, e essa é a revolução cultural (ou, “emancipação” cultural/mental marxiana). A revolução cultural colectiviza a mente. É um processo intergeracional muito lento. Hoje em dia, é essencialmente levada a cabo por meio das mais variadas formas de forma(ta)ção, levada a cabo através do sistema escolar, media, prompting cultural e assim sucessivamente. Eventualmente, a colectivização mental será alcançada por meio da Singularidade plena de Kautsky, aquela que funde os domínios mineral, animal e humano num só.

Denizen utópico será uma célula no Borg Singular, humano/animal/mineral. O denizen do futuro Singular será necessariamente uma expressão desta fusão. Terá sido geneticamente modificado e estará integrado com componentes minerais (silicone e outras). O seu funcionamento mental manterá resquícios humanos mas estará essencialmente centrado ao nível dos impulsos animais e dependerá de componentes minerais para estar ligado *online* a todo o restante *panopticon* mental/AI do Singular. A fusão (coerciva) entre todas as mentes será o novo Demiurgos. Este Demiurgos, se alguma vez for alcançado, será uma máquina de absorção e destruição que, pela sua própria natureza, se destruirá a si mesma. A sua natureza foi particularmente bem capturada

pela imagem conceptual do Borg: o cubo mineral, que age sob pressupostos animais, e é a própria negação da alma humana. Em essência, a pessoa reduzida a húmus, morto e enterrado.

GB SHAW – Vanguarda – Bolcheviques são Tories.

GB Shaw – Vanguarda para liderar público ignorante.

As pessoas raramente sabem o que querem, e nunca como o obter. «*The people seldom know what they want, and never know how to get it*»

A reconstrução da sociedade tem de ser liderada por minoria energética e conscienciosa.
«*...the reconstruction of society must be the work of an energetic and conscientious minority. Both of them knew that the government of a country is always the work of a minority, energetic, possibly conscientious, possibly the reverse, too...*»

Bernard Shaw (1921). *Ruskin's Politics*.

GB Shaw – “...all Socialists are Tories”.

Partido Bolchevique é herdeiro de Ruskin.

Todos os Socialistas são Tories, porque são elitistas e anti-democráticos.

Acreditam na necessidade de oligarquia educada.

Implementar mudanças e fazer reformas mesmo quando as pessoas não as querem. «*If reforms are to wait until a majority of the people are converted to an intelligent belief in them, no reforms will ever be made at all*»

As massas russas elegeram uma Assembleia; Lenin tirou-a, fuzilou-a, do caminho.

«*...when we look for a party which could logically claim Ruskin today as one of its prophets, we find it in the Bolshevik party... all Socialists are Tories in that sense. The Tory is a man who believes that those who are qualified by nature and training for public work, and who are naturally a minority, have to govern the mass of the people. That is Toryism. That is also Bolshevism. The Russian masses elected a National Assembly: Lenin and the Bolsheviks ruthlessly shoved it out of the way, and indeed shot it out of the way as far as it refused to be shoved*»

Bernard Shaw (1921). *Ruskin's Politics*.

KAUTSKY – Proletariado e lumpenproletariat.

Kautsky – Proletariado – As três classes de proletariado.

Três classes – Lumpenproletariat, massa dos trabalhadores, vanguarda.

Em cidades de serviços, proletariado é mais reaccionário que em cidades industriais.

*«Marx differentiated sharply between the proletariat of this type, which he termed the **Lumpenproletariat**, and the **wage earning proletariat**. It was the latter type that he regarded as capable of developing, in the process of many struggles and through long experience, the requisite power and ability to emancipate itself, and thus move society forward to higher forms. Hundreds of years of struggle were required before such consciousness became possible, and even then it was confined at the beginning to a small elite, which, perceiving its social power and significance, placed before itself the aim of achieving a fundamental social change... Under certain circumstances this elite can develop rapidly in numbers, but behind this elite and the **Lumpenproletariat** there remains a mass which Marx well characterized as the “undeveloped figure” of the proletariat. Economically this mass performs the functions of the wage-earning proletariat, but intellectually and culturally it is not much above the level of the **Lumpenproletariat**. It no longer begs for alms but for work, perceiving frequently in the capitalist who employs it not the exploiter who lives upon its labor but the master, the philanthropist, upon whose good will the wage earner subsists. Occasionally, these proletarians begin to glean vaguely the real character of the situation, which in turn, leads them to manifestations of resistance. But they are not capable of continuous, systematic struggle. Only occasionally are they moved to outburst of despair, which is followed immediately by dejection and surrender. Higher aims than those of the moment are beyond the scope of the undeveloped proletariat. **This general analysis of the character and composition of the proletariat suffices to reveal its division into three big groups, each with its own mode of thinking, its own capacity for struggle, its own aims and methods**»*

«...in [luxury cities], we find more corrupt servile, reactionary elements among the workers than in the [industrial cities]»

Karl Kautsky (Various Dates). “Social Democracy versus Communism”. (Translated by David Shub and Joseph Shaplen), Rand School Press, 1946.

Kautsky – Proletariado – Vanguarda de intelectuais.

Operários precisam de ser guiados por vanguarda de intelectuais bem treinados.

«...intellectuals [are] part of a working class... the working class [can] not emancipate itself and achieve a higher order of production without the full and willing cooperation of a sufficient number of able and well trained intellectuals» – Karl Kautsky (Various Dates). “Social Democracy versus Communism”. (Translated by David Shub and Joseph Shaplen), Rand School Press, 1946.

Kautsky – Proletariado – Lumpenproletariat.

São um fardo desnecessário – vivem por caridade ou roubo.

Não conseguem vislumbrar, ou trabalhar por, uma ordem social melhor.

Vendem-se por pão e circo e tornam-se mercenários para o sistema repressivo.

«...the masses of the propertyless have but one recourse – to beg or steal. This type of proletarian is not necessary to the basis of society. On the contrary, they are an unnecessary burden. They live only upon the alms of the propertied classes or by plundering them. Such workers cannot grasp the ideal of a new, better social order, much less are they fit to fight for it. To the extent to which they are dependent upon the good will of the higher classes they become cringing and sycophantic. Individuals among them, those of stronger character, turn to violent resentment and become criminals. Such elements are easily disposed of by the state. Due to particularly favorable circumstances, proletarians of this type attained to great political power in ancient Rome, which after prolonged struggles had established a democratic constitution, but a great portion of whose citizens had become impoverished as a result of continued civil wars. Under this condition the urban proletariat obtained the power in the state, but not knowing how to utilize it found nothing better to do than to sell its votes to those who paid the most in bread and circuses, or to sell itself as hired mercenaries to successful and ambitious military leaders» – Karl Kautsky (Various Dates). “Social Democracy versus Communism”. (Translated by David Shub and Joseph Shaplen), Rand School Press, 1946.

LENIN – Vanguarda e Ditadura.

Lenin – Vanguarda – Aristocracia socialista.

Lenin expressa o princípio da aristocracia socialista, uma elite intelectual.

Uma elite intelectual deveria dirigir a revolução proletária.

Os únicos capazes de compreender teoria; revolução marxista é baseada em teoria.

Lenin – Vanguarda – Conduz e lidera povo para amanhã cantantes.

Minoria com maior consciência de classe, melhor organizados, mais revolucionários.

Lenine diz-nos que a vanguarda é composta dos «*class conscious workers*», que são uma «*minority of all the workers*», «*the minority, representing the best organized and the most revolutionary workers, showing the way to the whole of the proletariat*».

Ainda, «*only this class conscious minority can guide the broad masses of the workers and lead them*»*

A ditadura do proletariado é a ditadura da vanguarda.

A vanguarda...

Líderes revolucionários do povo contra a burguesia.

Assume poder.

Conduz o povo para socialismo.

Dirige e organiza o novo sistema.

Ensina e guia as massas ignorantes.

«*the vanguard of the proletariat, capable of assuming power and leading the whole people to socialism, of directing and organizing the new system, of being the teacher, the guide, the leader of all the working and exploited people in organizing their social life without the bourgeoisie and against the bourgeoisie*»

«*...renounce their role as revolutionary leaders of the people against the bourgeoisie*»**

*Vladimir Lenin (1920). “The Role of the Communist Party”. Speech to the Second Congress of the Communist International.

** Vladimir Lenin (1917). The State and Revolution.

Lenin – Vanguarda – Intelligentsia burguesa dá consciência de classe a proletários.

Classe trabalhadora, per se, só consegue ter consciência sindical.

Consciência de classe dos trabalhadores tem de ser dada a partir de fora dos trabalhadores.

“...educated representatives of the propertied classes, by intellectuals”.

“...revolutionary socialist intelligentsia”, burguesa, como Marx e Engels.

«We have said that there could not have been Social-Democratic consciousness among the workers. It would have to be brought to them from without. The history of all countries shows that the working class, exclusively by its own effort, is able to develop only trade union consciousness, i.e., the conviction that it is necessary to combine in unions, fight the employers, and strive to compel the government to pass necessary labour legislation, etc.»

*«Class political consciousness can be brought to the workers **only from without**, that is, only from outside the economic struggle, from outside the sphere of relations between workers and employers. The sphere from which alone it is possible to obtain this knowledge is the sphere of relationships of **all** classes and strata to the state and the government, the sphere of the interrelations between **all** classes. For that reason, the reply to the question as to what must be done to bring political knowledge to the workers cannot be merely the answer with which, in the majority of cases, the practical workers, especially those inclined towards Economism, mostly content themselves, namely: “To go among the workers.” To bring political knowledge to the **workers** the Social Democrats must **go among all classes of the population**; they must dispatch units of their army **in all directions**»*

«The theory of socialism, however, grew out of the philosophic, historical, and economic theories elaborated by educated representatives of the propertied classes, by intellectuals. By their social status the founders of modern scientific socialism, Marx and Engels, themselves belonged to the bourgeois intelligentsia. In the very same way, in Russia, the theoretical doctrine of Social-Democracy arose altogether independently of the spontaneous growth of the working-class movement; it arose as a natural and inevitable outcome of the development of thought among the revolutionary socialist intelligentsia. In the period under discussion, the middle nineties, this doctrine not only represented the completely formulated programme of the Emancipation of Labour group, but had already won over to its side the majority of the revolutionary youth in Russia»

Vladimir Lenin (1902). “What Is To Be Done?”

Lenin – Vanguarda – Povo tem de subordinar-se a vanguarda.

“Não somos utópicos, não sonhamos com fim de administração e subordinação”.

Subordinação tem de ser a vanguarda armada, ao “proletariado”.

A vanguarda assume-se como capatazes e contabilistas.

Ou seja, os comissários.

«We are not utopians, we do not “dream” of dispensing at once with all administration, with all subordination. These anarchist dreams, based upon incomprehension of the tasks of the proletarian dictatorship, are totally alien to Marxism, and, as a matter of fact, serve only to postpone the socialist revolution until people are different. No, we want the socialist revolution with people as they are now, with people who cannot dispense with subordination, control, and "foremen and accountants".

The subordination, however, must be to the armed vanguard of all the exploited and working people, i.e., to the proletariat. A beginning can and must be made at once, overnight, to replace the specific “bossing” of state officials by the simple functions of "foremen and accountants", functions which are already fully within the ability of the average town dweller and can well be performed for "workmen's wages"»

Vladimir Lenin (1917). The State and Revolution.

Lenine – Ditadura do proletariado significa mesmo ditadura.

“Vanguarda do proletariado” são os técnicos e os gestores dos processos de produção.

Transição durável para ditadura do proletariado.

Obediência inquestionada às ordens de representantes individuais do governo soviético durante trabalho.

Obediência inquestionada à vontade do líder Soviético, durante o trabalho. «...*durable transition to superior forms of labour discipline, to the conscious appreciation of the necessity for the dictatorship of the proletariat, to **unquestioning obedience to the orders of individual representatives of the Soviet government** during the work... We must learn to combine the ‘public meeting’ democracy of the working people—turbulent, surging, overflowing its banks like a spring nood with iron discipline while at work, with **unquestioning obedience to the will of a single person, the Soviet leader, while at work***» Vladimir Lenin “Speech On Economic Development”, Ninth Congress of the Russian Communist Party, March 31, 1920.

LIEBKNECHT – O salário socialista de Liebknecht.

Wilhelm Liebknecht, editor do Vorwärts.

Salário de 1800 dólares por ano, por comparação com \$300 para colaboradores.

Em 1892, o congresso socialista discute disparidade.

Liebknecht argumenta que igualdade no presente sistema é impossível.

Logo, congresso mantém-lhe o salário.

«Even the Social Democratic party of Germany, the sacred college of doctrinaire socialism, conceded this principle in the matter of Wilhelm Liebknecht's salary. Liebknecht was the editor of the official socialist newspaper—the Vorwärts—and his salary was eighteen hundred dollars a year, though the salary of the compositors on the same journal did not average three hundred dollars a year. In 1892 the socialist congress discussed this disparity, many of the severely orthodox demanding an equality of wages. Liebknecht, in answer, declared that equality under the present industrial and social order was impossible, and the congress decided in his favor and did not clip his salary»

The Collectivist Society (New York, 1902). Pamphlet No. 1: An Exposition of Socialism and Collectivism.

MARX – Proletariado e lumpenproletariat.

O proletariado era virtuoso e tinha consciência de classe.

Ao passo que o lumpenproletariat era a escumalha social.

A “dangerous class”, “bribed tool of reactionary intrigue”. «The “dangerous class”, the social scum, that passively rotting class thrown off by the lowest layers of old society, may, here and there, be swept into the movement by a proletarian revolution; its conditions of life, however, prepare it far more for the part of a bribed tool of reactionary intrigue».

Marx & Engels (Chicago, 1848/1888), Manifesto of the Communist Party. [Authorized English Translation, Edited and Annotated by Friedrich Engels].

Lumpenproletariat, uma trupe apocalíptica de malandros, afinadores de órgãos e de facas, piratas de toda a ordem, vagabundos e jogadores.

O que os franceses chamam la bohème.

Estudantes, desempregados, marginais, pobres, vagabundos, etc. Estamos no domínio de estudantes desempregados, marginais de todas as classes, bandidos, ladrões, pobres, e todos aqueles nas margens da sociedade que não foram absorvidos pela disciplina do trabalho industrial emergente.

Camada da classe trabalhadora que dificilmente alcançará consciência de classe.

Sem utilidade para revolução ou até mesmo contrarrevolucionária. Perdida para produção socialmente útil e, portanto, sem utilidade para propósitos revolucionários ou até mesmo um impedimento para a realização de uma sociedade sem classes.

Pessoas que sentem a necessidade de viver à conta do resto da sociedade. O *lumpenproletariat* é definido por Marx como «*this scum, offal, refuse of all classes*», uma espécie de trupe apocalíptica composta por «*...decayed roués with dubious means of subsistence and of dubious origin, alongside ruined and adventurous offshoots of the bourgeoisie, were vagabonds, discharged soldiers, discharged jailbirds, escaped galley slaves, swindlers, mountebanks, lazzaroni, pickpockets, tricksters, gamblers, maquereaux [pimps], brothel keepers, porters, literati, organ grinders, ragpickers, knife grinders, tinkers, beggars — in short, the whole indefinite, disintegrated mass, thrown hither and thither, which the French call la bohème... all its members felt the need of benefiting themselves at the expense of the laboring nation... rascals*».

Karl Marx (1852). The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte.

RUSSELL – Vanguarda na URSS.

“Proletariado” é a parte “consciente” do proletariado.

Pessoas com as crenças certas.

Os outros proletários são “lacaio da burguesia”.

«When a Communist speaks of the proletariat, he means the “class-conscious” part of the proletariat, i.e., the Communist Party. He includes people by no means proletarian (such as Lenin) who have the right opinions, and he excludes such wage-earners as have not the right opinions, whom he classifies as lackeys of the bourgeoisie.» (p. 27)

Bertrand Russell (1920), *The Practice and Theory of Bolshevism*. London: George Allen & Unwin.

VANGUARDA.

A ideia de vanguarda, sob socialismo – um conceito aristocrático.

Intelectuais, profissionais, gestores. Gestão da sociedade por intelectuais e profissionais. Peritos, profissionais, tecnocratas, gestores, guardiães, samurais, vanguarda, elite. Os capatazes para gerir população na plantação de servos.

Uma casta aparte. Uma casta que gere todas as outras. Mas é ela própria gerida, uma vez que a principal mentira nobre é para os guardiães.

HG Wells – A classe dos “samurai”. Uma classe dissociada das restantes, como os samurai no Japão, e daí Wells ter escolhido esse termo em “A Modern Utopia”.

Vanguarda, um conceito aristocrático – aristocracia social. Vanguarda é o próprio conceito de aristocracia.

“Pessoas especiais”, “os melhores homens”. A ideia dos “melhores homens para governar”. Toma nos seus ombros “o fardo da governação do homem”. “Pessoas especiais”, mais avançadas, evoluídas, naturalmente qualificadas.

Crença aristocrática de divisão entre iluminados e crianças ingénuas. O aristocrata europeu, tipificado no Tory britânico, é alguém que acredita que aqueles que existem pessoas mais avançadas, qualificadas por natureza e formação, para dirigir a massa da sociedade para o futuro. O homem e a mulher comum são demasiado simples para tomar decisões por si próprios e devem até ser mantidos num estado de cândida ingenuidade. Isto também é Bolchevismo.

Planeamento central exige necessariamente uma intelligentsia. Socialismo significa necessariamente governo por intelligentsia privilegiada.

Teoria e prática. O governante socialista tem de ser capaz de compreender teoria, uma vez que tem a tarefa de a tentar impor para a prática.

Economia planeada exige educação privilegiada. O socialismo tinha de ser baseado em privilégio, dado que apenas o privilégio educa para o devido exercício de poder e planeamento central numa economia socialista.

URSS – A vanguarda bolchevique, aristocrática.

Comité Central composto por elite intelectual, intelligentsia. Comité Central do Partido Comunista, que era composto de intelectuais emigrados que voltam à Rússia após a Revolução de Março.

Socialismo russo atraía aristocracia rural. 1/5 dos bolcheviques era “gentry” aristocrática. Não é uma surpresa que tanto os partidos Bolchevique como Menchevique atraíssem uma proporção excessivamente elevada de “gentry”, patrícios: cerca de 1/5 (22%) do número total, por comparação com uns meros 1.7% da população do Império Russo. O Socialismo atraía naturalmente a mente patrícia.

Poder económico ilimitado. Poder económico ilimitado, que significa poder ilimitado, estilo de vida de magnatas ocidentais, que não pagam impostos, podem viver em palácios e em daschas no campo, ser guiados em limusina, ter acesso a comida de qualidade, iates, lugares na ópera, cuidados médicos, servos.

Socialistas tornam-se casta imperial, nos regimes do povo.

Privilégios de casta dominante. E, sem dúvida, Socialistas tornam-se casta dominante, com poder de tipo oriental. De Lenin, a Ceausescu e a Mao, e à larga generalidade da intelligentsia marxista. Elites governantes do mundo socialista com os devidos privilégios de uma casta dominante.

Poder económico ilimitado. Poder económico ilimitado, que significa poder ilimitado, estilo de vida de magnatas ocidentais, que não pagam impostos, podem viver em palácios e em daschas no campo, ser guiados em limusina, ter acesso a comida de qualidade, iates, lugares na ópera, cuidados médicos, servos.

Deificação após a morte, nos casos de pessoas como Lenin e Mao. Depois, a conclusão majestosa de tudo isto residia na deificação de Lenin e Mao após as suas mortes.

O social é, e sempre foi, o negócio mais lucrativo de todos.

COMMINTERN, Lenin e Stalin – Socialismo global – Desaparecimento do estado.

Lenin e Stalin – Socialismo global necessário para desaparecimento do estado.

Lenin e Stalin foram forçados a modificar a doutrina original ao proporem o desaparecimento do estado até à altura em que o socialismo fosse concretizado pelo mundo fora.

Apenas estado mundial socialista pode desaparecer. De acordo com a nova doutrina, será apenas o estado mundial socialista que pode desaparecer, e irá desaparecer.

Internacional Comunista: Ditadura proletária mundial.

Objectivo último da Internacional é sistema mundial de Comunismo.

Ditadura proletária mundial.

Ditadura mundial proletária estabelecida através de federalismo e regionalismo.

Depois, federações unem-se numa “World Union of Soviet Socialist Republics”.

Transição da economia capitalista mundial para a economia socialista.

Período prolongado de construção de economia socialista mundial.

«The Ultimate aim of the Communist International – World Communism. The ultimate aim of the Communist International is to replace world capitalist economy by a world system of Communism. Communist society, the basis for which has been prepared by the whole course of historical development, is mankind's only way out, for it alone can abolish the contradictions of the capitalist system which threaten to degrade and destroy the human race»

«Thus the dictatorship of the world proletariat is an essential and vital condition precedent to the transition of world capitalist economy to socialist economy... only after the proletariat has achieved victory and consolidated its power all over the world will a prolonged period of intensive construction of world socialist economy set in»

«This world dictatorship can be established only when the victory of socialism has been achieved in certain countries or groups of countries, when the newly established proletarian republics enter into a federal union with the already existing proletarian republics, when the number of such federations has grown and extended also to the colonies which have emancipated themselves from the yoke of imperialism, and when these federations of republics have grown finally into a World Union of Soviet Socialist

Republics uniting the whole of mankind under the hegemony of the international proletariat organised as a State»

The Programme of the Communist International, 1929.

Internacional Comunista: O desaparecimento do estado.

O estado é a incorporação da dominação de classe.

Desaparece quando as classes desaparecerem e, com ele, morrem medidas de coerção.

«The State, being the embodiment of class domination, will die out in so far as classes die out, and with it all measures of coercion will expire»

The Programme of the Communist International, 1929.

COMMINTERN – Ditadura do Proletariado.

COMMINTERN – Ditadura do proletariado faz período de transformação.

Entre sociedade capitalista e sociedade comunista há um período de transformação, a ditadura do proletariado.

«Between capitalist society and Communist society a period of revolutionary transformation intervenes, during which the one changes into the other. Correspondingly, there is also an intervening period of political transition in which the essential State form is the revolutionary dictatorship of the proletariat»

The Programme of the Communist International, 1929.

COMMINTERN – Os propósitos da ditadura do proletariado.

Destruir o “estado burguês”.

Instituir novos órgãos de poder proletário, para suprimir “exploradores”.

Suprimir resistência dos “exploradores”.

Suprimir camponeses pequeno-burgueses.

Organizar construção socialista.

Formatar homens e mulheres para espírito do socialismo.

Eliminar gradualmente as classes.

Quebra violenta do poder burguês.

Destruição do estado burguês – exército, polícia, burocracia, parlamentos, tribunais.

«It [dictatorship of the proletariat] deprives its class enemies of political rights and, under special historical conditions, may grant the proletariat a number of temporary advantages over the diffused petty-bourgeois peasantry in order to strengthen its role of leader»

«The characteristic features of this transition period as a whole, are the ruthless suppression of the resistance of the exploiters, the organisation of socialist construction, the mass training of men and women in the spirit of socialism and the gradual disappearance of classes... The conquest of power by the proletariat is the violent overthrow of bourgeois power, the destruction of the capitalist State apparatus (bourgeois armies, police, bureaucratic hierarchy, the judiciary, parliaments, etc.), and

the substitution in its place of new organs of proletarian power, to serve primarily as instruments for the suppression of the exploiters»

The Programme of the Communist International, 1929.

COMMINTERN – Ditadura do Proletariado – Estado Soviético.

“...the most suitable form of proletarian state is the Soviet State, a new type of state”.

“...differs from the bourgeois state in class content but also in internal structure”.

Forma mais elevada de democracia – democracia proletária, ditadura do proletariado.

Porém, o Programa da Internacional Comunista declarava expressamente que «...*the most suitable form of the proletarian state is the Soviet state—a new type of State, which differs in principle from the bourgeois state, not only in its class content, but also in its internal structure. This is precisely the type of State which, emerging as it does directly out of the broadest possible mass movement of the toilers, secures the maximum of mass activity and is, consequently, the surest guarantee of final victory*»

«The Soviet form of state, being the highest form of democracy, namely, proletarian democracy, is the very opposite of bourgeois democracy, which is bourgeois dictatorship in a masked form. The Soviet state is the dictatorship of the proletariat, the rule of a single class—the proletariat»

The Programme of the Communist International, 1929.

LENIN – Ditadura do proletariado.

A ditadura do proletariado, a máquina transicional de supressão.

Organização da vanguarda dos oprimidos para esmagar os opressores. «...*the dictatorship of the proletariat, i.e. the organization of the vanguard of the oppressed as the ruling class for the purpose of crushing the oppressors*».

Um aparato especial para supressão, um estado transicional. «*A special apparatus, a special machine for suppression, the “state”, is still necessary, but this is now a transitional state*»

“A very simple machine, almost no machine...”. «...*the people can suppress the exploiters even with a very simple “machine”, almost without a “machine”, without a special apparatus, by the simple organization of the armed people (such as the Soviets of Workers' and Soldiers' Deputies, we would remark, running ahead)*»

Uma organização centralizada de força e violência.

Para esmagar resistência dos exploradores e para organizar economia socialista.

«*The proletariat needs state power, a centralized organization of force, an organization of violence, both to crush the resistance of the exploiters and to lead the enormous mass of the population — the peasants, the petty bourgeoisie, and semi-proletarians — in the work of organizing a socialist economy*»

Uma forma especial de organização de violência contra burguesia. «...*the proletariat needs the state as a special form of organization of violence against the bourgeoisie*»

Visa obter supressão da “minoridade exploradora” pela “maioria explorada”.

«*Furthermore, during the transition from capitalism to communism suppression is still necessary, but it is now the suppression of the exploiting minority by the exploited majority*».

Derrubar capitalistas, libertar humanidade de escravidão assalariada. Para derrubar «...*the oppressors, the exploiters, the capitalists. We must suppress them in order to free humanity from wage-slavery, their resistance must be crushed by force*».

Supressão vai ser um processo rápido.

Vladimir Lenin (1917). The State and Revolution.

LENIN – Desaparecimento do estado – Multidão em fúria.

“É possível que haja excessos por parte de indivíduos”.

As correcções serão lidadas pelo próprio público armado.

Sistema de Lenine – medievalismo. Ou seja, o sistema de Lenine é a multidão em fúria, como na Idade Média. I.e., devastar séculos de tradição legal de protecção do indivíduo.

As causas para quebras da lei são pobreza, necessidade, exploração.

Quando estes elementos são resolvidos, deixam de haver quebras da lei.

As pessoas vão simplesmente respeitar regras sociais de senso comum.

Lenin tenta lidar com o problema (comunismo sem coerção) no seu *State and Revolution*, mas tudo o que tem a dizer é isto: «*Lastly, only communism makes the state absolutely unnecessary, for there is nobody to be suppressed-- “nobody” in the sense of a class, of a systematic struggle against a definite section of the population. We are not utopians, and do not in the least deny the possibility and inevitability of excesses on the part of individual persons, or the need to stop such excesses. In the first place, however, no special machine, no special apparatus of suppression, is needed for this: this will be done by the armed people themselves, as simply and as readily as any crowd of civilized people, even in modern society, interferes to put a stop to a scuffle or to prevent a woman from being assaulted. And, secondly, we know that the fundamental social cause of excesses, which consist in the violation of the rules of social intercourse, is the exploitation of the people, their want and their poverty. With the removal of this chief cause, excesses will inevitably begin to “wither away”. We do not know how quickly and in what succession, but we do know they will wither away. With their withering away the state will also wither away*»

O estado vai desaparecer apenas porque «...*owing to the simple fact that, freed from capitalist slavery, from the untold horrors, savagery, absurdities, and infamies of capitalist exploitation, people will gradually become accustomed to observing the elementary rules of social intercourse that have been known for centuries and repeated for thousands of years in all copy-book maxims. They will become accustomed to observing them without force, without coercion, without subordination, without the special apparatus for coercion called the state*» – Vladimir Lenin (1917). *The State and Revolution*.

Quais as regras da vida social que Lenin tem em mente? Quais são «*elementary rules of social intercourse that have been known for centuries*» que Lenin tem em mente? Os princípios da moralidade burguesa?

LUKÁCS – Ditadura do proletariado.

Ditadura do proletariado – Purgas culturais (Lukács).

A ditadura do proletariado é a luta do proletariado contra si mesmo (Lukács).

Auto-aniquilação, auto-transcendência, auto-crítica.

Programa de doutrinação e purgas culturais.

*«...we must never overlook the distance that separates the consciousness of even the most revolutionary worker from the authentic class consciousness of the proletariat. But even this situation can be explained on the basis of the Marxist theory of class struggle and class consciousness. **The proletariat only perfects itself by annihilating and transcending itself, by creating the classless society through the successful conclusion of its own class struggle.** The struggle for this society, in which the dictatorship of the proletariat is merely a phase, is not just a battle waged against an external enemy, the bourgeoisie. It is equally the struggle of the proletariat **against itself**, against the devastating and degrading effects of the capitalist system upon its class consciousness. The proletariat will only have won the real victory when it has overcome these effects within itself. The separation of the areas that should be united, the diverse stages of consciousness which the proletariat has reached in the various spheres of activity are a precise index of what has been achieved and what remains to be done. The proletariat must not shy away from self-criticism, for victory can only be gained by the truth and self-criticism must, therefore, be its natural element» – Georg Lukács (March 1920). “Class Consciousness”. In History & Class Consciousness (1919-1923).*

Ditadura do proletariado – O estado totalitário (Lukács).

Eliminar separação entre legislatura, administração, judiciário. *«The workers’ council spells the political and economic defeat of reification. In the period following the dictatorship it will eliminate the bourgeois separation of the legislature, administration and judiciary» – Georg Lukács (March 1920). “Class Consciousness”. In History & Class Consciousness (1919-1923).*

Os pés de barro – Marxismo implica reificação do grupo, da totalidade. *«The whole system of Marxism stands and falls with the principle that revolution is the product of a point of view in which the category of totality [pensamento de grupo, consenso] is dominant» – Georg Lukács (January 1923). “The Marxism of Rosa Luxemburg”. In History & Class Consciousness (1919-1923).*

STALIN – Desaparecimento do Estado – URSS.

Stalin: “Is it not time to throw out all this rubbish of a state?”

“Is it not time to throw out all this rubbish of a state?”.

“Socialism has been built in the main; we are advancing towards Communism”.

“Why then do we not help our Socialist state to die away?”.

«It is sometimes asked», diz Stalin, «We have abolished the exploiting classes; there are no longer any hostile classes in the country; there is nobody to suppress; hence there is no more need for the state; it must die away. Why then do we not help our socialist state to die away? Why do we not strive to put an end to it? Is it not time to throw out all this rubbish of a state? ...The exploiting classes have already been abolished in our country; Socialism has been built in the main; we are advancing towards Communism. Now, the Marxist doctrine of the state says that there is to be no state under Communism. Why then do we not help our socialist state to die away? Is it not time we relegated the state to the museum of antiquities?»

Stalin: “Estado não pode desaparecer devido a ameaças externas”.

Espiões, sabotadores, assassinos, enviados por potências capitalistas. O estado não podia ser desmantelado porque, diz Stalin, havia uma multidão de inimigos domésticos, ligados aos capitalistas de todo o mundo:

«...the enemies at home are not isolated individuals. They are connected in a thousand ways with the capitalists of all countries who support them by every means and in every way. We are a country surrounded by capitalist states. The internal enemies of our revolution are the agents of the capitalists of all countries». [cit. por Hans Kelsen]

E estas potências agressivas enviavam legiões de assassinos, espiões e sabotadores:

«...which send spies, assassins and wreckers into our country and are waiting for a favorable opportunity to attack it by armed force» – Joseph Stalin, *Leninism: Selected Writings* (1942). New York: International Publishers.

Talvez os sabotadores e assassinos viessem em carregamentos GE ou Ford.

STALIN – Socialismo vitorioso na URSS. No seu relatório sobre o esboço de constituição para a URSS, Stalin caracterizou a situação em 1936 como se segue.

Capitalismo foi banido em prol de produção socialista.

Em vez de oceano de pequenas quintas, empreendimentos gigantes.

Os kulaks foram eliminados, os pequenos agricultores são insignificantes...

A completa vitória do sistema socialista em todas as esferas da economia nacional.

Agora há economia socialista que não conhece crises, desemprego, pobreza, ruína.

Classe exploradora foi eliminada, portanto já não há diferenças de classe.

Sociedade soviética alcançou primeira fase do comunismo, socialismo.

Está agora a avançar para comunismo.

Proletariado foi transformado na classe trabalhadora.

Classe trabalhadora partilha meios de produção com resto do povo.

«But the most important thing is that capitalism has been banished entirely from the sphere of our industry, while the socialist form of production now holds undivided sway in the sphere of our industry... In the sphere of agriculture, instead of the ocean of small individual peasant farms, with their poor technical equipment, and a strong kulak influence, we now have mechanized production, conducted on a scale larger than anywhere else in the world, with up-to-date technical equipment, in the form of an all-embracing system of collective farms and state farms... the kulak class in agriculture has been eliminated, while the sector of small individual peasant farms... now occupies an insignificant place... Thus the complete victory of the socialist system in all spheres of the national economy is now a fact. And what does this mean? It means that the exploitation of man by man has been abolished, eliminated, while the socialist ownership of the implements and means of production has been established as the unshakable foundation of our Soviet society. As a result of all these changes in the sphere of the national economy of the U.S.S.R., we now have a new, socialist economy, which knows neither crises nor unemployment, which knows neither poverty nor ruin, and which provides our citizens with every opportunity to lead a prosperous and cultured life... In conformity with these changes in the economic life of the U.S.S.R., the class structure of our society has also changed... all the exploiting classes have now been eliminated... The proletariat is a class exploited by the capitalists. But in our country, as you know, the capitalist class has already been eliminated, and the instruments and means of production have been taken from the capitalists and transferred to the state, of which the leading force is the working class. Consequently,

there is no longer a capitalist class which could exploit the working class. Consequently, our working class, far from being bereft of the instruments and means of production, on the contrary, possesses them jointly with the whole people... And since it possesses them, and the capitalist class has been eliminated, all possibility of the working class being exploited is precluded.... can our working class be called the proletariat? Clearly, it cannot.... the proletariat of the U.S.S.R. has been transformed into an entirely new class, into the working class of the U.S.S.R. which has abolished the capitalist economic system, which has established the socialist ownership of the instruments and means of production and is directing Soviet society along the road to communism... the working class of the U.S.S.R. is an entirely new working class, a working class emancipated from exploitation, the like of which the history of mankind has never known before. Our Soviet society has already, in the main, succeeded in achieving socialism; it has created a socialist system, i.e., it has brought about what Marxists in other words call the first, or lower, phase of communism. Hence, in the main, we have already achieved the first phase of communism, socialism... we are advancing towards Communism»

Joseph Stalin, *Leninism: Selected Writings* (1942). New York: International Publishers.

TROTSKY – Ditadura do proletariado – “The road to Socialism”.

Período de intensificação extrema do princípio do Estado.

Antes de desaparecer, Estado assume forma de ditadura do proletariado.

A forma mais virulenta e mais autoritária de Estado.

«The road to Socialism lies through a period of the highest possible intensification of the principle of the State. And you and I are just passing through that period. Just as a lamp, before going out, shoots up in a brilliant flame, so the State, before disappearing, assumes the form of the dictatorship of the proletariat, i.e., the most ruthless form of State, which embraces the life of the citizens authoritatively in every direction» Trotsky, Terrorism and Communism

CHURCHMAN e WRIGHT – Consolidação monopolista – Colectivismo.

“A Churchman” – A transição gradual e insidiosa para colectivismo.

A transição para o sistema colectivista.

Está a chegar passo a passo...

Antes disso, doutrina socialista terá permeado totalmente o povo...

Vai preceder a aceitação geral da crença socialista...

Transição da velha para a nova ordem está a acontecer...

Vai continuar, com crescente rapidez...

Vai tudo continuar “business as usual”, sem ninguém se aperceber realmente da mudança.

«...before collectivism is inaugurated the socialist doctrine will have thoroughly permeated the people... collectivism is coming bit by bit... it will precede, not follow, the general acceptance of the socialist creed...»

«The transition... from the old order to a new is now proceeding... this transition is to continue, with an extension of scope and an increasing rapidity... the required administrative changes will be so slight as hardly to cause a quiver in the industrial world... Every employee, from the lowest rank to the highest, will continue doing the same work as before and will report in the same way to the same superior; at the top the president of the concern will continue to report to the board of directors; most of the directors even will be the same men as before...»

The Collectivist Society (New York, 1902). Pamphlet No. 1: An Exposition of Socialism and Collectivism.

Col. Wright – Socialismo é introduzido por capitalismo de monopólio.

Carroll Wright, US Commissioner of Labor.

“...the most powerful force driving rapidly into state socialism is capital itself”.

“...the capitalists, when you talk with them confidentially, do not hesitate to say that this is inevitably the result of their combinations”.

“...the power of combination to kill competition”.

“These groups consolidate into greater groups, finally into one group, and then the government takes the place of the combination”.

«It must be granted that industrial conditions constitute the basis of society, and that all social reforms must hinge upon industrial conditions, and, therefore, the economic trend of these conditions toward what we popularly know as socialism constitutes a vital question... There are three forces that we must recognize in this economic trend toward socialism—the first, socialism itself, the weakest of the whole; the next strongest is organized labor; but the third and most powerful force that is driving this and other countries rapidly into state socialism is capital itself; and the capitalists, when you talk with them confidentially, do not hesitate to say that this is inevitably the result of their combinations... Socialists feel that the trust, or the industrial combination, is an evidence of the power of combination to kill competition. These groups may become consolidated into greater groups, and finally into one group, and then the government takes the place of the combination. It is one of the tendencies of the times. It belongs to the trend... If it is ever accomplished, it will come like all these other achievements of state socialism—as a matter of industrial evolution—and we shall find ourselves in the environment, and probably not quarrel with it»

Col. Carroll D. Wright, United States Commissioner of Labor.

GAEVERNITZ (Lenin, 1916) – Marx, Saint-Simon, concretizados pelos bancos.

Schulze-Gaevernitz, admirador do imperialismo alemão.

“Concentração é ótima, o sonho de Saint-Simon e Marx”.

“Capital monetário é concentrado nos bancos, e os bancos concentrados em cartéis”.

“O capital de investimento da nação na forma de securities”.

“Aí, a previsão do génio Saint-Simon será realizada”.

“Organização na produção, comités centrais, harmonia entre produção e consumo”.

“Os bancos podem cumprir esta função”.

“We are on the way towards it: Marxism, different only in form from what Marx imagined”.

«Once the supreme management of the German banks has been entrusted to the hands of a dozen persons, their activity is even today more significant for the public good than that of the majority of the Ministers of State... If we conceive of the development of those tendencies which we have noted carried to their logical conclusion we will have: the money capital of the nation united in the banks; the banks themselves combined into cartels; the investment capital of the nation cast in the shape of securities. Then the forecast of that genius Saint-Simon will be fulfilled; “The present anarchy of production, which corresponds to the fact that economic relations are developing without uniform regulation, must make way for organization in production. Production will no longer be directed by isolated manufacturers, independent of each other and ignorant of man's economic needs; that will be done by a certain public institution. A central committee of management, being able to survey the large field of social economy from a more elevated point of view, will regulate it for the benefit of the whole of society, will put the means of production into suitable hands, and above all will take care that there be constant harmony between production and consumption. Institutions already exist which have assumed as part of their functions a certain organization of economic labour: the banks.” We are still a long way from the fulfilment of Saint-Simon's forecast, but we are on the way towards it: Marxism, different from what Marx imagined, but different only in form» [Grundriss der Sozialökonomik, p. 146.] Cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), “Imperialism, The Highest Stage of Capitalism”.

GB SHAW – Sociedade Fabiana apoia Guerra Boer, Commonwealth.

“...to citizens and statesmen who are dominated by the morality of private property, the war must be demoralizing and shocking”.

“...a great Commonwealth can not be bound by any such individualist superstition”.

Fingem agravos com Cecil Rhodes, um “capitalista irresponsável”.

“...gold fields can’t be wielded irresponsibly by frontiersmen”.

Na prática, os Fabianos eram uma das secções da equipa.

«...to citizens and statesmen who are dominated by the morality of private property, the war must be demoralizing if they are on the side of the Empire, and shocking if they are on the side of the farmers. But it is impossible for a great Commonwealth to be bound by any such individualist superstition»

«...and it is not to those interests that such mighty forces as gold-fields, and the formidable armaments that can be built upon them, should be wielded irresponsibly by small communities of frontiersmen»

The Fabian Society (London, 1900). “Fabianism and the Empire” (G. Bernard Shaw, ed.).

HB ADAMS – Desígnios socialistas globais para América – Inter-imperialismo.

Herbert Baxter Adams. Professor de história e formador de muitos outros professores.

Inter-imperialismo – American Union, German and British Empires.

Um dia os EUA pertencerão ao “World-State”.

«American local history should be studied as a contribution to national history. This country will be yet viewed and reviewed as an organism of historic growth, developing from minute germs, from the very protoplasm of state-life. And some day this country will be studied in its international relations, as an organic part of a larger organism now vaguely called the World-State, but as surely developing through the operation of economic, legal, social, and scientific forces as the American Union, the German and British Empires are evolving into higher forms... The local consciousness must be expanded into a fuller sense of its historic worth and dignity. We must understand the cosmopolitan relations of modern local life, and its own wholesome conservative power in the days of growing centralization»

HILFERDING (CIT. LENIN, 1916) – Alienação do proletariado – Monopólios.

“Proletariado não pode defender mercado livre contra monopólios”.

Capitalismo de monopólio é progressista.

O proletariado não pode defender “free trade” e “hostility towards the state”.

Proletariado tem de defender Socialismo, e não liberdade económica.

A ideia de restaurar competição livre tornou-se agora reaccionária.

«It is not the business of the proletariat... to contrast the more progressive capitalist policy with that of the now bygone era of free trade and of hostility towards the state. The reply of the proletariat to the economic policy of finance capital, to imperialism, cannot be free trade, but Socialism. The aim of proletarian policy cannot now be the ideal of restoring free competition--which has now become a reactionary ideal--but the complete elimination of competition by the abolition of capitalism» [Hilferding, Finance Capital, cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), “Imperialism, The Highest Stage of Capitalism”].

HOBSON – Alta Finança – Federalismo Regional e Global – Inter-Imperialismo.

Hobson (1902) – Impérios europeus, dominados por alta finança.

Impérios europeus, domínios da alta finança.

Os mesmos grupos financeiros controlam os vários impérios. Os grandes impérios do início do século 20 são dominados por alta finança, «*the dominance of financial or investing*», com os mesmos grupos financeiros a ter controlo sobre os vários impérios. Aquilo a que Hobson, o socialista inglês chama «*the theory and the practice of competing empires*».

É como ter duas empresas no mesmo grupo a fazer as mesmas funções, para “estimular a produtividade”.

John Atkinson Hobson (London, 1902). “Imperialism: A Study”.

Hobson (1902) – Combates coloniais levados a cabo com tropas nativas.

Uma observação interessante, de Hobson.

“A maior parte dos combates coloniais são feitos com tropas nativas”.

Surge para demonstrar o modo como indivíduos e sociedades inteiras podem muito facilmente ser usado contra os seus próprios interesses.

«*One of the strangest symptoms of the blindness of Imperialism is the reckless indifference with which Great Britain, France, and other imperial nations are embarking on this perilous dependence. Great Britain has gone farthest. Most of the fighting by which we have won our Indian Empire has been done by natives; in India, as more recently in Egypt, great standing armies are placed under British commanders; almost all the fighting associated with our African dominions, except in the southern part, has been done for us by natives*»

John Atkinson Hobson (London, 1902). “Imperialism: A Study”.

Hobson (1902) – Federalismo regional, e global.

Hobson concordava com imperialismo, porque podia trazer “paz mundial”.

Federalismo, do regional ao global.

“Formação de estados federais é a tendência actual”.

“Federação Britânica indica o caminho a seguir”.

Unões de estados ligados por laços comuns: sangue, linguagem, instituições.

Pan-Anglosaxonismo, Pan-Eslavismo [acontece com a URSS], Pan-Teutonismo, Pan-Latinismo.

“...a few great federal Empires, each with a retinue of uncivilized dependencies”.

“O seguimento lógico é a federação do todo... inter-Imperialismo”.

«...the democratic movement, both now and in the future, seems closely linked with the formation of federal States, and the federation of the parts of the British Empire appears to suggest, as a next step and logical outcome, the federation of the whole... a wider federation of civilised States in the future...»

«...any reasonable security for good order and civilisation in the world implies the growing application of the federation principle in international politics... [it's] only natural that the earlier steps in such a process should take the form of unions of States most closely related by ties of common blood, language, and institutions, and that a phase of federated Britain or Anglo-Saxondom, Pan-Teutonism, Pan-Slavism, and Pan-Latinism might supervene upon the phase already reached... a few great federal Empires, each with a retinue of uncivilized dependencies, seems to many the most legitimate development of present tendencies, and one which would offer the best hope of permanent peace on an assured basis of inter-Imperialism...»

John Atkinson Hobson (London, 1902). “Imperialism: A Study”.

HOBSON – Narrativa imperialista – 'Eficiência social' e argumentos marxianos.

Hobson (1902) – A narrativa imperialista – “Eficiência social” e Anglo-Saxonismo.

Slogans imperialistas.

“Raças Teutónicas, em particular Anglo-Saxónicas, são as mais eficientes”.

“Nós somos socialmente eficientes”.

“Império é uma missão civilizacional”.

“Explicar artes de bom governo e a dignidade do trabalho”.

No século 20, estes continuaram a ser usados, em conjunto com “libertação dos povos”, o argumento comunista, e “espalhar democracia”, o argumento actual.

«Some writers, American and English, such as Professor Giddings and Mr. Kidd, believe that the Teutonic races, and in particular the Anglo-Saxon branches, represent the highest order of efficiency, in which notion they are supported by a little group of Anglophil Frenchmen. This genuine and confident conviction about “social efficiency” must be taken as the chief moral support of imperialism... So runs the imperialist argument. We represent the socially efficient nation, we have conquered and acquired dominion and territory in the past: we must go on, it is our destiny, one which is serviceable to ourselves and to the world, our duty... a “mission of civilisation,” in which we are to teach “the arts of good government” and “the dignity of labour.”»

John Atkinson Hobson (London, 1902). “Imperialism: A Study”.

Hobson (1902) – O argumento marxista, socialista para imperialismo.

O argumento socialista fabiano para imperialismo.

Europeus precisam de matérias-primas dos trópicos.

Ao mesmo tempo, não podem colonizar e fazer todo o trabalho só por si.

Logo, precisam da colaboração dos nativos – com europeus como supervisores.

Mas nativos não estão dispostos a isso – não têm “necessidades civilizacionais”.

Não são povos “progressistas”.

Logo, é preciso, e moral, forçá-los a isso e civilizá-los com essas “necessidades”.

“...there is much force in this presentation... on material and moral grounds”.

Isto é puramente Marxista – forçar um povo a evoluir e expandir o seu espectro de necessidades humanas.

«This carries us on... to the real issue as ably presented by Mr. Kidd, Professor Giddings, and the "Fabian" Imperialists... The European races have grown up with a standard of material civilisation based largely upon the consumption and use of foods, raw materials of manufacture, and other goods which are natural products of tropical countries. The industries and the trade which furnish these commodities are of vital importance to the maintenance and progress of Western civilisation... In order to satisfy these growing needs... peaceful and effective trade relations with these countries must be maintained. Now... the inhabitants of these countries are not "progressive people"; they neither develop the arts of industry at any satisfactory pace, nor do they evolve new wants or desires, the satisfaction of which might force them to labour. We cannot therefore rely upon the ordinary economic motives and methods of free exchange to supply the growing demand for tropical goods. The resources of the tropics will not be developed voluntarily by the natives themselves... We cannot, it is held, leave these lands barren; it is our duty to see that they are developed for the good of the world. White men cannot "colonise" these lands and, thus settling, develop the natural resources by the labour of their own hands; they can only organise and superintend the labour of the natives. By doing this they can educate the natives in the arts of industry and stimulate in them a desire for material and moral progress, implanting new "wants" which form in every society the roots of civilisation... there is much force in this presentation of the case, not only on material but on moral grounds...»

John Atkinson Hobson (London, 1902). "Imperialism: A Study".

II INTERNACIONAL, GB SHAW – Imperialismo leva a Socialismo global.

Socialistas eram abertamente pró-imperialistas.

Antes da II Guerra, a Segunda Internacional (LSI) era abertamente pró-imperialista.

Pelo simples motivo que socialismo exige estandardização...

...logo, os impérios europeus podiam receber estandardização socialista.

De qualquer das formas, a ideia de Federação Mundial expressa o maior império de todos.

Esta postura geral é bem visível em “Fabianism and the Empire”.

Ideia: “O Império pode e deve ser convertido numa Commonwealth socialista”.

“...native races who must be protected despotically”, e educadas de forma socialista.

“Until the Federation of the World becomes a fact, we must accept the most responsible Imperial federations available as a substitute for it”.

«...until the Federation of the World becomes an accomplished fact, we must accept the most responsible Imperial federations available as a substitute for it»

«We are confronted there with colonies demanding democratic institutions in the midst of native races who must be protected despotically by the Empire or abandoned to slavery and extermination»

The Fabian Society (London, 1900). “Fabianism and the Empire” (G. Bernard Shaw, ed.).

KAUTSKY – Ultra-imperialismo e a “liga dos povos”.

I.e., os problemas do mundo seriam resolvidos pelo controlo mundial da alta finança.
Ultra-imperialismo e a “liga dos povos”, para paz mundial.

“Guidelines”, 1919 – Internacionalização, a “Liga de todos os povos”.

*«Alongside **democratisation** and **socialisation**, a proletarian government has yet another task: **internationalisation**... it must be aimed at establishing the league of all peoples...»* Karl Kautsky. Guidelines for a Socialist Action Programme. January, 1919, Charlottenburg, 12 January 1919

Ultra-imperialismo, 1914, cartéis imperiais para paz mundial e desarmamento. *«The Next Phase: Ultra-Imperialism... from the purely economic standpoint it is not impossible that capitalism may still live through another phase, the translation of cartellization into foreign policy: a phase of ultra-imperialism, which of course we must struggle against as energetically as we do against imperialism, but whose perils lie in another direction, not in that of the arms race and the threat to world peace»* – Karl Kautsky, Die Neue Zeit, September 11, 1914.

Ultra-imperialismo, 1915.

“...the joint exploitation of the world by world finance capital”.

“...can it be achieved?”

“...disarmament and a lasting peace”.

“...era of new hopes and expectations within the framework of capitalism”.

«...the growing international interweaving between the various cliques of finance capital... the present imperialist policy [can] be supplanted by a new, ultra-imperialist policy, which will introduce the joint exploitation of the world by internationally united finance capital... Such a new phase of capitalism is at any rate conceivable. Can it be achieved? ...the war... may hasten developments for which we would have to wait a long time under peace conditions. If it does lead to this, to an agreement between nations, disarmament and a lasting peace, then the worst of the causes that led to the growing moral decay of capitalism before the war may disappear... ultra-imperialism».
A nova era *«could create an era of new hopes and expectations within the framework of capitalism»* Karl Kautsky, Die Neue Zeit, April 30, 1915, pp. 144-5. Cit. in V.I. Lenin (1915). The Collapse of the Second International.

LENIN (1913) – Consolidação monopolista – Socialismo global.

Lenin (1913) – Marxismo, capitalismo, assimilação, internacionalismo (1).

“Capitalismo produz proletariado móvel e progressista”.

[A força de trabalho móvel para a economia global].

Processo capitalista de assimilação de nações é um grande progresso histórico.

Capitalismo substitui campesinato ignorante com um proletariado móvel.

As condições de vida do proletariado móvel derrubam distinções nacionais.

«Paris and New York» são, para Lenin, os modelos a seguir. Cidades capitalísticas, onde a assimilação é um fait accompli, com a fusão e descaracterização de diferentes culturas nacionais.

«... what is taking place on a grand, international scale in New York is also to be seen in every big city and industrial township... this process of assimilation of nations by capitalism means the greatest historical progress, the break down of hidebound national conservatism in the various backwoods... Capitalism is replacing the ignorant, conservative, settled muzhik of the Great-Russian or Ukrainian backwoods with a mobile proletarian whose conditions of life break down specifically national narrow-mindedness, both Great-Russian and Ukrainian»

V.I. Lenin (1913). “Critical Remarks on the National Question”. Collected Works Vol. 20, Progress Publishers, Moscow, 1964.

Lenin (1913) – Marxismo, capitalismo, assimilação, internacionalismo (2).

Capitalismo é força progressiva de assimilação e internacionalização.

Capitalismo global abre as portas a socialismo mundial.

Logo, Marxismo tem de defender capitalismo global.

Marxismo avança internacionalismo, a amalgamação de nações numa unidade superior.

Essa unidade cresce com cada companhia multinacional e com cada associação internacional de trabalhadores.

Capitalismo oblitera barreiras e distinções nacionais, assimila nações.

Força que transforma capitalismo em socialismo.

O proletariado procura a maior das liberdades para comércio capitalista.

Dá as boas vindas a todo o tipo de assimilação nacional.

«In place of all forms of nationalism Marxism advances internationalism, the amalgamation of all nations in the higher unity, a unity that is growing before our eyes with every mile of railway line that is built, with every international trust, and every workers' association that is formed (an association that is international in its economic activities as well as in its ideas and aims)... capitalism's world-historical tendency to break down national barriers, obliterate national distinctions, and to assimilate nations – a tendency which manifests itself more and more powerfully with every passing decade, and is one of the greatest driving forces transforming capitalism into socialism... The proletariat... far from undertaking to uphold the national development of every nation, on the contrary, warns the masses against such illusions, stands for the fullest freedom of capitalist intercourse and welcomes every kind of assimilation of nations, except that which is founded on force or privilege»

V.I. Lenin (1913). “Critical Remarks on the National Question”. Collected Works Vol. 20, Progress Publishers, Moscow, 1964.

Lenin (1913) – Marxismo, capitalismo, assimilação e o estado centralizado.

O grande estado central serve para refazer vida social.

Proletariado e burguesia têm de unir-se para derrubar particularismos locais, tradições.

Ao mesmo tempo, é preciso um território grande, compacto, politicamente unido.

Aí, capitalismo pode gerar forças produtivas de desenvolvimento.

Logo, é preciso um grande estado centralizado e compacto.

*«Capitalism's broad and rapid development of the productive forces **calls for** large, politically compact and united territories, since only here can the bourgeois class – together with its inevitable antipode, the proletarian class – unite and sweep away all the old, medieval, caste, parochial, petty-national, religious and other barriers... Marxists will never, under any circumstances, advocate either the federal principle or decentralisation. The great centralised state is a tremendous historical step forward from medieval disunity to the future socialist unity of the whole world, and only **via** such a state (**inseparably** connected with capitalism), can there be any road to socialism... Marxists are, of course, opposed to federation and decentralisation, for the simple reason that capitalism requires for its development the largest and most centralised possible states. **Other conditions being equal**, the class-conscious proletariat will always stand for the larger state. It will always fight against medieval particularism, and will always welcome the closest possible economic amalgamation of large*

territories in which the proletariat's struggle against the bourgeoisie can develop on a broad basis»

V.I. Lenin (1913). "Critical Remarks on the National Question". Collected Works Vol. 20, Progress Publishers, Moscow, 1964.

LENIN (1913) – Rejeição de Estado-Nação e Constitucionalismo.

Marxismo não pode ser reconciliado com nacionalismo.

Mesmo que seja justo, puro, refinado, civilizado, constitucionalizado.

«Marxism cannot be reconciled with nationalism, be it even of the "most just", "purest", most refined and civilised brand... Consolidating nationalism within a certain "justly" delimited sphere, "constitutionalising" nationalism, and securing the separation of all nations from one another by means of a special state institution -- such is the ideological foundation and content of cultural-national autonomy»

V.I. Lenin (1913). "Critical Remarks on the National Question". Collected Works Vol. 20, Progress Publishers, Moscow, 1964.

LENIN (1916) – Imperialismo e monopólio – Socialismo global.

Lenin (1916) dá as boas vindas a imperialismo.

Imperialismo é capitalismo de monopólio. «...in its economic essence imperialism is monopoly capitalism»

Necessário para estandardizar mundo e trazer socialismo mundial. E, capitalismo de monopólio, e o seu império, era necessário para estandardizar o mundo e colocá-lo sob um único sistema, socialismo mundial.

“A partir de agora, só haverá redivisões e de território”.

E a URSS iria, sem dúvida, desempenhar o seu papel neste jogo.

Primeiro com a Europa de Leste, e depois com territórios asiáticos, africanos e sul-americanos.

*«For the first time the world is completely divided up, so that in the future **only** redivision is possible, i.e., territories can only pass from one "owner" to another, instead of passing as ownerless territory to an "owner"»*

Vladimir Illyich Lenin (1916), “Imperialism, The Highest Stage of Capitalism”.

Lenine (1916) – Monopólio capitalista leva ao Sistema Geral mundial.

“Saint-Simon é um génio”. «Saint-Simon... a genius»

Lenin fala-nos da utilidade histórica do capitalismo de monopólio.

Monopólio elimina competição e traz socialismo.

Transição para ordem social e económica mais elevada – de competição para completa socialização.

Monopólio é a transição de capitalismo um sistema melhor – socializado.

O sistema de monopólio controla força de trabalho, transportes, etc.

Imenso progresso na socialização de produção.

«The old capitalism has had its day. The new capitalism represents... the transition from the capitalist system to a higher social-economic order... Monopoly is the transition from capitalism to a higher... social and economic system... Skilled labor is monopolized, the best engineers are engaged; the means of transport are captured...

immense progress in the socialization of production... a new social order, a transitional one from complete free competition to complete socialization...»

Única coisa que falta é eliminar apropriação privada.

Produção torna-se social, mas apropriação permanece privada.

«Production becomes social, but appropriation remains private. The social means of production remain the private property of a few. The general framework of formally recognized free competition remains, but the yoke of a few monopolists on the rest of the population becomes a hundred times heavier, more burdensome and intolerable»

Economia mundial e um único monopólio mundial.

Rápida expansão de uma rede fechada, que centraliza capital e concentra produção.

O resultado inevitável será uma única economia mundial.

Desenvolvimento rumo a monopólio, depois um único monopólio mundial – “a single world trust...this is indisputable”.

«We see the rapid expansion of a close network of canals... centralizing all capital and all revenues, transforming thousands and thousands of scattered economic enterprises into a single... world capitalist economy»

«...the division of the world among the international trusts has begun... development is proceeding towards monopolies, hence, towards a single world monopoly, towards a single world trust. This is indisputable...» Vladimir Illyich Lenin (1916), “Imperialism, The Highest Stage of Capitalism”.

LENIN (1916) – Natureza dos monopólios (1) – Estagnação e decadência.

Lenin faz algumas declarações extraordinárias.

“Capitalismo gera bens e inovação”.

“Monopólio visa controlo estático do mercado”.

“Restringe produção, limita-se a circular valores, congela inovação”.

“Todo o monopólio engendra estagnação e decadência”.

Isto é um bom prefácio para a teoria e a prática da economia socialista utópica, que Lenin estava em vias de fundar, na Rússia.

«Typical of the old capitalism, when free competition had undivided sway, was the export of goods. Typical of the latest stage of capitalism, when monopolies rule, is the export of capital...»

*«...all monopoly... inevitably engenders a tendency to stagnation and decay. Since monopoly prices are established, even temporarily, the motive cause of technical and, consequently, of all progress, disappears to a certain extent and, further, the **economic** possibility arises of deliberately retarding technical progress. For instance, in America, a certain Owens invented a machine which revolutionized the manufacture of bottles. The German bottle-manufacturing cartel purchased Owens' patent, but pigeonholed it, refrained from utilizing it... the tendency to stagnation and decay, which is characteristic of monopoly, continues to operate, and in certain branches of industry, in certain countries, for certain periods of time, it gains the upper hand» Vladimir Illyich Lenin (1916), “Imperialism, The Highest Stage of Capitalism”.*

LENIN (1916) – Natureza dos monopólios (2) – Destrói capitalismo.

“Capitalismo está moribundo” – transição de capitalismo para monopólio.

Livre competição e produção de bens, as características essenciais do capitalismo.

Monopólio é o oposto exacto de capitalismo.

Destrói pequena indústria, concentra produção e capital, reduz produção.

Concentra cartéis, sindicatos, trusts, bancos.

«...capitalism in transition... moribund capitalism... the main thing in this process is the displacement of capitalist free competition by capitalist monopoly. Free competition is the fundamental characteristic of capitalism, and of commodity production generally; monopoly is the exact opposite of free competition... forcing out small industry... carrying concentration of production and capital... cartels, syndicates and trusts, and... a dozen or so banks, which manipulate thousands of millions...» Vladimir Illyich Lenin (1916), “Imperialism, The Highest Stage of Capitalism”